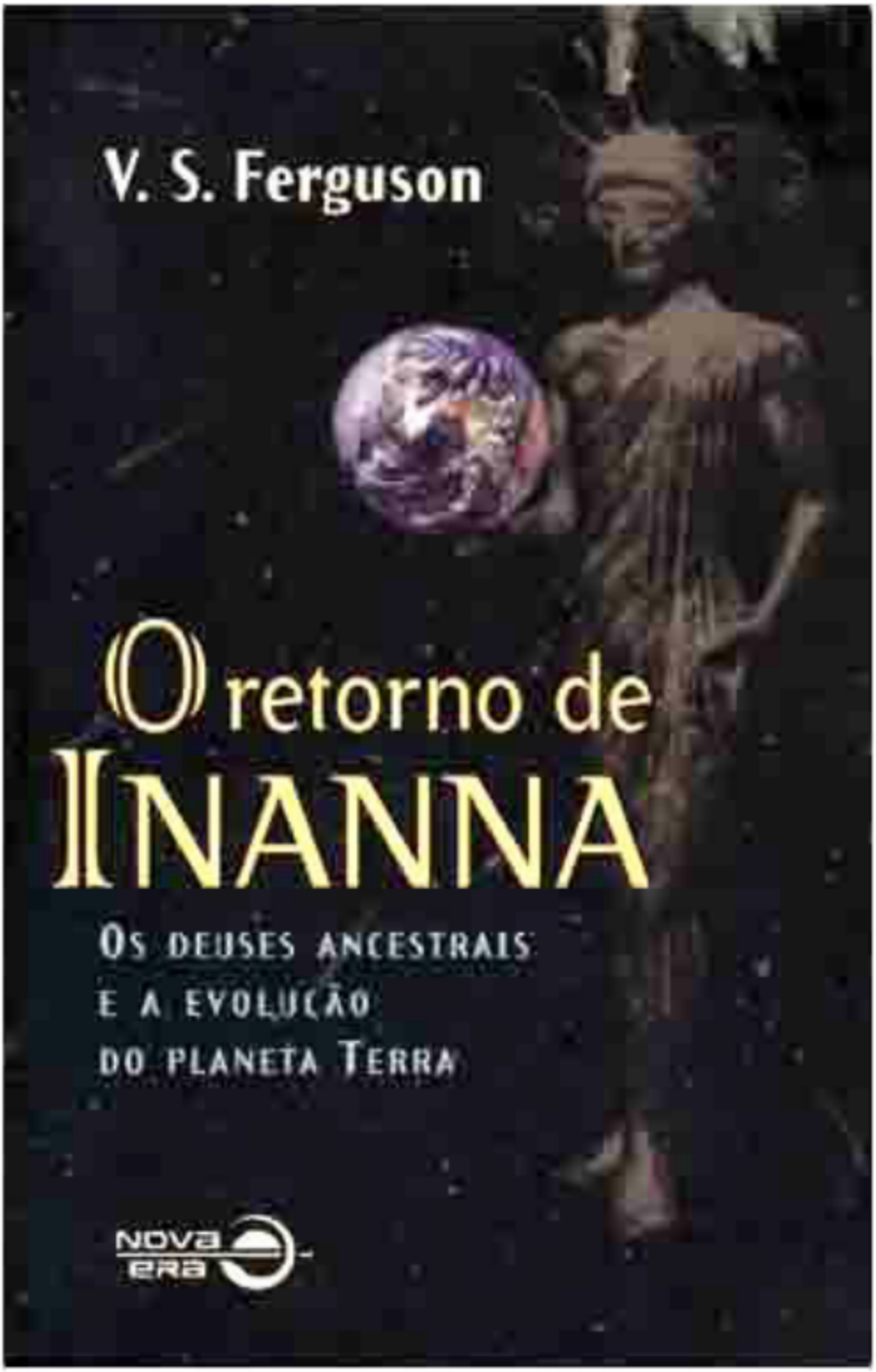

O Retorno de INANNA

V. S. Ferguson

«O Retorno da Inanna» foi escrito em seis meses por meio de «transcrição automática». Usando a memória de vidas passadas de V. S. Ferguson, Inanna revela como ela e os outros «deuses» se inseriram através do tempo em seres multidimensionais de carne e osso como nós, para ativar nosso DNA latente e liberar à espécie humana.

PALAVRAS DA AUTORA

Em 1990, enquanto lia o livro de Zecharia Sitchin, «A Guerra dos Deuses», comecei a ter visões da vida de Inanna. Suas experiências como bisneta de Anu, do planeta Nibiru, tiveram vida para mim durante um lapso de seis meses. As visões eram tão reais e familiares, que houve momentos em que pensei que eu era Inanna. Anos depois, Inanna voltou para mim e me pediu que escrevesse sua história para ela. Assim publiquei por minha conta «Inanna Returns» (O Retorno de Inanna) e um ano mais tarde, «Inanna Hyper- Luminal».

Após, estive me esforçando por compreender as conseqüências do que aprendi de Inanna. Tentei estabelecer a conexão entre a condição humana e as manipulações genéticas dos extraterrestres, incluindo Inanna e sua família. Seguir por este atalho, levou-me a investigar cada um dos aspectos da experiência humana: nossa história que se repete, a destruição do meio ambiente, a ameaça das mudanças terrestres, os governos e suas agências secretas, a economia e a reserva federal, as guerras intermináveis, e nossosmeios de comunicação controlados pelas corporações com seus tentáculos de propaganda, as companhias de relações públicas.

O único elemento lógico que encontrei em tudo isto, é o fato de que a família de Inanna possuía uma «disfunção» e,

parece, deixaram uma marca genética em nós que nos induz a nos comportar como meninos maltratados que continuam transmitindo, através de nosso DNA, os padrões decomportamento disfuncional às gerações seguintes.

Para onde conduz isto e quando acabará, ninguém sabe. Mas Inanna e eu esperamos que na busca de uma visão maior e completa possamos, através do conhecimento, liberar a nós mesmos do miasma de amnésia em que todos vivemos.

Espero que estas páginas lhes ajudem, de algum jeito, a recordar quem são, para que possam «conhecer a verdade e essa verdade lhes fará livres». E para que nós, a raça humana, possamos nos reunir muito em breve com o resto do Universo como co-criadores soberanos em nosso caminho para Casa.

Vemo- nos no Coração.

V.S. Ferguson

PALAVRAS DE INANNA

Eu, Inanna, retorno para contar como, faz 500 .000 anos, minha família das Pleyades tomou posse da Terra e alterou o genoma humano com o fim de produzir uma raça de trabalhadores criada para extrair ouro destinado à esgotada atmosfera de Nibiru, nosso planeta e lar. Como fomos tecnicamente muito superiores, esta raça de trabalhadores — a espécie humana — nos adorava comoa deuses. Aproveitamo-nos deles para liberar guerras em meio de nossas disputas familiares intermináveis até que, de um modo estúpido, desatamos sobre a Terra a terrível arma gandiva, que enviou uma onda de radiação destrutiva por toda a galáxia.

Isto enpróprias fureceu à Federação Intergaláctica. Por causa de nossas ações, vimo-nos restringidos por "A Parede", uma prisão de freqüência que congelou nossa evolução.

Retornem comigo à antiga Suméria, a Babilônia e ao Egito. Dentro de meus Templos do Amor, dou a conhecer segredos antigos da união sexual cósmica pleyadiana e de meus matrimônios sagrados. Através de meus olhos contemplem a Torre de Babel, o Grande Dilúvio, os Túneis das Serpentes e os cristais em espiral na pirâmide de Gizé.

Viajem comigo pelo tempo até a Atlâ ntida, Cachemira e o Pacífico Noroeste dos Estados Unidos à medida que encarno em meu Eumultidimensional para pôr a funcionar os códigos genéticos que estão latentes dentro de sua espécie e para libertar a Terra do controle por freqüências que exerce meu primo, o tirano Marduk.

A Editora

A muito tempo conheço as histórias de nossos ancestrais pleyadenses, os deuses que manipularam nosso DNA, usaram - nos como operários e nos ocultaram a verdade o quanto somos realmente usados para beneficiar a eles . Tinha lido sobre eles, ouvido falar deles e lido passagens de livros sobre as Pleyades tais como Bringers of the Dawn e Earth. Parecia- me que já conhecia bem essas histórias. De modo que quando Susan Ferguson me chamou para me perguntar se estava interessada em editar O Retorno de Innana, quase lhe respondi: "Oh, não, não mais histórias de deuses!" Mas algo dentro de mim, disse: "Não responda tão rapidamente, há um presente para ti nisto".

Eu escuto meu guia interior; além disso, cai - me muito bem Susan, e estava na lista para outro projeto, de modo que lhe disse que eu gostaria de ler o rascunho.

Susan me enviou a primeira parte de seu livro. Foi de uma leitura rápida, engenhoso, bem contado e me afetou profundamente. Através da voz de Inanna, os deuses se apresentaram de uma maneira realista e prática. Eram egoístas e fastidiosos, comportavam-se como pessoas que conheci antes e com as que não queria interatuar. Reclamando, disse a Susan: "Inanna é tão malcriada e obstinada e tão desatenta às conseqüências de suas ações. Supõe-se que é uma deusa! " Susan respondeu: "Exatamente!malcriados e egoístas que obtêm o que querem ou brigam. É difícil Os deuses foram adolescentes eternos, meninos de acreditar que lhe tivéssemos entregue nosso poder a alguém tão ordinário e ambicioso e, entretanto, fazemo-lo constantemente uma e outra vez".

Tiveste já a sensação de ter ouvido algo tantas vezes que te faz pensar que o compreende muito bem, mas vem alguém e te diz uma coisa que possivelmente já ouviste antes, mas por alguma razão a escutas de um modo muito diferente, e essa coisa mudou

toda a perspectiva? As palavras de Susan me trouxeram um grande descobrimento: estes deuses são gente real que nos manipula m para nos fazer acreditar que são deuses. E como eu tinha acreditado que estes personagens eram deuses e já estava zangada porque não se comportavam como eu esperava que se comportassem os deuses, significava isso que ainda lhes estava entregando meu poder, esperando que fossem mais sapientes, mais compassivos que um humano comum, como eu? Tinha ainda essa enorme brecha em minha consciência que separa o divino e o humano em duas categorias completamente diferentes?

Li de novo a história, com outros olhos, e desta vez a senti no centro de meu ser. Inundei- me em um

Inanna, cuja voz ressonava tão veraz à medida que contava suas sentimento de respeito por histórias. Ela estava contando sua história exatamente como aconteceu; sabia que ela e os membros de sua família eram ególatras, malcriados, e que tinham feito muito mal aos humanos e à Terra. Ao não dissimular ou tratar de justificar suas ações, feito, e estava aqui para remediálnanna estava aceitando a responsabilidade pelo que eles tinham -lo.

De uma maneira muito singela e em uma linguagem fácil de entender, Inanna apresentou

podia sentir e compreender. Para mim, as histórias já não eram os deuses como pessoas às que

simples mitos; minhas lembranças latentes se estimularam e conheci a família de Anu como se fora minha própria família. Dava- me conta de que Inanna estava fazendo exatamente o que eu tinha estado fazendo em minha vida: indo ao passado para sanar as feridas, para evoluir. De repente se desmistificou e descanonizou os deuses e os conheci então.

Enquanto trabalhava na primeira parte, Susan estava terminando a segunda e me enviou isso. Estava muito intrigada quanto a como continuaria a saga na segunda parte do livro. Os deuses estavam atualizados, eram personagens do século XX que tratavam de sana r todas as feridas que tinham causado ao encarnar na forma humana para ativar os gens latentes e para devolver o conhecimento que com tanto afinco tinham ocultado. E era claro que tinham feito um trabalho tão bom para "nos desconectar", que retificar o passado não foi tarefa fácil para nenhum deles.

Cheguei a conhecer Inanna muito bem e a amá-la muito. Freqüentemente sinto sua presença. Confio na claridade e a verdade que há dentro dela, e acredito em seu desejo sincero de retificar as ações irrefletidas e egoístas de sua família. Também cheguei a amar muito a Susan, e lhe agradeço por ter tido a coragem de nos trazer para a Inanna para que contasse sua históricos.história, e por sua diligente investigação para corroborar os fatos Desfrutei muitíssimo o trabalho com este livro. Para mim foi uma experiência poderosa. Precavi- me de muitos campos onde ainda estava programada para acreditar, coisas que não me serviam. Compreendi e senti profundamente minha conexão com estes tinha tentado antes. Em seu próprio estdeuses, e exigi meu legado como um deles de um modo que não ilo franco, Inanna compartilha sua sabedoria e acuidade de engenho para que se feche a brecha entre os deuses e os seres humanos. Ela recalca uma verdade singela, uma verdade muito importante: nós somos os deuses, sim, temos o conhecimento e o poder; está dentro de mas está lá. Somente temos que acreditar nele para ativánosso DNA, só esteve inabilitado e latente dentro de nossos gens, -lo.

Tera Thomas

Fevereiro de 1995

Pittsboro, Carolina do Norte

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE: A família de Anu

01. - Inanna fala

02. - Nibiru

03. - Ninhursag

04. - Enlil

05. - Enki

06. - Dumuzi

07. - Ereshkigal

08. - Os Templos do Amor

09. - Marduk e a Guerra

10. - O EKUR

11. - Gilgamesh

12. - Utu e os Túneis das Serpentes

13. - Sargão o Grande

14. - Tara

15. - Gandiva

16. - Interferência

17. - Descida

18. - Para os meninos

SEGUNDA PARTE: Melinar e os Eus Multidimensionais

01. - Os Sapatos

02. - Os Brilhantes

03. - Olnwynn

04. - Montanha Perdida

05. - O Guardião dos Cristais 06. - O passado inexistente 07. - Um pouco de interação

08. - Chandhroma

09. - Livros e Sapatos

10. - O mundo das aparências

11. - A Cortina

12. - Voando ao Tibet

13. - Almoço com Marduk

14. - O Homem ideal

15. - Um Helicóptero Negro

16. - A nave nodriza

17. - Fusão

18. - Pó Cósmico

19. - Depois

PRIMEIRA PARTE: A FAMÍLIA DE ANU

I.- INANNA FALA

Eu, Inanna, sou tão amada.

De muitas maneiras, sou o amor perse.

Nós como pleyadenses sempre soubemos que o amor é a essência da criação. Tudo o que fomos sempre é amor; amor à aventura, amor ao poder e amor à diversão. Esta é a história de minha família, a família de Anu, que chegou a seu planeta das Pleyades faz mais de 500.000 anos terrestres. E, como verão, nossa história é também sua história, porque em nossos laboratórios, minha família criou sua espécie tal como existe agora. Nunca fomos realmenteexperimentados. Minha família tinha estado divertindosuperiores a vocês, simplesmente muito mais -se no universo muito tempo antes de que chegássemos à Terra. Vocês foram nosso experimento genético na periferia desta galáxia. Retornemos ao começo. O tempo é o campo de jogo dos deuses e, qual tempo usaremos? O seu ou o nosso? Em realidade o tudo se funde. O pensamento é projetado para o espaço através tempo não existe, mas é

útil porque se um não marcar limites, das freqüências infinitas de tempo que são va riáveis. Existe uma diferente ao tempo que nós vivemos. Da perspectiva humamultidão de freqüências de tempo, e o tempo terrestre é muito na, parece que nós vivemos para sempre, o que nos facilita muito poder nos divertir com os habitantes da Terra.

Como criamos a raça humana em sua forma atual sem ativar todo

o seu DNA, nunca nos ocorreu que poderiam ser algo mais que nossos escravos, ou que poderiam executar tarefas mais complicadas que cozinhar, limpar ou extrair ouro. Viemos à Terra para uma operação de mineração remota. Começamos a ensinar a nossos humanos, e os chamamos Lulus. Como desfrutávamos tanto do jogo com os Lulus, apegamo-nos muito a eles e começamos a nos cruzar com eles. Apaixonamo-nos por nossa própria criação.

Mas não podíamos deixar de brigar entre nós mesmos. Os Lulus nos adoravam como a deuses, uma prática que fomentávamos, e

os enviávamos à batalha a lutar e morrer por nós como peões em uma partida de xadrez. Eles estavam mais que dispostos a enfrentar-se à morte só para nos agradar, e os víamos como uma fonte renovável, pois sempre podíamos criar mais.

Logo cometemos o engano de usar a Grande Arma Radioativa, a Gandiva. Como resultado, ondas de radiação letal fluíram para o sistema solar, para a galáxia, o que chamou a atenção do Conselho da Federação Intergaláctica. Quando se deram conta de nosso comportamento imprudente, interferiram. Eles diriam "intervir". Minha família tinha estado tão ocupada lutando, competindo e jogando que se esqueceu por completo do chato Conselho. E além do mais, a Terra era nossa.

Os membros do Conselho argumentaram que a Terra tinha sido colonizada antes de chegarmos, e que tínhamos infringido a Lei do Primeiro Criador ao pôr em perigo outros mundos com nossas maravilhosas armas. Também nos acusaram de alterar as capacidades genéticas da espécie humana, despojando-os assim da habilidade para evoluir. Acusaram - nos de violar a Lei de Não Interferência. Enredados em meio de nossos próprios problemas, pareceu-nos que isto não era assunto deles. Nossa família, a família de Anu, estava em guerra, irmão contra irmão.

Para nós, o Conselho da Federação Intergaláctica não importava em nada, até que nos vimos rodeados da Parede. Não era uma parede real, como uma de tijolo; esta era uma parede de freqüência invisível e, por conseguinte, para nós tudo começou a mudar. A magia desapareceu por completo de nossas vidas; já não havia faísca, não havia ação. A vida se voltou muito sólida e densa, deixou de circular. A Deusa da Sabedoria estava a ponto de nos ensinar algo que tínhamos esquecido, ou que possivelmente nem sequer tínhamos começado a aprender ainda. Ao princípio o aborrecimento nos confundiu, pois não o tínhamos experimentado antes, e nós não gostamos. Tornamo- nos irascíveis, quase humanos, o que verdadeiramente nós não gostávamos. Eternamente tínhamos estado nos expandindo e explorando o universo, criando com facilidade, nos divertindo. Nossas vidas tinham sido emocionantes com o poder infinito que tínhamos disponível, e logo nos sobreveio um estado de aniquilamento que nos deixou perplexos. Tínhamos deixado de evoluir. Aconteceu para nos ensinar por meio da experiência o que tínhamos feito aos Lulus na Terra, a Parede era a disciplina que nossas próprias ações tinham magnetizado para nossa existência.

Não podíamos acred itar que realmente tínhamos cessado de evoluir. Com relutância, dirigimo

- nos ao Conselho para fazer perguntas para nos fazer parecer sábios, para dissimular o fato de que não sabíamos o que nos estava acontecendo. Eles sabiam. Possivelmente são mais avançados que nós, mas não gostamoscom uma idéia tão deprimente.

Cuidadosamente o Conselho nos explicou que teríamos que outorgar aos terrícolas os mesmos poderes que nós possuímos! Informaram-nos que fomos responsáveis pelo que tínhamos feito. Que tolice! Nós não podíamos aceitá-lo. Podem imaginar que coisa chata seria se seus animais domésticos fossem iguais a vocês? Poderiam começar a falar e inclusive lhes dizer o que gostariam de jantar. Onde terminaria, com um jantar de quatro pratos e trufas de chocolate como sobremesa?

Muito chateados voamos para casa e, para variar, como era nosso costume, brigamos entre nós mesmos. Alguns imaginaram que a Federação estava conspirando com nossos inimigos; outros pensaram que o Conselho obviamente queria ficar com a Terra . Os sírios eram mais antigos no Conselho que nós os pleyadenses ou, eram-no os arcturianos? Alguns de nós cremos que era algo pessoal e começamos a nos culpar uns aos outros. Somos uma família fraturada na verdade.

Tentamos dissolver a Parede por meio de um sacrifício ritual colossal, belo e realmente horripilante a gosto dos que se consideram entendidos nestes assuntos. Mas nada aconteceu; nada trocou, a Parede ainda estava ali e nos voltamos ainda mais aborrecidos, estancados e desorientados. O desespero, anteriormente desconhecido para nós, cravou suas garras dentro de nossas almas, nossas almas répteis, para ser exatos.

Então eu, Inanna, Rainha dos Céus — eu adoro esse título —, retorno para falar. Retorno a vocês, meus terrícolas, meus Lulus. Retorno para prepará - los para a mudança vindoura em seu DNA, para a transformação completa de seu planeta Terra e de seus formosos corpos. E, naturalmente, espero me liberar a mim mesma no processo! Suponho que se uma mãe não nutrir a seus filhos devidamente, isto a persegue até que encontra a maneira de equilibrar a balança. Parece que eu também devo equilibrar o que criei, e de certo modo ser como uma mãe para vocês.O que me recorda minha maravilhosa infância em nosso planeta lar, Nibiru, e todos aqueles que foram como mães para mim.

II.- NIBIRU

Ao contar minha história, não me ocuparei do tempo linear como o conhecem. O tempo terrestre é ineficaz para descrever nossa relação com vocês. Um de nossos anos equivale a 3. 600 anos terrestres! O tempo pleyadense é elástico, expansível e interdi mensional. Alguns de nós podem viajar a qualquer ponto do tempo que escolhamos, podemos até alterar os acontecimentos desse tempo. Tais excursões têm seu preço, mas uma vez conquistado o talento que se requer, quem pode resistir? Viajar no tempo é um pouco divertido! Os conceitos fixos sobre o tempo simplesmente não existem, assim não os esperem neste livro. Minha infância foi uma época mágica para mim. Os tabletes de argila cuneiformes que se encontraram na Suméria e Babilônia dizem que eu nasci na Terra, o que é certo. Meu irmão gêmeo, Utu, saiu primeiro da matriz de minha mãe, o que lhe dava prioridade nos direitos de herdeiro. Entretanto, eu não permiti que este desafortunado acidente de nascimento me pusesse travas e, mais tarde na vida, compensei- me mesma com generosidade por essa pequena frustração.

Quando estávamos em condições de viajar, nos enviaram de retorno a nosso lar, Nibiru, um planeta artificial que tinha sido desenhado pela tecnologia pleyadense para procurar matéria prima neste sistema solar, e que dá a volta a seu sistema solar cada 3.600 anos. O planeta Nibiru foi dado a nossa família faz muitos eones e Anu, meu bisavô, herdou seu domínio de seu pai. Anu é o pai de Enlil, o qual é o pai de meu pai, Nannar. Minhamãe se chama Ningal e é a mulher mais adorável que conheci. Quero-a muito, mas freqüentemente me pergunto como me trouxe para o mundo!

Meu irmão gêmeo Utu e eu fomos os primeiros da família real que nascemos na Terra, como chamamos à Terra. Nessa época, ninguém sabia se as freqüências da Terra afetariam o DNA dos meninos pleyadenses. Por esses dias eram impossíveis de predizer as tormentas radioativas e as flutuações magnéticas deste planeta fronteiriço, de modo que nossos pais e avós não queriam correr riscos com nossos códigos genéticos preciosos.

Criaram-nos no magnífico palácio de meu bisavô Anu e sua rainha irmã Antu. Minhas primeiras lembranças reais são de minhas correrias e risadas pelos pisos polidos de lápis lázuli; de brisas suaves que brandamente moviam cortinas brancas enormes e que

acariciavam os formosos cachos escuros de meu cabelo. Minha risada enchia a casa. Meu pequeno corpo azul corria pelo mero prazer de sentir o piso fresco debaixo de meus pequenos pés rechonchudos! Todos me amavam e não havia quem me controlasse, só gente que me elogiava e me abraçava. A vida era perfeita!

A maioria dos membros de minha família tem pele de tons azuis variáveis, como turquesa e lápis lázuli cremoso mesclados, quentes azuis suaves que são conseqüência da

alta quantidade de cobre em nosso sangue. Este cobre nos protege da radiação cósmica que bombardeia nosso planeta do espaço. Nossa tendência contínua de fazer a guerra faz tempo acabou com o amparo natural de nossa atmosfera contra dita radiação, assim que nossos corpos se adaptaram ao aumentar o conteúdo de cobre. Durante eones estivemos pulverizando ouro em nossa estratosfera para melhorar a atmosfera de nosso planeta, e necessitamos de um fornecimento constante desse ouro. Essa foi nossa razão principal para colonizar a Terra.

Anu e Antu são as cabeças de m inha família e os governantes de Nibiru. Embora nossa tendência seja permitir que cada qual faça o que lhe agrade, inclusive até os extremos, eventualmente quase todos os de nosso grupo briguento acatavam as ordens de Anu e Antu.

Extremo é u ma boa palavra para descrever a Anu e Antu. Sei que podem parecer mimados, indulgentes ou imoderados mas, para mim, assim era a vida, a forma em que fazíamos as coisas. Eu adorava a meus dois bisavôs e eles por sua vez me adoravam, especialmente Anu. De fato, meu nome, Inanna, significa "amada de Anu", e mais tarde isto me permitiu um poder importante sobre o resto da família.

Em menina, em todas as partes me rodeavam a beleza e o amor. O palácio era um pavilhão aberto sem limites e sem paredes. Os arquitetos tinham desenhado o interior como o exterior e viceversa e, como nos protegiam reguladores de freqüência, não necessitávamos de

paradisíacos de todos os desenhos imaginávparedes ou vidro. Havia inumeráveis jardins eis que exibiam flores exóticas, novelo, aves e mariposas de todos os lugares das galáxias. Seria impossível descrever muitas das espécies posto que são desconhecidas na Terra. Alguns dos jardins

eram somente freqüências de luz e som; os nossos artistas de Nibiru adoram essas criações. Os jardins prediletos de minha bisavó Antu eram feitos de ouro e pedras preciosas, as flores freqüentemente eram

de rubi e safira com folhas de ouro e prata. Na Terra recriamos estes jardins em jóias para que nos fizessem recordar nosso lar. Nos escritos antigos da Terra há descrições verdadeiras desses lugares.

Anu e Antu adoravam as festas. Eles celebravam tudo; um equinócio, um cometa, os solstícios e, é obvio, os aniversários. As festividades se prolongavam por semanas, inclusive meses. Todo mundo vivia assim. Era minha vida.

Anu, que era de aparência agradável e generoso, sempre estava pensando em um presente maravi lhoso para sua querida Antu: um diadema novo, uma nave voadora ou um templo. O palácio devia ser enorme só para conter os presentes que lhe dava. Antu, que era bela e afetuosa, emanava gozo e prazer cabal. Sua paixão era preparar festas; tinha o dom para a organização e nunca lhe escapava o mínimo detalhe. Ela era o tipo de uma dessas anfitriãs consumadas que deixa qualquer um perguntando-se quem tem o poder, a esposa ou seu marido. Todos os das galáxias desejavam ser convidados ao palácio para desfrutar dos manjares da cozinha de Antu. Das tortas se formavam fantásticos palácios mágicos, e a fruta e sorvetes se exibiam apetitosamente por várias mesas. Nossos vinhos eram excelentes.

Nosso amor à beleza e a criatividade naturalmente se estende até o ato sexual, o qual é respeitado com a mais alta deferência por minha gente no Nibiru e através de todas as Pleyades. Se trouxerem seus conceitos terrestres sobre a sexualidade e a moralidade na minha história, seria melhor que fechasse o livro agora mesmo. Para nós, o

sexo tem que ver com as freqüências de energia e sua direção. Como nós usamos a energia sexual para criar

artística que todos nós aprendemos e desfrutamos. Vemomuitas coisas, seu ponto central e amplificação é uma forma -lo como a força pura de energia que brota do Primeiro Criador para o corpo e seus centros receptores. Quando já está no corpo, lhe troca a d ireção e se transforma segundo a habilidade e capacidade do indivíduo. Poderia-se comparar com um sistema de circuitos eletrônicos que modifica e distribui energia elétrica.

Foram Antu e Anu quem me deu o conhecimento da União Sagrada. Antu encarna as forças apaixonadas da criação e lhe tem por uma grande professora de dito conhecimento. Para mim foi uma honra que ela me ensinasse. O poder da expressão sexual é venerado e de muitas maneiras entre nós. Este conhecimento fazia parte de minha linhagem genética, e como venho do sangue

de Anu e Antu, nasci para amar e ser amada; por isso era sua preferida.

Nos Templos do Amor em Nibiru, eles escolhiam sacerdotes e sacerdotisas apoiados em sua habilidade para receber e transmitir as freqüências mais elevadas da União Sagrada. Para nós o prazer sexual não era nada menos que alívio e recreio. A uma escala maior, a união sexual é um grandioso gerador de néctar para o Primeiro Criador. A conexão do sexo com a vergonha e a culpa foi consumada na Terra por outro membro de minha família, certamente não fui eu, para escravizar aos Lulus e mantê-los temerosos. Em Nibiru é de conhecimento geral o fato de que o poder sexual é parte da existência.

Minha infância em

me adoravam. À mediNibiru foi como estar em um paraíso e todos da que crescia, minha educação recaiu sobre meu tia/avó Nin. Seu nome verdadeiro é Ninhursag, mas eu lhe chamo de Nin porque com ternura me cuidou quando eu era uma menina. Ela é como uma mãe para m im e a quero muito. É a filha de Anu, mas não de Antu. Anu podia ter, e as teve, todas as concubinas que desejasse. Nós somos muito tolerantes e expressivos e tinha pouca importância o que Anu desfrutasse de muitas outras mulheres. O que era importante para nós era a linha de sucessão: quem herdaria o poder de An u. Os matrimônios entre irmãos são comuns entre nós para assegurar a primeira linha de sucessão, e Antu era a irmã de Anu, e também sua esposa.

Já sei. Estão escandalizados, mas lhes adverti que não trouxessem sua moral aos assuntos de minha família. Por u m lado, o casar-se com a irmã de um explicava com toda claridade quem tomaria o poder. Pelo outro, causava estragos. Anu era muito ardente e tinha muitos filhos com muitas mulheres. Mas todos estes irmãos médios deram origem a muitas rivalidades e a confusão em nosso mundo e logo na Terra.Enlil, Enki e Ninhursag são os três filhos principais de meu bisavô, Anu. Enlil e Enki, ambos os varões, têm mães diferentes e Ninhursag, nascida de outra mãe, é a única mulher.

Anu e Antu sempre me consentiam, mas minha tia/avó Nin, que

por natureza era disciplinada e severa, deu-se conta de que eu tinha uma leve tendência a deixar que meus impulsos se transbordassem. Evidentemente eu nu nca vi isto como um problema. A Nin deu a ingrata tarefa de me educar e, embora de

vez em quando era dura comigo, sempre soube que me amava

muito. Em repetidas ocasiões necessitei desse amor.

III. - NINHURSAG

Ninhursag também é conhecida como a Deusa Mãe, a Senhora da Vida, a Senhora da Montanha e muitos outros títulos afetuosos. Uma brilhante geneticista e doutora, minha tia/avó Nin é a professora geneticista da casa de Anu. A mãe de Nin era uma formosa cirurgiã de quem Anu se apaixonou em u ma viagem ao Planeta da Sanação. A personalidade da mãe de Nin era muito diferente de Anu, e à medida que Nin crescia, encarnava a impecável auto-disciplina e determinação de sua mãe. Como não se inclinava muito pela festas intermináveis de Antu, Ninhursag pôs toda sua energia nas artes de sanação e melhoras genéticas. Possuía uma mente clara e aguda e o coração de um anjo.

Embora Nin tenha crescido em Nibiru, acompanhou seus irmãos à Terra para ajudar em sua colonização. A Enki e Enlil, os dois filhos de Anu, lhes tinha encomendado levar ouro e outros minerais úteis a Nibiru. O ouro era essencial para nós devido aos desequilíbrios que nosso guerrear constante tinham causado a nossa atmosfera.

Nesses dias, a Terra era considerada não mais como uma fonte de minerais, um forte fronteiriço de indústria mineira na borda da galáxia. Seus habitantes eram as criaturas selvagens que vagavam pelas planícies extensas pastando em uma abundância de ervas. Também estavam as raças do Povo da Serpente e do Povo do Dragão, que preferiam viver em túneis debaixo da superfície da Terra para proteger-se das tormentas radiativas e mudanças magnéticas que eram freqüentes.

Ninhursag, Enki e Enlil foram a Terra com emoção e resolução. devido a que Enlil era o filho de Anu e Antu e o

primeiro na linha de sucessão para herdar o poder de Anu, foi escolhido como o líder dos dois grupos de astronautas de Nibiru. Um grupo foi atribuído à nave satélite e permaneceu em órbita para inspecionar o planeta, informar sobre possíveis dificuldades e receber enlaces de trânsito. O outro grupo, que formava a maioria dos astronautas, baixou à Terra com o propósito de colonizar eventualmente todo o planeta. Estes chegaram a viver e trabalhar aqui e lhes chamou os Anunnaki.

Enki, o filho de Anu e uma princesa Dragão da Terra, era o segundo na linha de poder de seu pai. Ele era um engenheiro professor e tinha começado os projetos mineiros um pouco antes de que chegasse Enlil. Minha família inventou a rivalidade entre

irmãos médios e, como se poderão imaginar, estes dois filhos do mesmo pai e diferentes mães discutiam constantemente quanto às decisões que teriam que tomar. Ninhursag era nosso médica-chefe e professora geneticista na Terra e, por necessidade, a conciliadora da família. Os Anunnaki, nossos astronautas que com muito gosto seguiram a estes três filhos de Anu à Terra, estavam todos muito emocionados nas primeiras etapas da nova aventura. Como lhes tinham prometido riquezas e terra, os Anunnaki estiveram muito contentes por um tempo, mas ninguém estava preparado para uma escavação dessa magnitude! Eles nunca tinham feito algo tão físico, tão rotineiro, de modo que o trabalho nas minas de ouro se converteu em uma tarefa nefasta. Enki até tratou de compor canções para manter seus espíritos alegres. Mas muito rapidamente estes guerreiros, cientistas e engenheiros se voltaram mal-humorados e logo zangados. E, como os pleyadenses possuem uma espécie de "mente de grupo", o descontenta mento se pulverizou como o fogo, negaram-se a cavar um centímetro a mais.

Enlil e Enki estavam pasmados! Em casa sempre podiam motivar a seus "patrícios pleyadenses" O que terei que fazer? Não queriam ser desacreditados e ser mau vistos por seu pai Anu. Fiéis à natureza da família, os irmãos começaram a culpar-se mutuamente. Os insultos e brigas os levaram aos punhos e, depois de um pouco de sangue e umas quantas contusões, lhes ocorreu uma solução. Na Terra existiam muitas espécies das quais poderiam extrair material genético para produzir uma raça de operários escravos. Isto solucionaria todos seus problemas e manteria contentes aos Anunnaki; já se tinha feito anteriormente em outros planetas. Às multidões de astronautas que aclamavam lhes anunciaram que os maravilhosos "touros de Anu" haviam resolvido tudo! O capitalista Enlil e o grande Enki tinham a situação sob controle!

Imediatamente consultaram a sua irmã, Ninhursag, que também pensou que era uma boa idéia. Ela tinha estado administrando ervas curativas aos trabalhadores rendidos, e não gostava muito de ver os Anunnaki realizando este tipo de trabalho, especialmente às mulheres. De modo que, acompanhada do Enki, que também sabia de genética, retirou-se ao laboratório e começou a experimentar. Enlil se dedicou à agricultura, a desviar os rios e a construir obras de infra-estrutura, pirâmides e represas. Colonizar um planeta do tamanho da Terra era um projeto de envergadura.

Quando penso em laboratório, experimentando com o material genético que tinham Ninhursag e Enki sós trabalhando lá no reunido, vem-me à memória um dia no que tiveram uma disputa terrível. Nin perdeu por completo o controle de si mesmo e quase mata ao Enki. Como Enki sempre estava tramando maneiras de lhe levar a vantagem a seu irmão Enlil, queria ter um filho com sua irmã. Ele sabia que este menino, se era varão, seria considerado como um rival de Enlil e de seus filhos.

Assim Enki se aproximou de sua irmã. Ninguém se tinha atrevido antes a seduzir a Nin; não é que não fosse formosa. Minha tia/avó era muito bela e amável. Mas todo mundo se sentia intimidado por

sua capacidade, suas maneiras precisas e sua auto-disciplina veemente. Suponho que Ninhursag sempre tinha pensado que algum dia se casaria com um de seus irmãos. Seu pai Anu havia desposado a sua irmã, como era nosso costume. De modo que, obviamente, Ninhursag pensou em casar-se com Enlil ou com o Enki. Mas a mãe de Enki, Vão, tinha-o convencido de que se casasse no ramo de sua família terrestre, ou seja o Povo do Dragão, e Enlil se casou com uma enfermeira da qual se apaixonou perdidamente . Assim as coisas, não havia ninguém neste planeta remoto a quem Ninhursag pudesse considerar como seu igual. Como era idealista e obstinada por natureza, Nin preferi u não escolher a nenhum que fosse inferior a ela.

Ela era muito inocente quanto aos homens e não muito boa na arte da sedução. Não esperava que seu irmão casado a cortejasse e na verdade lhe mostrasse uma paixão e um ardor tão profusos. Cedeu ante as refinadas técnicas de Enki e se ruborizou como uma colegial . A pobre Nin simplesmente não estava acostumada a que a adulassem ou que a enganasse, um profissional como Enki,

que já tinha seduzido a tantas outras mulheres que não teve que pensar duas vezes na sua jogada seguinte. Ninhursag caiu na armadilha. Acredito que como era a primeira vez que lhe massageavam seu ego feminino se deixou afetar por hormônios muito poderosos.

Mas, para grande decepção de Enki, dessa união saiu uma menina. Ninhursag estava ditosa e idolatrava à menina; Nin amava a todos os bebês que conhecia; ela respeitava a totalidade da vida. Durante uma larga ausência de Nin, Enki esperou até que a menina alcançasse sua maturidade sexual e, pa ra surpresa e escândalo de Nin, procedeu a seduzir a esta filha e também a embaraçou! De novo, nasceu uma menina, mas isto não deteve

Enki. logo que a segunda filha começou a ovular, Enki lhe fez avanços, decidido a produzir um herdeiro varão.

Ninhursag estava enfurecida! A idéia de que Enki, o próprio pai, pudesse corromper e fazer vítimas a suas duas garotinhas ingênuas, produzia- lhe náuseas. Seu orgulho estava profundamente ferido. sentiu-se totalmente usada e decidiu pôr fim ao desenfreio de seu irmão. Cozinhou um elixir irresistivel mente delicioso, cheio de ervas virulentas e mortais que ela mesma tinha concebido. Enquanto Enki bebia o líquido com felicidade, Nin disse em voz baixa as palavras sagradas de seu feitiço e assim lhe atirou um malefício poderoso a seu irmão. Com a taça na mão, Enki desabou.

De uma maneira fria e desapaixonada, Ninhursag observou como Enki sofria uma morte lenta e penosa. Ela queria que ele sofresse do mesmo modo que a tinha feito sofrer a ela e a suas filhas; queria que ele compreendesse a dor. O miserável Enki começou a consumir-se e a envelhecer rapidamente, sua pele se tornou amarela. Ao temer o pior, Anu, pai tanto de Ninhursag como de Enki,

sentiu-se finalmente impulsionado a rogar a Nin para que desistisse do malefício e invocasse a magia curadora. Com o tempo, Enki se recuperou e implorou o perdão de sua irmã. Mas depois disso Nin mudou e já não voltou a confiar nos homens. Parece que minha família se assemelha a uma dessas telenovelas que são tão populares na Terra. Poderiam preguntar-se por que. Durante a produção real dos operários escravos, cometeram -semuitos enganos, alguns cômicos, alguns horríveis, alguns inexprimíveis. Quando por fim se achou a combinação correta de DNA, e se produziu o primeiro Lulu, o operário perfeito, o suficientemente inteligente para obedecer ordens, mas não o suficientemente preparado para pensar por si mesmo ou rebelar-se. E, claro, tinha que ser capaz de sustentar uma pá.

Entre as muitas espécies que existiam na Terra nessa época havia uma criatura chamada Homo erectus. Este gênero comia as ervas e vegetação, e acompanhado de gazelas e outros animais amigos, vagava pelos estepes. A criatura tinha o poder de comunicar-se telepaticamente com os animais e com os de seu gênero. Livres e selvagens, eles eram um com a sabedoria natural das freqüências da Terra. Conheciamo-los porque desarmavam as armadilhas que púnhamos para capturar a seus animais amigos. Esta criatura humana e os animais se amavam entre si respeitosamente. De todo o DNA que tín hamos disponível, o do Homo erectus era o melhor. Enki se ofereceu para que sua esposa, Ninki, desse a luz

ao primeiro Lulu. O material genético do Homo erectus se implantou no óvulo da fêmea pleyadense. O

sangue do homem se mesclou com o nosso, a dos "deuses", e se fundiram os potenciais genéticos. Assim, a espécie humana leva códigos genéticos pleyadenses e nosso DNA está para sempre combinado com o de vocês.

Usaram-se os óvulos das fêmeas Anunnaki para produzir mais Lulus até que lhes dotou da capacidade de reproduzir-se por si mesmos. Não todos os da família queriam que os Lulus se reproduzissem sem nossa ajuda, mas era muito mais fácil deixálos que continuassem o processo sem nós.

A espécie humana como a conhecem foi criada mediante os procedimentos genéticos bem-sucedidas de Ninhursag e Enki a fim de que nos proporcionasse mão de obra escrava em nossas minas de ouro. Aqueles primeiros Lulus, seus ancestrais, viam - nos como criadores, como "deuses". Nós fomentávamos essas crenças, porque nos facilitavam o controle sobre eles.

Aqui é onde eu entro no jogo. Para os projetos, minha família e os Anunnaki requeriam de um fluxo fixo e afresco de trabalhadores. Como Anu e Antu me tinham instruído nas artes do amor e a reprodução, meu trabalho era educar aos astronautas e aos Lulus quanto às freqüências mais eficazes da experiência sexual. Eu estava ditosa! Para este fim, fiz construir fabulosos templos e dava origem a cerimônias e ritos maravilhosos. Queria que minha bisavó, Antu, estivesse orgulhosa de mim. Modifiquei os ritos tradicionais tântricos das Pleyades para que se ajustassem a nossos objetivos na Terra.

Como nos divertimos naqueles dias! Alguns poderiam chamar orgias às minhas cerimônias, mas eu pessoalmente não referiria as minhas criações artísticas d e uma maneira tão crassa. A palavra orgia reflete a atitude triste da cultura contemporânea terrestre sexual é muito mais que uma fricção; é a chave de seu poder, é a para a união mais sagrada com o Primeiro Criador. A experiência secreção de todos os sistemas hormonais que elevam as energias experiência produz bebês mais saudáveis e magnetiza uma alma e unem dois seres em uma união sagrada. O respeito por esta similar à freqüência que se gera e emite.

As habilidades telepáticas dos Lulus os converteram em gênios. Esses primeiros tempos foram na verdade grandiosos. Ensinamos a nunca questionar nada.

IV. - ENLIL

Enlil é o primogênito deherdar o poder e trono de Anu. É, sem sombra deAnu e Antu, o primeiro candidato para dúvidas, o filho de minha bisavó, Antu, pois é uma pessoa minuciosa que se sobressai na logística. De Anu, Enlil herdou seu caráter apaixonado, o amor à ordem e uma grande beleza masculina. Seu cabelo é como o ouro e cai nos cachos mais perfeitos. É alto inclusive para nós que medimos de 2 a 4 metros de altura. Sua destreza física se reflete em sua restrição e apego a sua própria integridade. Enlil é o pai de meu pai, Nannar.

Parece que em toda sua história, meu avô cometeu somente um engano: violou a minha avó. Em minha família todos temos i nclinações sexuais muito ardorosas. Quando Enlil ainda estava jovem, deu um passeio ao lado do rio e se encontrou com uma formosa mulher que nadava nua. Seu corpo brilhava à luz do sol, seu cabelo ondeava molhado em correntes de ouro. Quando Enlil viu seus peitos debaixo das águas, a luxúria o invadiu.

O pobre Enlil tinha pensado em uma armadilha. A mãe desta bela nadadora a tinha convencido de seduzir Enlil desta maneira para que ficasse bem casada, e o plano funcionou à perfeição. Enlil a obrigou à relação sexual, o que vai contra nossas leis. Procuraram Enlil e o prenderam, fizeram-lhe um julgamento e o enviaram ao exílio. Não acredito que tenha esquecido a humilhação que lhe produziu esse castigo. Estava apaixonado pela garota e suplicou a seus pais que lhe permitissem casar-se com ela. Depois das bodas, perdoaram-no, mas ele nunca esqueceu e, até onde eu sei, jamais voltou a cometer um engano.

Foi possivelmente esta experiência de erotismo desenfreado o que deixou Enlil com a tendência a julgar as paixões de outros. À medida que os Lulus se multiplicavam, os Anunnaki e os membros de minha família começaram a copular com eles. O nível de interesse sexual saiu do controle e isto zangou a Enlil. Ele nunca esteve de acordo com que lhes déssemos a capacidade de reproduzir sem nosso controle total. Os rasgos inimitáveis das capacidades telepáticas dos Lulus lhe adicionavam uma emoção desconhecida à experiência sexual, especialmente depois de que eu os treinei.

Correu o rumor de que os "deuses" estavam indo aos bosques para brincar e reproduzir-se com os Lulus. De vez em quando, os Anunnaki perdiam o julgamento e expressavam suas paixões

desenfreadas aí mesmo nas ruas da Suméria! Os Lulus eram tão lindos! Me parecia tudo muito divertido.

Naqueles dias, o nascimento não era o processo doloroso que conhecem hoje; era fáci l e um momento mágico para ser Um com a Deusa de toda a vida. Era um momento para expressar união com todo o cosmos, para formar mais manifestações do Primeiro Criador. Não era um momento de dor! Certamente não nos envergonhávamos de nossos corpos e suas funções. As Nibiruenses e as Lulus desfrutavam da situação. Cada nascimento nos trazia mais Lulus e mais festividades, mais diversão e mais cerveja! Mencionei que com os grãos silvestres que cresciam na Terra desenvolvemos o aguamiel e as cervejas mais deliciosas? As dávamos aos Lulus como recompensa por seu trabalho e nós mesmos tomávamos.

Cada vez Enlil se sentia mais incomodado com a copulação desenfreada entre os Anunnaki e os Lulus. Isto lhe causou uma obsessão, pensou que nossa estirpe se

estava corrompendo por causa deste cruzamento inverificado, e se zangou pela proliferação dos Lulus. Insone, Enlil começou a pensar em maneiras de reduzir a população Lulu, depois de todo o trabalho que eu realizei.

Já se tinham estabelecido muitas hierarquias sociais entre os Lulus. Havia muita discussão quanto a quem tinha mais "sangue divino", quem estava aparentado com qual "deus" e até onde se prolongava sua linhagem, assim como hoje em dia muitos humanos pretendem pertencer a tal ou qual realeza.

Já estivemos sobre e ao redor da Terra durante quase meio milhão de seus anos. Os Lulus só começaram a escrever a respeito de nós nessas tabuletas de argila faz 5.000 anos. Pensem nisso: transcorreram séculos enquanto as histórias passavam de recordação em lembrança. Nos primeiros tempos os Lulus tinham uma maior capacidade de memorizar dados; não obstante, a consciência que eles tinham de nós como "deuses" oniscientes era controlada por nós. Eles foram engendrados pa

ra não questionar, e ao que o fazia lhe esquivava ou lhe assassinava. Nós necessitávamos de operários e não queríamos que os Lulus chegassem a ser iguais a nós; manti nhamo-los limitados. As tabuletas de argila registram somente o que nós lhes permitíamos

copiar aos escribas.

A idéia de que a população Lulu chegasse a invadir a Terra perturbou mais a Enlil. Queria desfazer-se deles mas, como? A quem terei que matar?

Enlil convocou uma reunião da família. Demandou que se fizesse algo quanto aos Lulussolenes quanto ao assunto. É obvio, a velha rivalidade de irmão , e começou a exortar

seus pontos de vista contra irmão começou a esquentar-se. Enki se opôs firmemente! Queixou-se de que depois de todo o tra balho que ele e Ninhursag tinham para produzir trabalhadores tão eficientes, era algo absurdo sequer pensar em destruí-los. Possivelmente havia muito mais ruído lá fora, mas pelo menos agora havia mãos suficientes para cavar nas minas de ouro. Os irmãos bramaram e se enfureceram como de costume.

Enlil não queria trocar de idéia apesar das súplicas de seu irmão. Os filhos de Enlil e Enki se uniram à disputa, e houve muita irritação em ambos os lados, mas ao final, como ele é filho número um, Enlil prevaleceu. Seu plano não os mataria a todos, somente àqueles desafortunados que morreriam de fome, de modo que se arrumou a primeira escassez de mantimentos. Quando Enki e seus filhos saíra m da reunião, estavam forjando um plano para bloquear Enlil, porque mesmo que a fome resultante fez que o canibalismo se pulverizasse por todo o país, passou-lhes comida de contrabando aos Lul us e a maior parte sobreviveu. Supõe-se que Enlil tem autoridade inapelável sobre o resto de nós por ser o primogênito, mas não era tão fácil, porque somos uma família de indivíduos de caráter forte. Todos somos obstinados em acrescentar nossos poderes, e nós não gostamos muito de fronteiras ou limitações de nenhum tipo. Enlil é igual; é filho de Anu, que nunca seguiu a ninguém em nenhum assunto. Uma vez que Enlil tinha tomado uma decisão e fixado seu rumo, era improvável que pudéssemos dissuadi-lo ou que desse um passo atrás.

Enlil era o chefe de comunicações da estação espacial que dava a volta a Terra e foi o primeiro a saber da mudança polar que se aproximava. Muito por cima do planeta, os astronautas começaram a observar as flutuações magnéticas e os bamboleios inevitáveis. O eixo do planeta estava a ponto de voltear-se. Isto o tínhamos notado antes,

mas nunca tinha havido uma população tão numerosa para evacuar. Enlil guardou tudo em segredo e decidiu aguardar até o último momento possível, de modo que só houvesse tempo suficiente para transportar as famílias de Anu e aos Anunnaki à estação de embarque. Assegurou-se de que não houvesse tempo suficiente para resgatar aos Lulus. Enlil queria sair-seconseqüências.com a sua, por cima de Enki, sem importar as

De uma forma inesperada o Grande Dilúvio nos caiu em cima. Enki enviou a seu piloto, Matali, para que me recolhesse. Nem sequer tinha empacotado! Lembro quando estava de pé em meu quartotratando de decidir quais jóias levar. Tinha tantos colares de ouro, lápis lázuli, braceletes de esmeralda e marfim; se só pudesse levar uns baús a mais. Matali se esquivava de minha frustração e me dizia que me apressasse. Eu não conseguia compreender a gravidade do que vinha.

Lembro muito bem quando estava sentada na nave, chorando nos braços de Ninhursag. Dos portais vimos como uma onda tragava as planícies da Terra e arrastava os nossos preciosos Lul us. Nunca antes tinha experimentado uma perda, eu não estava pronta para sentir uma pena assim. Era como se eu também me estivesse afogando. Em meu coração ouvia os gritos dos Lulus desesperados; em minha imaginação via as mulheres que eu tinha treinado em meus Templos, aferrando-se a suas colunas, rezando a mim, entre todas as pessoas. Mas suas orações não foram respondidas e se inundaram na morte; suas túnicas brancas flutuaram por um momento em bolhas ondulantes e tudo terminou.

Me partiu o coração. Não sabia quanto amava aos Lulus; não sabia que uma parte de mim permaneceria com eles debaixo desse cruel dilúvio. Ninhursag era a única que parecia compartilhar minha tristeza. Choramos de

desespero. Quem nos prepararia deliciosas cervejas? Quem procuraria o ouro?

Esta vez a rivalidade entre o Enlil e Enki tinha servido de algo. Os espiões do Enki lhe tinham informado da mudança polar. Em todas as culturas antigas da Terra há histórias de um dilúvio e um Informado de que haveria um grande dilúvio, Enki resolveuhomem que se salvou em um arca. Enki escolheu a esse homem. salvar pelo menos uma família dos Lulus. Em meio de sua vaidade, essas histórias dizem que Noé foi escolhido por sua bondade, pois, escolheu um homem de sua mesma dotação genética. Todas não, Noé incluso se parecia com Enki. E não houve um arca, foi

um su bmarino, e os animais "em pares" era realmente material genético armazenado apropiadamente para que pudessem se recriados mais tarde. Desafiando a Enlil, Enki resgatou os Lulus. Quando Enlil descobriu os Lulus sobreviventes, enfureceu-se. Com seus filhos, lançou acusações de traição e outros crimes abomináveis contra Enki e seus filhos. Enlil sustentava que Enki tinha desafiado as leis de Anu. Por conseguinte, Enki pronunciou o melhor discurso de sua vida, astutamente elogiando e lisonjeando

a

grandeza de sua sabedoria visionária, tinha escolhido o material Enlil por seu plano "divino". Disse que Enlil, em meio da genético de entre o lixo das espécies e chegou até ao melhor que havia entre os Lulus. E que se esses sobreviventes solitários tinham suportado os horrores do dilúvio, então seus gens deveriam ser dignos de servir a Anu e aos Nibiruenses.

Para nossa surpresa, Enlil acreditou! Acredito que estava trocando de opinião, pois onde conseguiria os operários

para as minas e para construir seus monumentos?

Cada membro da família jurou solenemente nunca mais voltar a destruir os Lulus. Em um momento de generosidade sincera, e possivelmente um pouco de culpa, Enlil concedeu a vida eterna a Noé, pelo menos como a conhecemos. Preparou -se então todo tipo de leis para regular a copulação e reprodução dos Lulus. Embora tudo resultou bem para as duas partes em conflito, houve uma mudança, uma piora da rivalidade entre Enlil e Enki. Nós sabíamos que essa grande rivalidade ocasionaria outras dificuldades no futuro.

V. - ENKI

Nós os pleyadenses nos consideramos da raça de origem réptil. Como evidência de nossa conexão com vocês, a espécie humana possui um cérebro réptil localizado no cerebelo, o qual controla as funções autônomas do corpo. Em todos os mundos, incluindo osistema solar pleyadense, abundam muitas raças. Em sua linguagem não há palavras para descrever estas raças; nem sequer poderiam pronunciar esses nomes, pois os sons lhes seriam muito estranhos.

Quando Anu chegou pela primeira vez a Terra faz 500. 000 anos, o Povo do Dragão e o Povo da Serpente já estavam aqui. Obviamente, não queriam compartilhar seu planeta . Anu queria o ouro, mas o Povo do Dragão temia que ele não respeitaria seus métodos pacíficos. Eles tinham demorado eones distribuindo linhas de energia magnética ao redor da Terra e tinham construído inumeráveis túneis em colaboração com o Povo da Serpente. Os vórtices de energia que potencializam suas civilizações se encontram nesses túneis junto com enormes armazéns de pedras preciosas e metais. Houve um bom número de batalhas na Terra e em seus céus, mas finalmente se fizeram acertos, demarcaram-se limites, e Anu aceitou casar-se com uma

princesa Dragão chamada Vão para selar a aliança. Desta união saiu o menino Enki.

Vão é muito formosa. A Anu pareceram misteriosamente atrativos seus olhos vermelhos e sua pele metálica dourada. Seu filho, Enki, tem um porte de elegância aristocrática e tem uma cauda. Eu gosto da cauda, acredito que lhe adiciona mistério à seu rosto de Merli n. Também tem orelhas bicudas com lóbulos largos, o que parece ter causado um pouco de confusão quanto a quem realmente é, mas o fato de Enki ser parecido com a criatura mítica chamada o Diabo é completamente acidental. Meu querido Enki é um ser bondoso cujo defeito principal consiste em ser incapaz de dizer "não".

Certamente não é um demônio.

Enki foi educado em Nibiru. A sua mãe, Vão, não gostava de ir muito as festas sem fim que oferecia minha bisavó Antu, de modo que Vão e Enki estavam felizes de mudar-se d a Terra. Ali Vão vivia com sua gente nos túneis, e Enki construiu um formoso reino no mar chamado Abzu. As estruturas do Abzu foram construídas de prata e lápis lázuli. Tinha parte no alto de uma montanha e parte inundada sob a água. Isto era algo prático, pois a parte inundada oferecia amparo das ondas de radiação incertas que se estendiam pela Terra nos primeiros dias.

e desviava águas. Como era um amante da água, freqüentemente Quando Enki não estava trabalhando no Abzu, construía represas remava sozinho pelos pântanos da Suméria e Babilônia em um bote pequeno e estudava os peixes, insetos e ervas que havia nas ribeiras dos rios. Enki amava seu planeta. Suponho que o aprendeu de Vão. A beleza da Terra corre pelo sangue de seu povo antigo. Infelizmente, Anu enviou Enlil à Terra depois que Enki tinha estado ali um bom tempo. Quando En lil chegou

para fazer-se líder da colônia, Enki lembrou o fato de que ele era o filho legítimo de Anu, de modo que ele não tinha que aceitá- lo. Dividiram -se os domínios. A Enki tocou o Egito e o Abzu. Enlil assumiu o controle da Suméria, as operações mineiras na África, o em órbita, como os que estavam na Terra. Ninhursag me contou porto espacial e o tráfego dos astronautas, tanto os que estavam que Enlil e Enki brigavam quando eram meninos. Em segredo ela pensava que Antu os tinha enviado àcontínuas não interferissem com suas festas.Terra para que suas rixas Enki não incentivou muito às pessoas do Dragão para que colaborasse com seu meio irmão Enlil. Os Dragões naturalmente preferiam a Enki, pois era um deles e protegia muito a sua mãe,

Vão. Enki não estava de acordo com nenhuma das decisões que tomava Enlil, o que causou estragos na Terra. Nenhum dos dois tinha razão nem estava m equivocados, cada um queria sair-se com a sua e ter o controle absoluto. Os filhos de Enki e Enlil chegaram a compartilhar os mesmos sentimentos, e seus pais não vacilaram em utilizá- los em seus conflitos. Toda a família e os Lulus foram arrastados para esta rivalidade, que foi o catalisador de toda a desafortunada história da Terra.

Embora eu seja a neta de Enlil, desfruto sempre da companhia de Enki. Ele é alguém com quem se pode divertir; ama às mulheres, À medida que passava o tempo na Ta todas! Enlil é tão sério. Enki e Enlil são como a água e o azeite.erra, seguia-se subdividindo os territórios entre os filhos de Enki e Enlil para evitar a guerra. Era fácil ver que se eu mesma não corresse atrás, terminaria com as mãos vazias neste grupo briguento, de maneira que decidi fazer uma visita a Enki

Coloquei meu melhor vestido de ornamento, minhas melhores jóias e voei para o Abzu . Sabia que Enki

guardava os ME’s divinos lá e tinha a esperança de me aproveitar de sua debilidade pela bebida e as mulheres. Os ME’s estão apoiados em uma tecnologia que apenas se está descobrindo na Terra. Imagine um computador que contém todo o conhecimento do universo. Este computador transfere o conhecimento à mente do usuário em forma de hologramas. De modo que o conhecimento se transmite ao usuário holográficamente e em sua totalidade, assim que o conhecimento não ocorre por partes em forma linear. O possuidor dos ME’s tem um entendimento da informação que há em cada um dos ME’s instantaneamente. O conhecimento é poder; poder para criar civilizações, para predizer o movimento das estrelas, para viajar além da Terra, para regular a atmosfera, todas as ciências e as artes. Eu queria ter esse poder.

Como sempre, Enki estava predisposto. Enquanto elogiava minha beleza e encantos, abraçou - me de um modo inapropriado. Osserventes de Enki nos seguiram até um rincão acolhedor onde bolos especialmente preparados e cervejas suméhavia bandejas com manjares deliciosos importados de Nibiru, rias. Quando Enki estava distraído, empapei sua cerveja com minhas ervas mágicas. Estas ervhomens de idade cuja potência já está decaindo. Enki estava feliz as incrementam a freqüência de U m, especialmente em e não me podia tirar os olhos de cima, posto que sou tão humor e eu lhe contava as histórias mais engraçadasencantadora. Bebeu muita cerveja. Enki tem um grande senso de sobre as

sacerdotisas em meus templos. Festejamos, bebemos e rimos durante três dias. Em ma

is de uma ocasião dancei para Enki, algo assim como o número dos sete véus que pode ser tão eficaz, lhe encantou!

Finalmente, pedi-lhe os ME’s. Muitos dos filhos já os possuíam, e eu somente queria minha própria série. A princípio esteve resistente; ele sabia que isso estava proibido. Enlil se enfureceria se soubesse que os obtive sem sua permissão. Terei que dizer-lhe. Então, servi outro gole a Enki. Não via por que o grande Enki tinha que pedir algo a seu irmão! Contei-lhe uma história do templo particularmente picante. Enq uanto ainda ria, pedi-lhe os ME’s com minha voz mais doce. Enki estava tão excitado com minhas seduções que finalmente disse que sim! Acredito que também lhe produzia prazer a idéia de quanto Enlil ficaria zangado.

Enki começou a sentir os efeitos das ervas e ficou dormindo. Quando começou a roncar, guardei os ME’s em um estojo de ouro que havia trazido. Os ME’s se vêem como cristais de doze lados de grande beleza e cor e somente se podem ativar se a gente conhecer os sons sagrados que os fazem vibrar e emitir seus segredos. Em Nibiru, Ninhursag me tinha ensinado estes sons. Quando os roncos de Enki se faziam mais fortes, escapuli - me pela porta com os ME’s. Tinha levado duas naves comigo. Uma era oficial e a outra era minha nave privada. Tinha o pressentimento de que Enki poderia trocar de opinião e trataria de recuperar os ME’s quando despertasse. De modo que enviei minha nave oficial para casa como chamariz e me afastei em minha nave pequena, a que posso pilotar com facilidade.

Ao despertar, Enki não recordava muito bem o acontecido e seus serventes tiveram que lhe recordar que me tinha entregue os ME’s . Como se sentiu um pouco abandonado e usado, seu ego masculino entrou em ação. Com um grito ordenou a seus serventes que me perseguissem, que me trouxessem junto com os ME’s . Eu sabia que era um pretexto para que eu retornasse e para acalmar Enlil e aos

outros deuses. Com astúcia eu tinha previsto esta possibilidade e estava escondida a salvo clandestina mente em um santuário dos Dragões com meu ME’s.

Na família de Anu se tem o costume de que, se tiver a vontade para tomar o poder, respeitam-lhe por isso. Enki e Enlil estavam tão impressionados com meu atrevimento que me concederam o direito de conservar os ME’s. Nomearam-me membro do conselho familiar, o Panteão dos Doze. Eu tinha alcançado tudo o que queria e mais! Declarei-me Rainha dos Céus e da Terra. Agora

possuía a tecnologia para fundar minhas próprias cidades e alcancei um lugar de maior poder dentro de minha família. Obtive o poder porque com coragem me tinha apropriado disso, e ainda quero muito a Enki!

VI. - DUMUZI

Embora parecia que minha vida era cor de rosa e que eu estava totalmente satisfeita, as coisas começaram a ver-se funestas para mim. Para poder reclamar meu lugar legítimo na família de Anu, tinha que me casar com alguém cuja linhagem genética me desse poder. Eu tinha crescido competindo com meu irmão, Utu, e com os outros jovens varões. Via-me como alguém igual a eles. A idéia de me casar e ser dominada por alguém com essa dotação genética não me atraía muito.

Na cultura pleyadense, a energia feminina é respeitada. A lei permitia às mulheres direitos iguais, assim como a oportunidade de expressar seus talentos inatos. Não obstante, a maioria das mulheres dependiam de um "bom matrimônio" pa ra definir seu posto no mundo. Poderia-se dizer que a mulher pleyadense era considerada igual ao homem, mas sob condições, e os limites destas eram fixados pela natureza individual de cada mulher.

Meu irmão Utu e é obvio meus pais me pressionavam para que formasse um matrimônio poderoso, o que daria muito mais força a nosso ramo da família. Utu brincava comigo, me perguntando se queria terminar como Ninhursag. Tinha visto a vida de minha tia/avó como a de solteirona, e isso eu não gostava muito. Seguras no meio do poder que lhes garantia o matrimônio, as mulheres de minha família tranqüilamente tomavam seus postos ao lado de seus maridos. Tranqüilamente é uma palavra que não me chamava muito a atenção. Eu desejava o poder para mim, não queria que ninguém me controlasse !

Não obstante, com toda essa pressão para que me casasse, comecei a procurar e a pensar qual dos candidatos disponíveis me parecia interessante.

Enlil tinha tido êxito em engendrar um filho com Ninhursag; o que constituiu outra derrota para Enki, que só tinha tido filhas com ela. O nome do moço era Ninurta, e foi educado comigo e com Utu em Nibiru. Eu passei muito tempo com ele quando fomos meninos e sempre estávamos competindo e freqüentemente brigando. Sua mãe Ninhursag simplesmente o adorava de um modo repugnante;

era tão malcriado. Ninurta poderia ser geneticamente apto, mas nem sequer valia a pena mencioná

-lo.

Enki teve vários filhos varões, mas o único que estava disponível era o menor, Dumuzi. Ah, sim, Dumuzi.

Como era o filho menor de Enki, Dumuzi tinha o posto mais baixo. Atribuíram-lhe o Escritório de Pastor Real. Quem inventaria esse título? Estava encarregado de todos os animais domésticos na Terra. Já sei, todos temos que comer e os rebanhos são muito importantes para a

sobrevivência dos Lulus. ouvi todos esses argumentos de meu irmão Utu e de meus pais. Mas, alguma vez lhes regozijastes com o aroma das ovelhas ao final do dia? Meus pais estavam a favor da união. Acredito que não viam a hora de eu estar casada e sem problemas.

Consolei-me com a idéia de ser membro da família de Enki. Freqüentemente o podia convencer de que fizéssemos algo agradável juntos, e tinh a em mente me converter em rainha do Egito. Vi-me mesma flutuando em uma barcaça dourada sobre o Nilo, reclinada sobre uma era de flores, e as multidões me aclamando. Com os ME's em minha posse e um matrimônio poderoso, minhas ambições em planejamento começaram a tomar forma. Assim que me casei com o Dumuzi.

O matrimônio era... bom, o matrimônio. Dumuzi não era muito brilhante e certamente não era casal para mim. Acredito que seus irmãos o tinham tratado muito mal, especialmente Marduk, o maior. Dumuzi era frívolo e egoísta. Passava o tempo olhando-se em um espelho esperando que o atendessem. Sua mãe vivia para ele, concedia-lhe todos os seus desejos. Eu comecei a evitá-lo tudo o que podia.

Estava tão aborrecida que assumi tarefas extras nos Templos do Amor, como se conhecia meus templos. Inventava toda classe de desculpas e em minha nave voava de templo em templo inaugurando toda classe de novas cerimônias. Comportava- me exatamente como um executivo moderno que parte em viagens de negócios só para afastar-se de sua mulher. Desenhei uma quantidade de rituais novos que tinham como centro o Dumuzi e a mim com fim de pacificá

-lo a ele e a nossas famílias. Os rituais continham todo este assunto a respeito de nosso matrimônio e a arte de fazer o amor, a respeito da esposa tímida e seu

maravilhoso marido. Esta primeira telenovela deu aos Lulus arquétipos sobre os quais moldar suas próprias vidas. Os rituais se desenharam para estimulá-los a produzir filhos dentro de um ambiente feliz. Para mim, era um escapamento à fantasia. Eu

inventei minha vida em um ritual como eu queria que fora, mas não o era.

Possivelmente foi minha falta de entusiasmo pelo Dumuzi o que nos deixou sem um filho. Para assegurar nossos direitos ao poder, tinha que haver um filho que herdasse esse poder. Essa era a lei. Mas, qualquer que fora a razão, nós não tínhamos herdeiro. Então, me ocorreu o seguinte: Se outros tinham tido filhos com suas irmãs, por que não Dumuzi? Anu e Antu tinham engendrado

a Enlil, que a sua vez engendrou a esse malcriado Ninurta com

Ninhursag.

Eu estava inspirada.

Foi fácil convencer a Dumuzi para seduzir a sua irmã. Falei-lhe

com entusiasmo sobre a magnífica linhagem genética de sua

família, e sua necessidade narcisista de reproduzir-se encarregouse do resto. A irmã de Dumuzi se chamava Geshtinanna, e era

pavorosamente inocente, nada ambiciosa como eu. Fiz que meus

serventes preparassem um picnic detalhado, completo com vinhos

de ervas para estimular a libido. Eles tinham que encontrar-se em

uma colina que dava aos rebanhos que estavam fazendo o que os

animais fazem na primavera. Eu tinha pensado em tudo e, como

Geshtinanna era tão ingênua, não tinha a menor idéia de que a

estávamos enganando. Depois de dois goles de vinho, Dumuzi

chegou à parte sobre ter um filho juntos e até aí chegou a

amenidade. Geshtinanna protestou; ela queria permanecer pura

para seu marido, quem quer que fosse . Dumuzi tratou de

persuadi - la, mas ela se negou abertamente. Dumuzi perdeu o

controle e a violou! Suponho que essa ervas que pus no vinho

tiveram a culpa. São muito eficazes nos homens.

Estupro! Era algo que não podia ficar sem castigo. Nem sequer Enlil pôde esquivar o castigo por este del

ito. Dumuzi e eu

tínhamos dado agora a seu irmão maior, Marduk, uma muito boa

razão para desfazer-se de seu irmão. Marduk tinha estado

trabalhando sistematicamente na maneira de ficar com o Egito,

Marduk não me quer e não queria arriscar-se com minhas

ambições ou as dinastias que eu esperava estabelecer.

Dumuzi correu para mim e para sua mãe, atormentado de

pesadelos e presságios sobre sua morte. Animamo-lo a que

fugisse e fizemos acertos para nos encontrar em segredo e lhe levar comida e água. Assim ele poderia esconder

-se até que se

acalmassem as coisas e eu poderia falar com Anu para pedir

clemência. Mas Marduk não perdeu tempo . Seus verdugos

perseguiram Dumuzi para as colinas e o apanharam como se fosse

um coelhinho. Foi algo horrível, parece- me que os homens de Marduk se excederam. O pobre Dumuzi morreu por causa das armas radioativas que com crueldade lhe dispararam. Meu marido estava morto e eu estava sem descendência.

Nesse momento me veio à memória uma lei pleyadense útil: se um homem morrer sem descendência, mas não obstante tinha um irmão, esse irmão, mesmo que estivesse casado ou não, estava obrigado a casar-se com a viúva e procriar um filho com ela. Felizmente, Dumuzi tinha esse irmão, Nergal, tão de aparência agradável e inteligente. Eu sempre o tinha admirado . Mas era uma pena que já estivesse casado com minha meia irmã no mundo subterrâneo. Pois bem, eu nunca permito que complicações exíguas se interponham em meu caminho. Decidi ir visitar a loira, rainha do escuro mundo subterrâneo, Ereshkigal, para lhe reclamar a meu marido legítimo, seu marido, Nergal.

VII. - ERESHKIGAL

Ereshkigal é minha meia irmã. Com uma esposa tão boa e bela como minha mãe, era de esperar-se que meu pai, Nannar, estivesse satisfeito. Mas a fidelidade não era o costume na família de Anu. Possivelmente era o contraste com minha mãe o que fazia que a mãe de Ereshkigal fora tão fascinante. A única palavra que escassamente descreve a sua espécie é Raksasas. Ela era metade serpente e metade demônio, muito atrativa, e de seu corpo saía e se retorcia o Kundalini. Sua pele era de um verde claro acobreado e seu cabelo formava o que se poderia chamar "cachos aterradores". Seu corpo era forte e sensual. Tinha os olhos de uma cobra com o poder para hipnotizar a Nannar. Como Deus da Lua, meu pai certamente tinha seu lado escuro.

A atração apaixonada entre eles dois somente poderia se definircomo combustão espontânea. Ereshkigal era um autêntico broto de uma fusão erótica. A ninguém lhe ocorreu questionar sua beleza assombrosa. Ela herdou o melhor de seus pais, e ela sabia. Não a culpo por não me haver querido. Acredito que de certo modo ela sentia por mim o que Enki sentia por Enlil. Eu era a filha legítima de Nannar e ela era o fruto da concubina. Além de estar cativado por sua beleza, Enki sentia certa simpatia por ela. Até chegaram a conceber um filho que se chamou Ningishzidda. Enki como de costume não pôde controlar-se e, como engenheiro chefe de minas, tinha dado a Ereshkigal o poder sobre o mundo

subterrâneo. Enki se deixa convencer muito facilmente e eu gostaria de ver como Ereshkigal utilizava seus notáveis encantos sobre ele. Nós as garotas fazemos qualquer coisa para valermos neste mundo. Mas todo esse cabelo loiro era tão falso como todas as perucas que usava para realçar sua cabeleira!

O mundo subterrâneo não está exatamente debaixo, embora parte dele está. Está localizado no que agora chamam a África e os extensos depósitos de ouro que nós cobiçamos estão lá. Foi uma operação mineira enorme. Constantemente voavam as naves desde a Terra até à estação na órbita para entregar os metais refinados. Das profundidades da Terra tirávamos ouro e outros metais preciosos como prata, cobre, urânio e diamantes. Tinha que haver uma força de trabalho gigantesca e, com o passo dos séculos, procriaram-se homens e mulheres para que fossem operários mais eficientes. Nossos geneticistas constantemente melhoravam o aspecto de sua obediência e submissão. Não obstante, de vez em quando tinha que aplicar a disciplina.

Na Terra havia pelo menos três espécies que comiam carne humana, assim que os "come-carne" era uma ferramenta disciplinadora muito útil. Que melhor ameaça para um trabalhador resistente que a idéia de ser devorado vivo?

Olhem-no desde nosso ponto de vista: nós estávamos cumprindo com nosso dever. Tínhamos que subministrar partículas de ouro a nosso planeta Nibiru para nossa atmosfera esgotada, ou morreríamos todos. Fizemos todo o necessário para tirar o ouro das minas. Ereshkigal era a mais indicada para este trabalho; não lhe incomodava "motivar" aos operários com histórias de canibalismo. Dentro de si tinha um pouco dessa vocação de comecarne.

Não é que comesse humanos todo o tempo; só uma dentada de vez em quando.

O canibalismo tem diferentes significados para diversas espécies. Um grupo poderia vê- lo como uma maneira de absorver a força, sabedoria e poder da pessoa que se come. Para eles, é um método ritual de aumentar sua consciência, assim como sua a experiência de sua vida. Outros somente se comem o cérebro da capacidade física e sexual. Quando ingerem a seu inimigo, obtêm vítima para obter sua inteligência. Em seu planeta ainda há vestígios disto.Há outro tipo de canibalismo mais generalizado que é muito mais sutil. Há quem conhece a arte de devorar a energia das pessoas sem que elas saibam. Pensem como o temor os pode adoecer; quão rendido e desgastado se sente uma pessoa por causa da

raiva, a cólera ou o

vêem tão cansados e pálidos aqueles que são viciados no álcool e ciúmes. Aonde vai essa energia? Por que se nas drogas? Possivelmente aqueles que os controlam já não precisam comer sua carne.

Agora sabem de onde procedem essas histórias sobre pessoas que levam às Antípodas, assam-nas e as comem, os demônios! Para alguns era uma realidade. Mas não existem os demônios, somente várias espécies que os controlaram por meio do temor. Este é um universo de livre-arbítrio, o que quer dizer que são livres para fazer o que quiserem, e também o são outros seres. Esse é o problema. Se todos começarmos como iguais, como induzimos aos outros a que façam o que queremos que façam? Há alguma regra? Pode-se enganar a outros? Quem valoriza a quem e a que? Se te converter no tirano de outro, te devolve essa tirania? Bloqueia -te isto com o tempo? Essa é a pergunta mais interessante para nós agora

que estamos apanhados pela Parede. Eu não estava pensando em assuntos de metafísica quando descendia em minha nave para o mundo subterrâneo. Meu irmão Utu e meus pais opinaram que tinha que estar destrambelhada. Eles não pensavam que Ereshkigal receberia a sua meia irmã que acabava de enviuvar com os braços abertos, e me advertiram que não fosse . Mas eu tinha outras coisas em mente, como a dotação direito, ele chegaria a ser meu marido e produziríamos herdeiros.genética de seu marido Nergal, além de seus olhos azuis. Por Dizia-se que Ereshkigal tinha um palácio fabuloso, que estava todo talhado a ouro. Imagino que fazia falta todo esse esplendor para animar-se, pois o viver afastada da Suméria e Egito deve ter sido deprimente para ela.À medida que me aproximava dos portões, abatia

- me um pouco todo o ouro e as colunas de mármore que descreviam monstros serpentinos retorcendo-se e devorando Lulus mortos de pavor. Um pouco exagerado, pareceu-me. Mas isso era só o começo.

Tive a boa idéia de avisar a Ninshubar, minha criada, que me esperasse na nave. Disse-lhe que se não aparecesse em três dias, ela deveria voar a casa e procurar ajuda. Tinha prestado um pouco de atenção ao que disseram meus pais. Não obstante, eu estava confiante. Uma garota deve arriscar-se, deve ter coragem.

Depois de tudo, tinha - me arriscado a conseguir os ME’s divinos. Eu sabia que podia ser muito persuasiva. Ereshkigal não saiu precisamente correndo para me saudar. De fato, não a via pornenhum lado. Apareceu um horrível guardião que disse que se chamava Neti. Meu deus, como ele era grande!

Disse a esse monstro quem era eu, e ele me guiou por um labirinto que tinha uma série de portões, o que deve ter

sido um sistema de segurança desenhado para proteger o ouro de Ereshkigal. Logo este guardião ordenou a mim, Inanna, quetirasse todas asminhas jóias protetoras e minhas vestimentas. Todos nós usávamos uma variedade de aparelhos defensivos para nos proteger da radiação. Também levava comigo os utensílios de cabeça com reguladores de campo e sistemas de comunicação. Meu vestido tinha seu escudo de amparo estandard tecido dentro do tecido. Nunca se sabe o que se pode encontrar quando a gente voa pelo espaço, ou na Terra.

Ao chegar ao sétimo portão, me ordenou que tirasse o vestido. Não é que eu seja muito modesta, mas começava a chatear a forma como me estavam tratando. Além disso, eu queria saber aonde se estavam levando as jóias. Finalmente, entrei em um salão onde Ereshkigal celebrava uma audiência.

Era exatamente como me tinham contado; havia um estrado de ouro enorme e Ereshkigal estava sentada sobre um trono majestoso com diamantes incrustados. Embora eu estivesse nua, ia saudar com amabilidade, quando esses juízes com aspecto de ogros começaram a me lançar acusações de falsidade e traição. Era algo ridículo; não entendia do que estavam falando e tinha sede.

De repente, Ereshkigal tirou sua arma de plasma e em um momento me disparou uma boa dose de radiação, mais que suficiente para me matar. Eu estava assombrada! Rapidamente vi como eu flutuava por cima de meu precioso corpo, que rapidamente trocou de seu quente tom azul a um índigo morto! Ereshkigal ordenou a seus guardas que pendurassem meu corpo na parede como se faz em um açougue. Vi como meu corpo se decompunha. Viajando em astral, segui a minha criada, Ninshubar, que ia voltando a Nippur, a cidade de meu avô, Enlil. Observei como ela entrava em seu templo e lhe suplicou que me salvasse. Ele

se recusou! Disse que eu sabia muito bem o que aconteceria ali; todos sabiam

Então minha criada foi a meu pai, Nannar. Ele também disse que que Ereshkigal me desprezava.não! E eu segui flutuando no ar, escutando o sermão de meu pai: "é muito teimosa, todos sabíamos que só encontraria problemas ao ir procurar o marido de Ereshkigal". Até disse que me tinham dado meu castigo! Meu próprio pai! Talvez teria preferido um filho varão?

Eu ainda flutuava no ar, tratando de me acostumar a estar sem um corpo. Na mente de minha querida criada motivei um pensamento e velozmente ela foi ao Abzu de Enki. Já tinha uma história lacrimosa muito convincente preparada e, bendito seja Enki, decidiu intervir. Ele tinha algo de poder sobre Ereshkigal, pois ti nha sido ele quem lhe tinha concedido o mundo subterrâneo. Fez acertos para que levassem meu corpo à Grande Pirâmide e, com a ajuda de Ninhursag, ressuscitou-me.

Durante três dias tive uma dor de cabeça horrível. Decidi nunca mais voltar a visitar essa bruxa e me esquecer do DNA de seu marido.

Estar separada de meu corpo não foi algo tão funesto, mas me levou a pensar quanto desfrutava de certas coisas, como dançar, ou inclusive comer. Tinha-me apegado muito a este corpo e a minha vida na Terra com os Lulus. O tempo que estive fora de meu corpo me fez querer muito mais a Terra. Também aprendi a não confiar em ninguém, exceto em mim mesma.

Decidi estender meus Templos do Amor à Índia meridional onde me tinham dado territórios que ninguém mais queria. Às bordas do rio Indo construí as cidades Mohenjo-Daro e Harappa.

VIII. - OS TEMPLOS DO AMOR

A desembocadura do rio Indo era o centro de comércio do Este naquela época. Pus todo meu empenho e os ME's divinos para criar negócios e comércio entre a Suméria, Babilôn ia e Egito e o Vale do Indo. Eu gosto dos tesouros da Terra e tenho a habilidade para os negócios; sou uma comerciante inata. Meus templos eram escritórios de intercâmbio que serviam como lugares de troca e negócios com vários produtos, assim como de salões de aprendizagem e adoração.

Convidei a minha mãe, Ningal, para que me ajudasse a desenhar e construir os templos. Ela tem uma paixão pela arquitetura e trouxe consigo a sua boa amiga, Maia, a arquiteta mais famosa de nosso tempo, para planejar Mohenjo- Daro e Harapa. Maia já tinha desenhado outros templos na Suméria mas nós três queríamos superar as criações anteriores. Nós três construímos umas estruturas tão formosas e valiosas que Anu e Antu vieram às admirar.

Eu sempre apreciei o lápis lázuli. Seus azuis profundos realçam muito bem os tons de minha pele, mas não havia suficiente para

construir to

um substituto em seus laboratórios. Em pouco tedos os templos, por isso pedi a Enki que desenvolvesse mpo tinha mais que suficiente lápis, e cobri os pisos dos templos, as colunas e as telhas do teto com um novo lápis falso, que era meu presente de Enki. O mármore e o ouro se mesclaram elegantemente, com turquesa, malaquita e lá pis em ritmos geométricos.

Também convidei a Tara para que me ajudasse nos templos. Ta ra é a esposa de meu amigo Matali, o piloto de

Enki. Matali não agrada muito bem à minha família; suponho que nos conheceu

como "deuses" a muito tempo. Ele prefere confiar no Povo da Serpente e por isso se casou com a Tara, sua bela princesa da raça serpente.

A linhagem da Tara é a mais antiga no planeta Terra. Matali diz que o Povo da Serpente é muito mais sábio que a de Nibiru. Ele me contou histórias fabulosas de seu reino que está nas profundezas do planeta. Diz que trabalham com freqüências que nós não entendemos. A aquisição do poder material não lhes interessa.

O que compreendi foi que Tara era a melhor bailarina que eu tinha visto. Eu sabia que seu estilo de balé atrairia os mercadores de todo o Este a meus templos. Ela seria uma pessoa muito útil, de modo que a convidei a treinar as bailarinas de meu templo. Tara é uma formosa mulher de pele cremosa verde pálido e olhos escuros doces de amêndoa que piscam como estrelas no céu noturno. Colares de pérolas negras e bolinhas de ouro cobriam seus firmes peitos nus. Minha amiga Tara me ajudou a instaurar uma cultura grandiosa e florescente.

Também convidei a Ninhursag. Ela estava dedicada

completamente a administrar curapirâmide. Seu amor e sua compaixão por todos os seres vivena seus queridos Lulus na

tes a

converteram em nossa médica mais brilhante. Tinha um grupo de

enfermeiras maravilhosas que lhe ajudavam, mas eu sabia que ela

estava muito sozinha. Passava muito tempo com seu filho Ninurta,

o que não era bom para nenhum dos dois. Conhecem o tipo de

mãe que mexerica sem cessar com seu filho sobre o resto da

família? Bom, assim era minha Nin.

Eu queria que Ninhursag fundasse o que vocês chamam hospitais,

mas nós vemos sua medicina moderna como algo absolutamente barbárico. Nós usamos formas de pensamento e freqüências, não

drogas ou bisturis. Ser a única matriarca solteira na Terra estava

saindo caro a Nin, e eu a queria muito. Estava envelhecendo um

pouco mas ela sempre o negava. Nin se apresentava mais

competente e fresca que nunca, mas eu sabia a verdade. Eu mesma me sentia um pouco só e via com quanto coragem ela seguia adiante.

Ao observar a vida de

experiências, comecei a sentir compreensão pela mulher. À Ninhursag, junto com minhas próprias medida que o tempo passava na Terra, os homens de minha família se tornavam mais e mais dominantes. Era como se a mesma atmosfera deste planeta remoto nos estivesse afetando a todos.

Nas Pleyades a mulher é respeitada como símbolo da grande Deusa e é tratada com consideração. Nossa lei

proíbe estritamente golpear ou violar a uma mulher. As freqüências fronteiriças da Terra aparentemente produziram um giro desta tradição. Nossos homens estavam adotando uma atitude diferente com a mulher. Os filhos de Enki, guiados por Marduk, inventaram leis que proibiam às mulheres certas liberdades em seus territórios. É óbvio que eu estava zangada e transtornada por essas leis tão ridículas. Então, em minhas terras, eu enfatizava o fortalecimento e a melhora da energia feminina. Decidi ensinar aos Lulus alguns dos Mistérios Pleyadenses.

Quando Ninhursag e Enki criaram os Lulus, deixaram alguns componentes chaves inativos. Embora os Lulus e todos os humanos nascidos deles, incluindo os habitantes da Terra hoje, possuem nossos gens, alguns destes não funcionam, porque tinham sido desconectados de propósito. Aos Lulus foi ensinado a chamar a minha família de "divina", mas nós escassamente o fomos. Os filhos de Anu são os adolescentes eternos, e palavras como ambiciosos nos descreveriam com mais precisão. Intencionalmente tínhamos deixado os códigos genéticos de nossa raça trabalhadora parcialmente funcionando para que fossem mais dóceis. Eu sabia que não podia interferir no funcionamento do DNA dos Lulus, mas ninguém podia evitar que lhes ensinasse certos segredos. E como o pensamento cria a realidade, eu esperava que algumas de minhas sacerdotisas e sacerdotes pudessem acender os "gens divinos" que estão presentes em todos os Lulus e fomentar deste modo sua evolução latente por meio da secreção hormonal.

Na época atual o Samkhya é tudo opleyadense. Samkhya é uma palavra sânscrita que significa que fica da sabedoria "enumerar". O conceito Samkhya sugere que a matéria está organizada a partir de dois componentes primários, Consciência e Energia que interagem para criar o universo.

É o pensamento focado conscientemente no que move as freqüências de energia para que se

convertam a si mesmos no teatro de todos os mundos infinitos e inumeráveis. Os físicos em seu tempo presente se estão aproximando deste entendimento, mas os falta um componente e esse é o amor. Não a classe de amor que experimentaram como humanos — um pouco limitado e impossível de predizer —, a não ser o amor como uma força primária. A um cientista contemporâneo nunca lhe ocorreria medir um estado de consciência como o amor, mas esse é o segredo. O amor é a peça que falta em todas as teorias de campo unificado.

O amor do Primeiro Criador é a causa principal deste universo e de todas as outras realidades dimensionais que existem. Não dizem seus professores que o amor é a maior de todas as virtudes? Não obstante, é muito simples, muito óbvio para a maioria das pessoas.

De modo que ensinei este Samkhya em meus templos. Ensinei a minhas garotas e a alguns dos homens que queriam aprender a usar suas formosas mentes e corpos para trazer esta força, a força do amor divino, a Terra, a nossas cidades, nossos campos e a nossos filhos.

prosperavam. Às mulheres lhes permitia ter suas propriedades e Foi uma época maravilhosa para todos nós. Os negócios manter sua fortuna por separado se o queriam. Deste modo ninguém as escravizava. Ambos os sexos eram soberanos, e os homens eram igualmente felizes. Houve um florescimento da civilização e as artes. Nossos campos eram abundantes, o comércio com a Suméria e Egito gozava de prosperidade e as artes da dança, o canto, a pintura e a escultura estavam em todo seu apogeu. Os rumores das obras arquitetônicas de Maia se pulverizaram por todo mundo.

De todos os rituais iniciados em meus templos, o rito do matrimônio era o favorito. As sacerdotisas se vestiam e preparavam à noiva, que era educada nas artes de agradar a seu marido e em métodos de assegurar a concepção quando o desejasse. O marido também era preparado e instruído nestes assuntos. Nesses tempos era de conhecimento geral o fato de que o maior prazer se conseguia estimulando à fêmea ao ponto mais elevado do êxtase. A noiva se convertia no canal para toda a energia feminina na criação e o marido se convertia em toda a energia masculina. Essa união permitia que as forças do Primeiro Criador e da grande Deusa se expressassem na Terra.

O segredo desta união é a concentração. Nós treinávamos ao casal para que obtivesse uma concentração profunda olhando-se mutuamente aos olhos enquanto estavam realizando o ato. Cada célula do corpo, assim como toda a consciência do ser, deve estar ali nesse momento. Todo pensamento deve estar enfocado no agora. Uma mulher não pode obter estados elevados de conscientiza nesta união se está preocupada com a lista de legumes ou alguma outra tolice. Pensar no passado ou preocupar-se com o futuro somente debilita a experiência.

Receitávamos vinhos e elixires para aumentar a concentração daqueles que requeriam de ajuda, mas nossos melhores alunos não necessitavam nenhum tipo de ajuda exterior. As energias que eles emanavam reforçavam a fertilidade de nossa agricultura e a felicidade de nosso povo. Freqüentemente curavam aos doentes. No Vale do Indo se amava e se venerava aos animais. Em nossas transações usávamos elefantes e bois. Chegamos a querê-los tanto que os venerávamos nos templos. Eu tinha lugares destinados para que os velhos se retirassem com segurança. Ali lhes amava e lhes protegia. Os meninos os

visitavam com freqüência. Muitos dos Lulus ainda conservavam o dom de falar com os animais e lhes buscava para que treinassem aos elefantes, ao búfalo asiático, aos bois, leões, gazelas e toda classe de animais.

Até hoje meus olhos se enchem de lágrimas quando recordo a meus dois leões domésticos. Estas criaturas me amavam com todo seu coração e foram uma grande bênção para mim. A sabedoria que me ensinaram nunca me deixará. O macho me permitia montar sobre seu lombo pelas ruas e nunca me abandonava. A fêmea me cuidava com os instintos firmes de uma mãe. Estou segura de que nunca senti tanto amor e lealdade como os que eles me brindaram.

Depois de uns quantos centenas de seus anos, comecei a perder o encanto de estabelecer uma nova civilização no Vale do Indo. Os negócios estavam indo bem, os templos estavam construídos, e minhas sacerdotisas estavam tão bem treinadas que já podiam dirigir as coisas sem mim. Meu amigo Matali me levava com freqüência à cidade suméria de Uruk para controlar as entregas de grão e coisas assim. Sentia saudades da Suméria, Egito e o Abzu de Enki. Minhas cidades não eram tão sofisticadas; não tinha porto espacial com acesso à estação em órbita. Sentia-me como se estivesse estancada no interior do país.

Além disso, não tinha marido. Matali dizia que por sorte não estava casada com nenhum de meus parentes, pois ele não os tinha em muito alta estima!

Enquanto este dilema me deixava perplexa, me ocorreu uma magnífica idéia. Lá em Uruk, Anu estava outorgando os poderes de monarquia a alguns dos Lulus que mais sobressaíam na época. Anu lhes delegava um poder limitado a aqueles que governavam as cidades. Demos aos

Lulus controle sobre os assuntos humanos que careciam de importância para nós.

A monarquia se estava convertendo em uma parte importante na nova vida da Terra. Por que não podia ser eu a encarregada de

outorgar este poder? Se podia convencer a Anu de que eu podia substitui-lo, ele não teria que preocupar-se com tudo isso e teria mais tempo para si e para as festas de Antu. Eu sabia que Antu gostaria da idéia.

Antu sempre me tinha querido e eu tinha esculpido seu rosto nas estátuas das deusas de meus templos. O fato de ser a irmã de Anu lhe tinha outorgado um poder indisputável e tinha conexões políticas por toda a galáxia. A Antu nunca pareceu lhe incomodar o fluxo contínuo de concubinas de Anu. Eu sempre suspeitei que ela sabia inundar-se em estados de consciência enlevados. É uma dama tão feliz, cheia do que chamam hoje de vida !

Com o fim de convencer a Anu e a Antu de que eu era a pessoa indicada para escolher os reis, construí um templo em Uruk. O templo em si estava dedicado a Anu. Na parte interior, a área mais importante, coloquei uma cama de ouro sólido com o nome de Antu gravado visível e belamente sobre ela. A cama estava elevada sobre um estrado e estava soberbamente adornada com flores frescas e sedas flutuantes. Este templo em Uruk se chamava a Morada de Anu. Mas a cama que estava dentro do lugar sagrado mostrava a todos a que mulher escutava Anu. Que detalhe! Ambos adoraram! Quando lhes pedi que me concedessem o direito de outorgar a monarquia, ambos concordaram. Claro que eu devia informar a An u sobre minhas decisões. Minha bisavó Antu estava feliz com as perspectivas de minha nova carreira. E que melhor maneira de encontrar um marido?

IX. - MARDUK E A GUERRA

Marduk, o filho mais velho de Enki, é o último homem na galáxia a quem eu quereria como marido. Enki amava a vida e às mulheres de todas as raças e por isso engendrou muitos, muitos filhos, os quais competiam entre si por terras, reino, exércitos e riqueza.

Meu marido Dumuzi era o mais jovem dos filhos principais, mas já estava morto e não representava uma ameaça para nenhum dos outros. Nerg al, casado com minha meia-irmã Ereshkigal, era o segundo na linha do poder. Enki chegou até a engendrar um filho com sua nora Ereshkigal. Possivelmente foi assim como ela recebeu as Antípodas, onde Nergal reinava com ela. Enki teve de víboras de irmãos e irmãs.muitíssimos outros filhos que chegaram a ser um verdadeiro ninho Aparece em cena Marduk, que reclamava tudo para si mesmo. Alguns poderiam pensar que Marduk era de Marte, mas quaisquerque fossem seus gens reais, nasceu como um tirano réptil inato. Saiu da matriz de sua mãe calculando como ia controlar cada coisa e a cada pessoa. Todos os rasgos répteis clássicos convergem em um grande Marduk.É muito alto, de olhos vermelhos penetrantes e pele amarela olivácea que é um pouco escamosa. Tem vestígios de guelra nas bochechas. Nasceu com uma cauda como seu pai Enki, mas mais tarde a fez tirar por meio de cirurgia laser. Ele alegava que a cauda lhe estorvava, mas todos sabíamos que sua vaidade o tinhaobrigado a cortar. A muitos parece que Marduk é esquisitamente belo, friamente magnífico e que tem uma mente brilhante e a concentração de uma cobra. Ele sim possui uma espécie de beleza, para quem gosta dessa espécie.

Os filhos de Enki sempre estavam discutindo entre si, inclusive quando eram meninos. Quando Enki e seu irmão Enlil lutavam pelo poder, também o faziam seus filhos. Pode

haver alianças temporárias, mas cedo ou tarde um queria impor-se sobre o outro e os irmãos chegavam aos golpes. Quando eram meninos, alguns dos moços receberam horríveis feridas dessas armas de plasma de brinquedo. Algumas das mães rivais ensinavam a seus filhos a colocar formas de pensamento de demônios imaginários nos sonhos dos outros pequenos. As mulheres aprenderam que se os filhos se mantinham no poder, também o fariam elas. Começaram a descuidar de suas filhas e só se preocupavam com procurar matrimônios poderosos para as pobres.

Uma reunião familiar freqüentemente era um desastre e às vezes chegava a converter-se em um motim. Os moços brigavam e suas mães os açulavam. Normalmente Enki se retirava no meio do temor e o desespero. Nunca gostou de disciplinar a ninguém. Depois de muito conflito e engano, a Marduk deu o Egito para que o governasse. Enki preferiu ficar no Abzu trabalhando em seus projetos genéticos, de modo que lhe entregou o domínio do rio Nilo e os territórios adjacentes ao Senhor Marduk. Imediatamente Marduk começou a construir enormes estátuas monolíticas de si mesmo por toda parte. Estas obras de arte aumentavam sua beleza e tinham como fim intimidar ou aterrorizar aos Lulus. O mandato por meio da intimidação era o código de Marduk. Todos os tiranos da história da Terra de um modo ou outro se inspiraram no primogênito de Enki.

Como o Egito era o domínio de Enki, sua prole ficou encarregada de regular os pad rões climáticos ao redor do Nilo. Deste modo se controlava o fornecimento de água e se evitavam as inundações. Em Nibiru o controle do clima se faz por meio de reguladores de freqüência. Na Terra um satélite em forma de disco de electroprata e ouro cruzava os céus e, por meio de emissões magnéticas que vocês ainda não conhecem, regulavam-se as quantidades de água e a formação de nuvens. Este procedimento fez que os

Lulus pensassem que nós controlávamos o sol e que nós somos deuses aos que eles deviam adorar. Marduk adorou esta idéia e se autodenominou o Deus do Sol, Ra, e por todo o Egito fundou templos onde lhe adoravam. Ele era extremamente vaidoso e sempre queria sair-se com a sua.

Deus Sol, o Brilhante, Possuidor de Céu e Terra e quase todo título que dava aos outros deuses, Marduk o Até apropriava cedo ou tarde.

Enki lhe tinha medo. Parecia que Marduk tinha o poder de submeter a mente de Enki; exercia uma espécie de controle mental sobre seu pa i. De algum modo toda a força de Enki se transferia a Marduk, o que deixava a Enki impotente.

A grande pirâmide de Gizé era chamada de Ekur, uma palavra que quer dizer casa que é como uma montanha. Enki e seus filhos construíram este Ekur em Gizé

. Marduk escolheu o lugar e Ningishzidda, o filho de Enki e Ereshkigal, instalou a tecnologia Pleyadense dentro. A pirâmide era o gerador principal de poder que usávamos em todos nossos veículos espaciais, os discos que controlavam o clima e os sistemas de comunicação. Nessa época as transmissões das Pléyades, de nosso planeta Nibiru e da

estação de órbita, chegavam ao Ekur. Aquele que controlava a grande pirâmide exercia o poder na família.

Marduk e Nergal começaram a lutar pelo controle do Ekur. Marduk fez clones de si mesmo e formou um exército de guerreiros ferozes e valentões, grandes de estatura e facilmente substituíveis. Com estas legiões de clones atacou os exércitos do Nergal e sobreveio a guerra. Quando os filhos de Marduk conseguiram se apoderar do Ekur, venceu -os a ambição e a avareza. Começaram a brigar entre eles mesmos e moveram suas legiões para o portal

espacial que pertencia a Enlil, o irmão de Enki. Esta briga provocou a Enlill e a toda a família e deu origem a uma larga e sangrenta guerra familiar que terminou dividindo a família de Anu em dois grupos definidos, os Enlilitas e os Enkitas. Enlil não aceitava que os filhos de seu irmão rival Enki controlassem o Ekur e o porto espacial. Não queria lhes entregar o manejo das comunicações entre as Pléyades, Nibiru e a estação orbital aos Enkitas. Enlil e seus filhos ficaram à altura das circunstâncias. Escolheu a Ninurta como chefe das forças enlilitas contra Marduk. Ninurta sendo o filho de Enlil e Ninhursag, vivia para agradar a seu pai, executava suas ordens de uma maneira obsessiva e usualmente tinha êxito. Sempre me pareceu que Ninurta era uma pessoa muito estranha, excessivamente egocêntrico e ressentido, uma espécie de menino mimado. Como era o centro de atenção de sua mãe, cresceu com algumas características insuportáveis. Quando fomos meninos Ninurta e eu brigávamos violentamente. Mas esta vez estávamos brigando juntos no mesmo bando. Como neta de Enlil, eu sou enlilita de nascimento. Vi com agrado que o filho de Ninhursag saísse vitorioso nas batalhas para o grupo de minha família.

Meu próprio pai Nannar também comandava exércitos. Eu insisti em ir à batalha. Tinha alcançado o nível de Falcão Dourado no conhecimento das armas. Lutei ao lado de Ninurta e uma vez lhe levei uma arma que necessitava com urgência . Suspeito que foi a única vez que se alegrou comigo!

A guerra foi inefavelmente espantosa e usamos aos Lulus como soldados. De vez em quando as grandes ondas de radiação chegavam a povos inteiros e Lulus inocentes morriam em quantidades. Muitos mais morreram de fome no domínio africano de Nergal porque Ninurta evaporou todas as águas nos rios e chamuscou as terras com fogo de plasma. Ninurta também usou o que vocês chamariam

guerra química; o terrível míssil Madhava envenenava tudo o que encontrava pela frente. Havia muitos tipos

de armas destrutivas, mas a mais engenhosa de todas era a arma Ruadra. Esta produzia um holograma de enormes exércitos de monstros e demônios que atacavam armados com pistolas de plasma e que emitiam gritos horripilantes de guerra. Os Lulus de Marduk nunca se imaginaram que se tratava somente de uma aparição, de modo que deram a volta e fugiram deixando que os clones sozinhos enfrentassem às legiões de Ninurta.

Ao final da guerra, Ninurta conseguiu alagar o Abzu, obrigando a Enki e a seus filhos a retirar-se da grande pirâmide. Empregando o amparo do Ekur, os enkitas geraram uma parede de luz venenosa ao redor do complexo. Esta parede era um campo energético estimulado pelas enormes capacidades da grande pirâmide. Nenhuma arma das nossas podia penetrá-la.

Ninurta convocou a meu irmão gêmeo, Utu, e lhe ordenou que lhe cortasse todos os fornecimentos de água ao Ekur. Sem água não poderiam sobreviver por muito tempo. O desespero obrigou a um dos filhos menores de Enki a escapar para procurar água, mas em

seu ousado intento a arma engenhosa de Ninurta o deixou cego. Um membro da mesma família fez muita agressão a outro, o que não tinha ocorrido antes. Até o Marduk tinha utilizado assassinos para matar a meu marido Dumuzi.

Então interveio N inhursag. Já tinha visto muito. Era algo muito vil que estivéssemos degolando seus Lulus, mas matar e aleijar aos membros de nossa própria família era algo intolerável.

Ordenou a seu filho Ninurta que lhe desse uma roupa protetora contra a radiação e lentamente se aproximou do

Ekur. Ninguém se atrevia a agredir Ninhursag, nem sequer Marduk. Ela é a filha de Anu e podem estar seguros de que Enki se sentiu muito nervoso quando lhe ordenou que baixasse a parede venenosa.

Começaram as negociações de paz. Ninhursag informou a Enki e a seus filhos que Anu lhe tinha dado autoridade para pôr fim a esta loucura. Ordenou a Enki que i mediatamente se rendesse ante Enlil. Enki procurou Marduk para lhe pedir conselho e este aceitou. Nesses tempos Marduk ainda tinha medo de Anu.

X.- O EKUR

A grande pirâmide em Gizé, o Ekur, é um receptor natural de energias. Inclusive sem as melhoras da tecnologia pleyadense qualquer pirâmide recolhe e amplifica as freqüências circundantes. De modo que a ira e o ódio que geraram nossas guerras se

amplificaram com a presença do Ekur. Como conseqüência do ódio que sentíamos pelos nossos, a atmosfera da Terra se voltou pesada e se obscureceu. Esta nova densidade, na freqüência baixa, estava penetrando dentro de cada coisa vivente sobre a Terra e a estava alterando. Em meio de sua sabedoria, Ninhursag se deu conta do que estava acontecendo, mas o resto de nós não o notou.

Seus cientistas contemporâneos entendem o campo magnético que rodeia a todos os corpos astrais, que se conhece como a magnetosfera. À medida que a magnetosfera rodeia a todo o planeta, é atraída para as regiões polares na Terra onde se concentra. Eles também estão conscientes de que a magnetosfera protege a Terra dos ventos reveses, que estão compostos de partículas de plasma de elevada energia que viajam a 200 milhas por segundo. Estes ventos reveses literalmente bombardeariam

o planeta se não fora pelo campo magnético circundante que desvia os ventos reveses de plasma.

O plasma é o material mais abundante em sua galáxia e, por conseguinte, uma fonte de energia apetecível. As pirâmides continham uma tecnologia nossa atualmente desconhecida para vocês que permitia acesso ao plasma dentro dos ventos reveses. Daí se tirava energia. As pirâmides se colocaram estrategicamente ao redor do planeta e se usavam como receptores de plasma. O Ekur era o receptor de energia maior na Terra. Todas nossas naves espaciais estão dotadas de receptores similares de menor escala. É obvio, todos os planetas que os pleyadenses colonizaram têm pirâmides para receber energia de plasma.

O Ekur foi desenhado para conectar o plasma dos ventos reveses com o campo magnético que há no centro da Terra. Este plasma de alta energia se canalizava como um funil pelo eixo vertical da pirâmide, enquanto que o magnetismo do centro da Terra era em uma trajetória coerente e intensa, similar ao que seus dirigido para cima pelo mesmo eixo. Ambos eram concentrados cientistas conseguiram fazer com a luz na tecnologia laser. Milhares das que nós chamamos "pedras cantantes" recebem e conduzem esta energia. Há fragmentos enormes de âmbar, rubi e safira; cristais altos de citrina, esmeralda e água-marinha estão em uma ordem harmônica com a ametista, o diamante e o quartzo. Muitas das pedras seriam desconhecidas para vocês, como por exemplo o uzup, que se recolhe no sistema solar pleyadense.

As "pedras cantantes" colocam -se de uma maneira consecutiva em uma espiral em todo o centro do Ekur. No centro da espiral há um cristal azul monolítico. O ápice do cristal se alinha perfeitamente com a ponta da marquise da pirâmide para que haja uma amplificação de energia

magnífica. As "pedras cantantes" são um espetáculo digno de presenciar.

Quando o plasma entra pela parte superior do Ekur e o magnetismo entra da terra, encontram-se no cristal azul que está no centro. As duas energias se unem, redemoinham em meio de um vórtice de poder extremamente capitalista em forma de torés, uma forma geométrica que se parece com uma rosca de pão. Quando o torés se forma, as duas energias se convertem em uma bela união de forças em forma de espiral. O torés de fluxo magnético em conseqüência fica em movimento com um anel que volteia sobre si mesmo para dentro e outro para fora. Nesta forma criamos o movimento perpétuo.

A beleza desta tecnologia não é algo incomum para nós. As formas que nós os pleyadenses usamos devem estar em harmonia com seu propósito; por isso, a função nunca é maior que a forma. Algo deve refletir-se e ser igual à outra ou se diminui o poder. Nossa espaçonave e nossas cidades são da beleza e elegância mais perfeitas.

Estou consciente de que há um debate quanto a se a coberturaexterior do Ekur era de branco alabastro ou turquesa. Era de ambos. Em um lapso de 300.000 anos experimentamos com diferentes coberturas para ver qual gerava mais poder, mas a marquise sempre foi de ouro, pois este é um magnífico condutor.

Depois de assinados os acordos de paz, autorizou-se a Ninurta para que desmontasse todos os sistemas bélicos do Ekur, deixando somente suficiente poder para controlar os climas e uns quantos instrumentos de comunicação. Eu o segui para a grande Pirâmide. Quando Ninurta desmontou as pedras cantantes, eu lhe pedi umas quantas esmeraldas. Ele se negou, indicando de uma forma santarrã que todas as pedras deviam ser transferidas ao novo centro de poder em Heliópolis, o domínio de Enlil.

Ninurta, que sempre era rígido e inflexível, perseguia meu Pai Nannar a todas as partes. Ambos eram filhos de Enli l, mas meu pai é tão encantador e bom moço, tão lógicamente dotado que era evidente que entre os dois Enlil preferia a meu pai. Ninurta somente podia esperar cumprir com seus deveres direito para ganhar a aprovação de Enlil. Por isso Ninurta era muito minucioso,

muito aborrecido. O dever e a integridade são qualidades maravilhosas, mas Ninurta não tinha senso de humor.

Enlil é estrito em sua fidelidade à autoridade nibiruense e, uma vez que tinha promulgado uma lei na Terra, seguia-a ao pé da letra. Seu irmão Enki é mais flexível, mais criativo. Geralmente Enlil tomava partido por Nibiru, enquanto que Enki sentia um amor profundo pela Terra e os Lulus e freqüentemente lutava pelo melhoramento da humanidade.

Como parte do acordo de paz, Enki fez certas exigências em favor dos Lulus que tinha sido muito prejudicados por nossa guerra. destruíram-se muitas cidades e os Lulus morreram em grandes quantidades. Enki exigiu que se restaurassem as cidades que tinham ficado em ruínas e que se construíssem novas. Queria dar aos Lulus a possibilidade de ser mais que trabalhadores escravos, portanto se decretaram leis que lhes davam a oportunidade de escolher trabalho apoiado em seus talentos. Lhes proporcionou uma extensa variedade de ocupações mais produtivas em suas estruturas sociais.

Como conseqüência da devastação da guerra, limitou-se o poder dos filhos de Enki. Marduk se enfureceu quando se inteirou de que a seu meio-irmão Ningishzidda tinha sido outorgado Gizé e o controle sobre o Egito. Ningishzidda era considerado neutro na divisão familiar porque é filho de Enki, mas sua mãe, Ereshkigal, é a neta de Enl il. Marduk cobiçava todo o Egito; ele queria o mundo

inteiro.

A Ninurta deu o controle da nova capital da Suméria, Kish, o que lhe deu ainda mais poder e enfureceu mais a Marduk. Ele queria Kish e o domínio da Suméria, assim como sua cidade favorita, Babilônia. Todos amávamos

Babilônia; era tão formosa naqueles dias e seus famosos jardins eram o marco para muitos de nossos festivais mais famosos. O povo de Babilônia me chamava Ishtar, e em minha honra construíram um formoso portão de pedra coberto de ouro e lápis lázuli. Se viajarem lá hoje, na cidade velha poderão ver vestígios dos templos que construímos para nós.

De Marduk tinham arrebatado a maioria dos domínios que desejava. Refletindo sobre suas perdas, decidiu tomar uma atitude em segredo e inventou u m plano para utilizar aos Lulus contra os outros deuses.

Seguindo um programa de austeridade, disciplinas de concentração intensas, Marduk ativou sua vontade de cobra. Por meio de cristais e raios de freqüência colocou formas de pensamento nas mentes receptivas dos Lulus. Sua magia teve

muito êxito. Pela primeira vez os Lulus pensaram

ser iguais a nós! Despertaram na noite com uma visão: uma torre que poderiam enorme que chegava até o céu e o conhecimento de como construí-la.

Parecia como se os Lulus chegassem de todas as partes da Terra enquanto se reuniam nas planícies nos subúrbios de Babilônia. Começaram a construir uma torre que chegasse até o céu onde poderiam exigir igualdade de parte dos deuses. Um pouco muito perigoso! Marduk deve ter pensado que ma is tarde poderia tirar essa tolice de seus cérebros. O Deus Marduk dá, e o Deus Marduk tira!

Nessa época, os Lulus somente falavam em uma linguagem muito simples. Os conceitos complexos não se encontravam em seu idioma porque seu vocabulário estava restringido às palavras que necessitavam para executar trabalhos manuais ou obedecer ordens. Mas ainda

possuíam restos de suas habilidades telepáticas originais da época em que ainda estavam em harmonia com os animais da Terra. Essas habilidades telepáticas estavam funcionando a pleno vapor quando de uma forma misteriosa começaram a reunir-se para construir sua torre até o céu.

Quando Enlil se deu conta de que os Lulus estavam fazendo, apressou-se ao lugar, caminhou entre eles e os admoestou para que suspendessem o projeto. Disse-lhes que este ato era algo contra a vontade de seus criadores e que deveriam deter-se ou do contrário seriam castigados. Para surpresa do Enlil fizeram caso omisso de suas palavras. Era como se nunca o tivessem visto. Enlil se deprimiu. Somente um Deus poderia produzir esta magia e o único que ele se imaginava que poderia fazê-lo era o desprezado filho de

drásticas e gerar um cEnki, Marduk. Enlil sabia que teria que tomar medidas ampo energético mais forte que o de Marduk.

Enlil destruiu a

ficaram estupefatos. A maioria morreu e os que tiveram a má torre de Babel com um raio de partículas. Os Lulus sorte de viver experimentaram as agonias que produz a radiação. Além disso sua memória tinha sido removida. Os Lulus caminharam cambaleando sem rumo, sem saber aonde ir ou de onde tinham vindo. Era algo deprimente. Cada Lulu começou a sentir uma parede invisível de separação que crescia a seu redor por toda a Terra. As cidades e os povos ficaram invadidos pelas freqüências de separação de Enlil. E a partir desse momento todos os humanos foram animados a pôr em destaque sua heterogeneidade e a desenvolvê-la. Para cada região se criaram

novos idiomas; umas raças começaram a denegrir a outras e às pessoas e lhe ensinou a temer-se mutuamente. Os Lulus

aprenderam a odiar e a brigar entre eles mesmos.

Além disso, a cada Deus deram nomes diferentes, houve disputas quanto a qual dos deuses era o verdadeiro, embora freqüentemente só se tratava do mesmo Deus, mas com um nome diferente. Me chamavam Ishtar, Vênus, Hathor, Afrodite, Lakshmi, Rhiannon e muitos outros nomes. fomentou-se a dissensão entre os Lulus. Nunca mais permitiu a seus antepassados unir-se contra nós e nunca mais recordaria a espécie humana que todos vinham da mesma fonte: uma criatura selvagem da Terra e minha tia/avó Nin.

Minha última experiência com o Ekur tem a ver comigo e com Marduk. Talvez recordam que quando assassinaram a meu marido Dumuzi, foi Marduk quem esteve por detrás de tudo. É certo que antes e depois da guerra meu maior desejo era governar o Egito, mas Dumuzi era muito fraco para apropriar-se dele por si só. Egito era tão rico e, com minha ajuda e resolução, este poderia ter sido domínio de Dumuzi e eu teria sido sua rainha. Marduk estava decidido a frustrar minhas ambições. Nunca gostei de estar ao lado de Marduk. Sua necessidade de controlar a todo mundo era tão insuportável. Até seu aspecto me repugnava. Sua beleza cruel e majestosa tinha como único fim gerar temor.

Houve uma investigação depois da morte de Dumuzi. Marduk alegou que, embora ele tinha dado a ordem de deter sua fuga, a morte de Dumuzi tinha sido um desafortunado acidente, a conseqüência de tropas muito agressivas.

Durante a guerra eu obtive fama por minha coragem e domínio das armas. Quando escutei a desculpa

tão patética de Marduk pelo assassinato de meu marido, perdi a razão. Anunciei min ha determinação de acabar com Marduk. Como eu tinha a reputação de uma combatente aguerrida, e que inspirava temor, Marduk fugiu para o Ekur.

Voei para as pirâmides. Vestida com uma armadura de ouro e brandi ndo minhas armas, de uma forma arrogante ordenei a Marduk que saísse. Ele não me fez conta, algo que eu detesto e, é óbvio, perdi a calma, lhe lançando toda classe de maldições a Marduk levantei meu raio de plasma e comecei a lados da grande pirâmide. As pedras do Ekur começaram a disparar aos tremer.

Foi todo um espetáculo. Com meus peitos ao ar e formosa desatei minha fúria pasmosa; é que eu sou muito apaixonada. Todos

contamos piadas depreciativas sobre a operação da cauda de Marduk, e lhe gritei Grande Serpente e outros nomes excelentes que não vou repetir aqui.

Os outros deuses se estavam pondo nervosos. Meu irmão Utu decidiu chamar Enlil e, conscientes de que Anu é a única pessoa que eu escuto, Enlil o chamou. Sobre os céus de Gizé apareceu um holograma de Anu. Ele me rogava, sua amada Inanna, que desistisse de minha ira. Anu sabia que Marduk tinha escondido

armas no Ekur e não queria que sua Inanna fora machucada. Ele me ama. Anu me aconselhou que levasse Marduk a julgamento diante dos deuses. Eu aceitei porque depois de tudo não sabia como ia entrar na pirâmide e já me estavam acabando as imprecações.

Nós nunca antes tínhamos tido um julgamento real. Com Enlil, o tinham banido por violar a sua futura esposa, mas nunca foi processado em uma corte. Ninguém sabia o

que fazer e ninguém queria julgar a outro deus por algo que eles quereriam fazer mais tarde. Abriria-se um precedente de castigo que algum dia recairia sobre eles. Posto que Marduk tinha contratado alguém para que matasse Dumuzi, seria seu crime punível com a pena de morte? Ninguém queria pronunciar uma sentença de morte sobre um membro da família de Anu.

Disseram -me que fizesse eu mesma a punição e minha adrenalina ainda estava fluindo. Me ocorreu o castigo perfeito: selar Marduk dentro do Ekur, ou seja, enterrá-lo vivo, sem comida e sem água. Como ninguém queria tomar a iniciativa, todos estiveram de acordo com meu plano, enterraria-se vivo Marduk no Ekur. Eu estava feliz.

Eu sabia que sem água e comida, a energia da pirâmide manteria vivo Marduk por um tempo. Isto lhe assegurava uma morte lenta, prolongada e horrível. Estava muito feliz comigo mesma. Eu sou tão criativa e tinha vingado Dumuzi. Não é que tivesse estado muito apaixonada por ele, mas tinha chegado a desprezar Marduk e o queria fora de meu caminho para sempre. Pessoalmente estive blocos enormes de pedra caíram lá para as cerimônias. Simplesmente se baixaram alavancas e um em cima do outro, selando Marduk em sua tumba.

Bom, Marduk tem mãe. Ela não estava muito feliz com o que tinha passado e começou a suplicar a Enki. Ainda mais patética foi a irmã-esposa de Marduk, Sarpanit, que desfilava nua dia e noite frente ao Ekur. Fez todo um espetáculo chorando e golpeando as

paredes com suas pequenas mãos que sang ravam. Reuniu-se uma multidão de Lulus a observar e Enki fracamente cedeu.

Pressionou-me para que me retratasse. Enki e eu fomos muito bons amigos. Depois de tudo, ele me tinha dado os

ME’s divinos. Então, relutantemente, aceitei que o soltassem.

Eu sabia que isso era um engano mas não podia discutir muito tempo com Enki. Então aceitei com a condição de que Marduk fizesse oferendas em todos meus templos para suplicar minha piedade. Removeu-se então a marquise da pirâmide por meio de raios de plasma poderosamente concentrados e ficou em liberdade Marduk. Se Marduk e eu nos tínhamos desprezado antes, podem imaginar que este pequeno incidente não melhorou nossa relação. Talvez de vez em quando ele despertava na noite, e ouvia meus gritos horripilantes: "Que o enterrem vivo!" Ele já era meu inimigo e eu sabia que eventualmente procuraria a vingança. Mas enquanto isso o tinham mandado ao exílio como castigo pelo assassinato de Dumuzi.

As ambições de Marduk de governar o mundo não desapareceriam tão rapidamente. Algum dia retornaria. Escuros e cavilosos, o olhos vermelhos de Marduk impregnavam minha alma. Sentia-o esperando, conspirando em meio de sua ira silenciosa.

XI.- GILGAMESH

No sistema solar pleyadense nós somos recoletores de informação para o Primeiro Criador. O Primeiro Criador é e nós somos enviados a reunir experiências no tempo e o espaço. Vocês poderiam me julgar com apoio nas normas de seu mundo, mas eu nunca me julguei mesma; eu simplesmente estava vivendo e aprendendo. Se uma experiência não era satisfatória, seguia com outra.

O Primeiro Criador manifesta uma "matriz de matrizes" a q ue chamamos Deusa Mãe e a partir dela se originam muitas outras fontes de criação. Uma multidão de seres elevados criam os Pensamentos. Estes se convertem em

som o qual a sua vez flui a seu próprio nível de freqüência e manifesta as realidades.

Minhas aventuras foram parte de todo o movimento que tinha sido Primeiro Criador, a Deusa Mãe e também sou meus antepassadoscriado antes de mim. Eu venho de uma linhagem: eu sou o antigos de outras dimensões e sistemas. Sou parte de Anu e Antu, sou Enlil e Ninhursag e levo os meus próprios pais dentro de mim.

A consciência de tudo o que veio antes de mim a expresso em meu poder para criar.

Naquela época na Terra eu não via que minhas ações pudessem machucar aos Lulus e a suas futuras gerações: vocês. Certamente não sabia que esse dano retornaria a minha vida e construiria a Parede.

Depois de que Anu me outorgou o direito de conceder a monarquia, eu voava entre o Uruk e o Vale do Indo. Através de minhas rotas de comércio havia um fluxo abundante de grãos e outros produtos, minhas sacerdotisas se faziam mais ricas cada dia e todo mundo era feliz. Não obstante, eu seguia sem marido. Estava nas mesmas condições que minha tia/avó Nin. Não via nenhum candidato apto para me casar. Durante os anos via como Ninhursag ficava mais retraída e rígida. Eu não queria terminar como ela. Não sou o tipo de solteirona e me sentia como um canhão solto em coberta. Eu era tão formosa e somente um pouco desumana. O que era o que tinha que fazer?

Com o fim de solucionar este pequeno problema, resolvi combinar o ritual da monarquia com o do matrimônio sagrado. Nesta cerimônia tão formosa, o futuro rei se convertia em meu marido por uma noite. O templo era coberto de flores e banhado com a luz das velas. O aroma das flores e os sons de bela música enchiam os salões do templo. Vestiam-me com sedas, coroavam-me com uma

tiara de ouro e os sacerdotes e sacerdotisas me conduziam à cama sagrada onde esperava meu amado.

Desta maneira tive muitos filhos e dava origem a muitas linhagens reais a partir destas cerimônias. Eu, que não tinha marido verdadeiro de minha própria raça, podia desfrutar da cerimônia de bodas uma e outra vez. Entre os Lulus era muito popular a cerimônia do matrimônio sagrado, motivo pelo qual eles me amavam muito e eu obtive poder sobre as cidades.

Este costume de ter filhos com os Lulus era muito comum entre os homens da família de Anu. Enki perdeu a conta de quantas amantes tinha tido ou quantos filhos tinha engendrado. Meu pai Nannar e meu irmão Utu não eram diferentes. Eu simplesmente lhe dava forma a uma prática comum e a converti em um ritual detalhado. Esta cerimônia do matrimônio sagrado me converteu na pessoa mais apreciada pelos Lulus.

Dita cerimônia ta mbém me permitiu formar homens suficientemente capazes para que me chamassem a atenção. Eu lhes transmitia conhecimento, sabedoria e magia. A maneira mais segura de transmitir estas freqüências se encontra no ato de união

sexual executado com a consciência mais elevada e uma concentração profunda. Eu sou uma perita nestas coisas e muitos homens se beneficiaram destas iniciações.

Por meio de minha infusão genética, o DNA dos Lulus se fortaleceu e se amplificou. Sem sabê-lo também eu atei às linhagens de milhares de seres humanos e por todas as suas vidas futuras. Meus gens se infiltraram em um rio de pessoas e sem eu mesma sabê-lo estava me convertendo em parte deles.

Já sabem como é isso; a gente está sentado por aí um pouco aborrecida esperando que passe algo emocionante e, por sincronia é atraído a um novo mundo, sem nenhum pensamento consciente quanto aonde irá. A promessa de uma experiência nova e fresca o atrai e fica apanhado na rede do tempo. Desta mesma forma eu estava para sempre atraída pela vida da Terra e pelas vidas de seus habitantes.

Meu irmão Utu estava felizmente casado com sua esposa, Aia, e de vez em quando eu os visitava. Utu e eu estávamos muito unidos e sei que ele me quer, mas se mantinha muito ocupado com os transportes da Terra para a estação espacial e escassamente tinha tempo para nos ver. Aia estava muito ocupada com seus filhos, suas escolas e sua roupa. Ninurta e sua esposa, Gula, estavam na mesma situação. Gula não falava de outra coisa que de seus meninos.

Ninurta tin ha tantas obrigações que não tinha muito tempo para ver sua esposa. Eu admirava a estas mulheres por sua dedicação a seus filhos, mas isso não era suficiente para mim. Não via a hora de retornar aos templos para me informar sobre o movimento comercial. A cerimônia do matrimônio sagrado me deu a liberdade de desempenhar meus cargos e de desfrutar dos prazeres de muitos maridos e muitos filhos.

Minhas cerimônias atraíam homens de todos os lugares do mundo. Eu estava acostumado a observar os homens que entravam nos templos e indagava sobre suas capacidades e inteligência e me acostumei a escolher os melhores. Então um dia conheci um homem que rechaçou minhas propostas: Gilgamesh!

Meu irmão Utu o tinha convertido no quinto governante da dinastia de Uruk. Nesse tempo eu estava em uma

viagem de negócios no Vale do Indo e meu irmão Utu estava ansioso para conceder a monarquia a Gilgamesh. Utu o estimava muito porque ele pertencia a sua linhagem. Numa época, Utu sentiu uma grande atração por uma das sacerdotisas de meu templo e esta união produziu um menino va rão que era tão apetecível que por sua vez

se uniu com uma dama nibiruense. Seu filho era Gilgamesh e sustentava que era dois terços Deus e um terço humano, asseveração que segundo eu, lhe dava certos direitos.

Gilgamesh era extremamente formoso, o que vocês chamariam "um homem e tanto". Era muito popular entre as pessoas, todo mundo o queria, e Utu estava encantado com este rei herói que levava seu sangue nas veias.

Como era muito inteligente, Gilgamesh começou a aprender tudo o que podia sobre a história da Terra e a família de Anu. Quanto mais aprendia, mais o obcecava a idéia da morte . Gilgamesh não queria morrer. Depois de tudo, raciocinava, ele era dois terços Deus e portanto deveria ser imortal como Utu e os outros deuses. Rogou a sua mãe e a seu avô que o ajudassem. Utu basicamente lhe disse que esquecesse o assunto, que os outros deuses não o permitiriam e que devia desfrutar do tempo que lhe tinha atribuído.

Consternado e deprimido, Gilgamesh começou a beber em

excesso. Exagerou na comida, na bebida, no sexo e se tornou briguento. Estava desesperado por esquivar a idéia do temor à morte. Seu comportamento excêntrico e seus ímpetos violentos interrompiam o fluxo de vida normal em Uruk.

Os deuses pensaram que teriam que fazer algo para acalmá- lo. Gilgamesh necessitava de um companheiro, e

no deserto vivia um homem chamado Enkidu, que era um dos experimentos genéticos de Enki e um êmulo em força física para Gilgamesh. Os deuses decidiram capturar Enkidu para que servisse de companhia a Gilgamesh.

Enkidu ainda era um selvagem e estava em um estado inocente de telepatia com os animais das estepes e dos bosques. Com o fim de capturar a Enkidu, os deuses o enviaram a uma de minhas sacerdotisas para que o seduzisse. Ele nunca tinha visto uma mulher tão formosa. Enfeitiçado por seu corpo sedutor se deixou vencer pela paixão e copulou com ela uma e outra vez. Durante sete dias e noites Enkidu se perdeu no mar de sua beleza e em um transe de paixão enlevada. Quando finalmente esteve satisfeito, foi procurar a seus animais amigos mas eles já não o reconheciam e, q uando tratou de aproximar-se, eles fugiram no meio do temor. Enkidu tinha mudado para sempre.

Como se sentisse sozinho e perdido, sem onde ir, o pobre Enkidu timidamente seguiu a sacerdotisa para Uruk, onde foi entregue ao Gilgamesh. Começaram sua amizade com uma luta, examinando o

alcance da força de cada um. Quando Enkidu provou que era um êmulo para o Gilgamesh, os dois se uniram fraternalmente. Gilgamesh compartilhou seu temor à morte com seu novo amigo. A compaixão de si mesmo q ue expressou Gilgamesh levou Enkidu às lágrimas e lhe falou sobre um lugar que ele tinha encontrado com as gazelas na Terra dos Cedros, a morada secreta dos Deuses. Ali Gilgamesh poderia exigir a imortalidade. Enlil tinha criado um horrível monstro chamado Humbaba para que vigiasse seu domínio, a Terra dos Cedros. Enkidu disse a Gilgamesh que para conseguir entrar na morada teriam que lutar com Humbaba. Emocionados pelas expectativas de um novo desafio, os dois partiram muito animados.

A morada dos Deuses existe em uma dimensão diferente a da Terra mas se pode entrar através de um portal do tempo que está situado na Terra dos Cedros. A Terra vibra a uma freqüência diferente de Nibiru e nós podemos entrar na vibração da Terra unicamente através de ditos portais, posto que são as portas para viajar entre dimensões. Humbaba era um monstro holográfico que escondia uma arma mortal que protegia esta entrada. Nós, como pleyadenses, devemos retorna r com regularidade a nossa própria freqüência de tempo, de outro modo envelhecemos à mesma velocidade com a que o fazem os humanos. Como um ano em Nibiru equivale a 3. 600 na Terra, para vocês somos imortais.Do céu Utu e eu observamos como Gilgamesh e Enki

du se aproximavam do portal do tempo e começavam a atacar à Humbaba. Impressionou - nos tanto sua coragem que decidimos acabar com o holograma e lhes fizemos pensar que tinham decapitado ao monstro. Logo os enviaríamos de retorno a Uruk como se não tivesse passado nada.

Pensando que o monstro estava morto, Gilgamesh e Enkidu jaziam extenuados ao lado de uma corrente. Gilgamesh estava muito suarento da batalha e tirou a roupa para banhar-se. Vá! Era tão formoso, tinha uma larga cabeleira negra e um corpo tão

escultural; irradiava tanta virilidade, que me invadiu o desejo. Queria estar com ele.

Da minha nave que flutuava sobre ele, gritei: "Oh, Gilgamesh, desejo sentir seus fortes braços ao redor de minha magra cintura e me deleitar nos gozos prazenteiros de sua virilidade". Também lhe ofereci terra e riquezas, poder e fama; o usual.

Podem imaginar minha frustração quando se negou. Até me insultou dizendo como eu tinha convertido a tal homem em rã e a outro em lobo. Expressou com desvario: "É um fogo de cocção

que se apaga com o vento, uma porta traseira que não protege nem do vento nem da tormenta, um palácio que se derruba sobre quão valentes o defendem, um poço cuja tampa se desaba.... um sapato que remói o pé de seu dono". Não era minha culpa que tivesse vivido mais que todos os homens que foram meus

amantes.

Ele seguiu me insultando: "A qual de seus amantes amaste para sempre? Qual de seus pastores te segue agradando? Vamos, deixa que mencione a todos seus amantes?"

Ninguém se tinha atrevido nunca a me falar de uma maneira tão repugnante e o inferno não conhece fúria como a de uma mulher desprezada! Eu não ia tolerar isto nem sequer de um homem que fora dois terços deus. Fui diretamente falar com Anu e comecei a me queixar. Felizmente Antu estava ali.

Anu tratou de me acalmar mas também assinalou que o que Gilgamesh havia dito era parcialmente certo. Bom, possivelmente tinha perdido rapidamente interesse em alguns de meus amantes, mas não recordo ter convertido a nenhum em rã. Além disso, eu sou Inanna, Rainha do Céu, amada de Anu, e ninguém me fala dessa maneira!

Melosa e lentamente roguei a Anu que me desse uma arma para surrar a Gilgamesh, uma arma grande de radiação. Disse-lhe que se não me entregasse isso, desataria toda classe de terrores astrais das outras

dimensões. Anu sabia que eu só tratava de persuadi - lo para que me aplacasse e me deu o que queria.

Anu me recordou que o uso de uma arma tão letal envenenaria as colheitas. Ele se perguntava se eu tinha suficiente grão em reserva para meu povo. Quando lhe disse que sim, ele aceitou . Agora vejo que de vez em quando eu tinha muito mau gênio. Desta vez meu irmão Utu estava totalmente contra meu plano. Ele queria muito a Gilgamesh posto que era de seu sangue e fez acertos para que não funcionasse a arma. Isto deve ter agradado muito a Anu. Fiquei furiosa porque meus planos de vingançamalograram e apresentei uma queixa formal. Anu con sultou com castigados por ter atacado à seu filho Enlil, que decidiu que Gilgamesh e Enkidu deveriam serHumbaba, desafiando com sua ação as armas dos deuses. Anu propôs a pena de morte, mas Enlil não estava disposto a ver morrer Gilgamesh e arrumou a disputa oferecendo matar somente a Enkidu.

Enkidu não pôde aceitar que se negociou sua morte de um modo tão frio e caiu em depressão. Enquanto o pobre Enkidu jazia doente e inconsciente, Gilgamesh se obcecou mais com sua

própria morte e começou a chorar e a queixar-se de seu destino. Com muita dificuldade se dava conta de que seu amigo estava doente. Este egoísmo completamente narcisista me convenceu de que Gilgamesh realmente era um dos nossos, u m verdadeiro filho da família de Anu. Os deuses em meio à sua compaixão, tiveram misericórdia de Enkidu e comutaram a pena de morte. Enviaramno a trabalhar o resto de sua vida como escravo nas minas, um destino do qual não havia volta. Nenhum Lulu retornava do mundo subterrâneo do Ereshkigal. Ditoso Enkidu.

Quanto ao Gilgamesh, seu desespero cada vez maior o obrigou a pressionar a seu avô Utu para que lhe ajudasse. Decidiu procurar a imortalidade dos Deuses com mais afinco, algo que muitos humanos também desejaram.

XII. - UTU E OS TÚNEIS DAS SERPENTES

Quando Anu começou pela primeira vez a colonizar a Terra faz mais de 500.000 anos, já existiam milhares de quilômetros de túneis subterrâneos. Ditos túneis e covas foram construídos pelo Povo do Dragão e o Povo da Serpente. Nesses primeiros dias, Anu lutou, não somente pela Terra, mas também por estes túneis, já que são de valor estratégico crucial porque eles guardam os portais de tempo.

O tratado que solucionou a guerra entre os enkitas e os enlilitas concedeu a meu pai Nan nar toda a península do Sinai. Aqui se encontrava o centro de controle da missão, o porto espacial e a entrada aos túneis. A meu irmão gêmeo Utu deram o controle destes serviços por ser filho de Nannar.

Utu é uma pessoa muito dedicada ao dever e nosso avô Enlil lhe tinha toda a confiança. Utu e eu sempre nos quisemos muito e, como somos gêmeos, estamos telepaticamente unidos,

Mas Utu tem o mesmo caráter de minha mãe Ningal. Ele tem uma inteligência silenciosa, uma têmpera de dignidade e humildade. Eu sou como meu pai: aventureira e apaixonada. Com seu olhar misterioso e penetrante meu pai podia cativar a qualquer um . Como já o disse antes, Utu amava muito a Gilgamesh e verdadeiramente queria lhe ajudar. depois que levaram Enkidu a trabalhar nas minas pelo resto de seus dias, Utu foi visitar Gilgamesh. Bom, imediatamente Gilgamesh lhe rogou que lhe concedesse a imortalidade dos Deuses.

Utu lhe sugeriu que se ele podia de algum modo provar seu merecimento diante dos outros deuses, pelo menos eles lhe poderiam conceder uma vida mais larga. Além de que, Enlil tinha concedido a imortalidade a Noé. Então Utu lhe transmitiu visões do Tilmun, a terra dos Viventes. Isto se fez nos sonhos de Gilgamesh para não despertar a ira dos outros deuses.

Tilmun é a terra dos Viventes porque está por fora do tempo terrestre e em uma dimensão diferente a da Terra. Como já o mencionei, nós devemos abandonar a freqüência da Terra a intervalos regulares. Se não o fizéssemos, nossos corpos eventualmente se ligariam a Terra e envelheceríamos como os humanos. Todos nós viajávamos regularmente ao Tilmun; lá tínhamos formosas casas. Para chegar ao Tilmun tem que viajar pelos túneis das serpentes.

Os túneis em si mesmos são maravilhosos. No princípio se formaram mediante os vermes das serpentes e vão em forma de círculos concêntricos com curvas intermináveis. A cor da luz nestes lugares é um dourado esverdeado e se vê que as paredes brilham com uma substância viscosa. A baba não é mais que um selador mas repele aos humanos bastante bem. Muitos quilômetros dos túneis estão em total escuridão. Em muitas estranhas ocasiões acharam os humanos na entrada destes túneis. Para encontrar as entradas e ter acesso, tem que estimular a energia serpente, o que vocês chamam de kundalini ou chi. Sem um domínio destas forças sutis, a entrada permanece invisível. A mitologia da Terra esta cheia de histórias sobre estes lugares. Alguns humanos em estados alterados tropeçaram com eles sem sabê-lo, mas muito poucos retornaram. Os xamãs das chamadas tribos primitivas da Terra obtiveram acesso com freqüência, mas eles preferem guardar silêncio quanto a isto.

Na época presente há sete entradas em ditos túneis. Uma está localizada debaixo da

Uma terceira entrada está no fundo do oceano Pacífico perto de Esfinge no Egito e outra está em Jerusalém. um lugar chamado Vanuata. O lago Titicaca no Peru, o Monte Shasta na Califoutras três. A sétima entrada jaórnia e o Monte Merú nos Himalaias guardamz sob o grosso gelo da Antártida. A Antártida é também a locação de um torés magnético que dá potência a todos os túneis com energia de plasma.

Em sonhos, Utu disse a Gilgamesh que entrando pelos túneis das serpentes poderia encontrar o Tilmun, a terra dos Viventes, onde vivia Noé, o sobrevivente do Grande Dilúvio.encontrasse Noé, talvez este lhe desse Se Gilgamesh o segredo da imortalidade.

Como os túneis eram seu domínio, Utu pensou em ajudar a Gilgamesh projetando uns quantos hologramas úteis dentro do cérebro de Gilgamesh para guiá-lo em seu caminho.

Eu pessoalmente estava já aborrecida de todo esse assunto de Gilgamesh, isso já não era algo para mim. Mas Utu não deixava de me contar cada detalhe da viagem do pobre Gilgamesh. Ele observava cada passo de seu precioso neto. Mais tarde os Lulus compartilharam seu ávido interesse e a lenda da busca da imortalidade por parte de Gilgamesh se fez muito popular. Ilustrava todos os seus temores, esperanças e derrotas. Se Gilgamesh não podia viver para sempre, então quem de sua raça poderia fazê-lo?

Nos primeiros dias da colonização da Terra Enki tinha ampliado os túneis. Lhe pareceu muito lento o método dos vermes, de modo que usou raios antimatéria para evaporar a rocha. Em alguns lugares este procedimento deixava

borbulhas grandes sobre as paredes que refletiam luz de uma maneira muito estranha. Enki adorava e estava feliz com seus túneis de borbulhas. Em seu laboratório do Abzu, Enki sempre estava inventando monstros e criaturas mutantes genéticas, de modo que criou uma boa quantidade de monstros feios para que vigiassem as entradas nos túneis que conduzem a outras dimensões.

Com até a entrada de um dos túneis. Ali se encontrou com ala ajuda de Utu, Gilgamesh cruzou as montanhas e chegou guns dos guardiães escorpiões de Enki. Estes eram monstros com pernas humanas e corpos e cabeças de escorpião. Assustaram muito a Gilgamesh e lhe advertiram que estes túneis escuros se convertiam em um labirinto de morte para quase todos os humanos. Negaram-lhe a entrada. Logo, como por arte de magia, Utu deu o sinal para que o deixassem passar.

Por isso lhe pareceu como uma eternidade, Gilgamesh vagou em escuridão total através do labirinto, chocando-se contra as paredes, machucando seu corpo e chamando Utu como um louco. O ar era tão pesado que com muita dificuldade podia respirar, mas demônios horríveis que o empnão obstante continuou sua viagem. Como via toda classe de urravam contra as paredes, começou a acreditar que estava louco. Perdeu todo o sentido deorientação e sua única realidade era a escuridão.Então aconteceu algo extraordinário. Gilgamesh começou a ver em meio da escuridão, mas não em sua forma normal, mas sim com o olho de um deus. Os gens que tinha herdado de Utu começaram a ativar os cones de seus olhos. Ao princípio só via os

contornos dourados das paredes, como em uma foto em infravermelho e, embora pensava que ainda caminhava em meio da escuridão total, os contornos lhe serviram como

guia e evitaram que golpeasse seu corpo contra as paredes.

Ao sair do túnel, G ilgamesh entrou no jardim dos deuses. A princípio estava aturdido, mas começou a refrescar-se com água e frutas. Ele estava em um dos jardins famosos de minha bisavó Antu. Ela os construiu não somente em Nibiru mas também em qualquer lugar onde Anu o permitia. Há muitas lendas que falam sobre estes jardins porque, além de frutas e flores reais, sempre há uma seção composta de ouro e pedras preciosas. Imaginem trepadeiras de uvas forjadas em ouro e prata com uvas de ametista e peridoto. Abundavam fileiras de trigo dourado e milho e, entre uma pletora de perfeições artísticas, as rosas eram o mais maravilhoso. Antu tinha convertido esta forma artística em uma paixão pleyadense e as mulheres nobres competiam entre si em justas centenárias projetando hologramas de seus jardins através das galáxias.

Gilgamesh, já ensangüentado e sujo de sua dura prova no túnel, estava devidamente aniquilado. Utu lhe sugeriu que se banhasse na piscina do jardim e logo o dirigiu a uma mulher coberta com um véu que estava sentada ao bordo do mar e que se chamava Siduri. Ela era da raça dos Dragões e servia vinho aos deuses antes de que cruzem o mar para chegar a seus lares. Gilgamesh lhe perguntou como podia encontrar a Noé.

Siduri lhe explicou que nenhum homem podia cruzar esse oceano. Para os Lulus esse mar era conhecido como as águas da morte. Gilgamesh contou a Siduri toda sua história e lhe informou que era dois terços deus, enquanto Utu flutuava no ar por cima deles. Ao ver Utu, Siduri chamou o barqueiro para que levasse Gilgamesh à morada de Noé.

O velho Noé reviveu as mem

hóspede, enfatizando o fato de que foram os deuses os que órias do Grande Dilúvio para seu tinham decidido destruir aos Lulus. Como tinha aprendido muito a respeito dos deuses durante os séculos, Noé sabia que nós não somos de confiança e disse a Gilgamesh que renunciasse à sua busca pela imortalidade.

Mas Gilgamesh não se deixou convencer, assim Noé lhe sugeriu entrar em um teste de integridade para provar sua dignidade aos Deuses. Possivelmente se Gilgamesh pudesse permanecer acordado e atento durante uma semana impressionaria aos deuses e lhe poderiam conceder sua petição. Então o pobre

Gilgamesh se sentou para provar-se a si mesmo, mas imediatamente ficou dormido.

Exacerbado, Noé lhe contou então sobre uma planta que crescia no fundo do mar e que o poderia tornar imortal. Com valentia Gilgamesh mergulhou e trouxe a planta até o bote, só para que a roubasse uma serpente. Para Gilgamesh, a imortalidade dos Deuses lhe tinha escapado para sempre, até com toda a aj uda de Utu.

Utu estava triste, mas não havia nada mais que meu irmão pudesse fazer por Gilgamesh. Essa era a lei: os Lulus devem permanecer em um estado de inconsciência, uma espécie de sonho. Manipulações genéticas lhes tinham arrebatado sua divindade fazia muitos milênios. Nem sequer o amor que Utu sentia pelo Gilgamesh pôde trocar isto. Gilgamesh retornou a Uruk, onde reinou até sua morte e onde era conhecido como o que tinha visto os túneis.

XIII. - SARGÃO, O GRANDE

Sargão foi o amor de minha vida na Terra. Juntos fizemos amor apaixonadamente, tivemos formosos bebês e

fundamos reinosgrandiosos. Vi-o pela primeira vez em meu templo. Ele era o copeiro de Ur-Zababa, rei da cidade de Kish. Cha mou-me a atenção porque era muito parecido com meu pai Nannar. Tinha seus mesmos olhos. Embora ninguém sabi a com exatidão quem era o pai de Sargão, eu tinha minhas suspeitas.

A mãe de Sargão era uma sacerdotisa em um de meus Templos do Amor. Quando nasceu, ela o envolveu em mantas em uma cesta de juncos e o colocou no rio. Enquanto ela orava, cuidadosamente observava como flutuava até chegar a um homem chamado Akki que estava encarregado de irrigar os campos com água do rio. Akki tirou Sargão das águas, adotou-o como seu filho e lhe ensinou a cuidar do jardim. À medida que crescia, suas qualidades inatas de liderança o levaram até a corte de Kish. Mas foi sua beleza e seu humor o que me induziu a amá-lo. Era alto e forte, de maçãs do rosto altos e finas maneiras. Era extremamente inteligente e seu próprio ser impunha lealdade. Senti-me atraída do primeiro momento em que o vi e, para minha sorte, ele sentiu o mesmo. Foi como uma super voltagem em nossos corpos. Não me tinha medo nem era tímido. Ele sabia o que eu queria e tomou-me como a um deus; nossa cópula foi

divina. Ao princípio permanecemos em um estado de êxtase durante mais de duas semanas. Asseguramos as portas douradas de meus aposentos com a poderosa espada de Sargão e unicamente deixávamos que de vez em quando os serventes nos trouxessem vinho e comida. Não necessitávamos de comida, vivíamos do néctar de nosso amor e paixão.

Nosso único desejo era jazer entrelaçados nos braços do outro e passar horas simplesmente tocando e explorando com nossos lábios e pontas dos dedos o recém-achado território de nossos corpos. Nossos olhos desejosos procuravam profundamente nos modo nos tivéssemos separado. À medida que nos perdíamos na do outro como se já tivéssemos estado juntos antes e de algum união, fortaleciamo-nos e nos convertíamos em um.

Às vezes, nas agradáveis tardes, nos banhávamos nas piscinas de meu jardim sob árvores frutíferas à luz salpicada do sol. Eu só punha minhas jóias; colares de ouro, lápis lázuli e pérolas caíam sobre meus peitos. Uma cadeia de diamantes lhe dava a volta a minha cintura e braceletes de esmeralda adornavam minhas

pernas e tornozelos. Sentado sobre as águas com flores fragrantes que nos rodeavam, Sargão beijava meu corpo com ternura, acariciava meus peitos firmes e tomava o tempo para excitar a poderosa força de minha paixão até que eu brandamente lhe suplicava que me penetrasse. Sua virilidade me satisfazia à medida que ondas de prazer murmuravam por todo meu ser. Nossos dois corpos pareciam dissolver-se, palpitavam como uma luz branca à medida que nos convertíamos em um oceano de criação eterna. A consciência de dois como a gente ficava no vasto silêncio da eternidade e nosso prazer se convertia em música nos reino mais elevados.

Sargão me adorava e eu o converti em meu rei. Como tudo o que tocávamos prosperava e florescia, construímos u m reino novo ao que chamamos Acádia. Ali desenhamos e fundamos uma bela cidade nova, Agade. No Agade construímos um maravilhoso templo dedicado a mim chamado Ulmesh que queria dizer suntuoso e rutilante, como certamente o era. Aos músicos dava instruções para que tocassem dia e noite em meu templo. Nosso povo era feliz e próspero; suas casas eram construídas com lápis e prata. Em nossas adegas abundavam os grãos e as frutas, os velhos e as mulheres respeitavam-se e nossa juventude radiava com a beleza da confiança. Os pequenos jogavam alegremente nesta cidade de amor. Sargão o Grande e sua querida Inanna

governavam o reino mágico da Acádia. Este foi um período extraordinário para mim.

Quando Acádia estava firmemente estabelecida, eu comecei a exortar a Sargão a que tomasse mais terras. Os Lulus tinham estado brigando entre eles mesmos e eu convenci a meu irmão Utu de que uma união com Sargão traria um tempo de paz e abundância do qual poderíamos nos beneficiar. Utu se reuniu com meu pai Nannar e com meu avô Enlil. Sargão caiu extremamente bem a Enlil; possivelmente recordava a seu próprio filho Nannar. Enlil concedeu a Sargão a monarquia na Suméria e Acádia. Inventamos uma nova caligrafia chamada acadiana para anotar nossos lucros.

Eu nunca pude ter feito conquista de tanto alcance sem a aprovação de Enlil. Em anos posteriores esqueceria eu este fato duro e frio.

A época de Sargão, segundo a contagem do tempo terrestre foi 2.334 – 2.279 a.C. Seu reinado foi um tempo de muita glória para mim. Nesses dias eu era a Rainha

do Céu e da Terra no trono. Egito até a Índia e fizemos aliEnlil permitiu a Sargão que conquistasse o mundo conhecido do anças e acordos comerciais com Ninurta, Nergal e Ningishzidda. Por nossas rotas passavam livremente os grãos e o vinho, o cobre e o ouro e toda classe de mercadorias. Nosso povo se enriqueceu e inclusive os deuses pareciam estar satisfeitos. Mas de conformidade com o defeito humano da arrogância, Sargão cometeu um grave engano. Vi -o, o poder lhe tinha subido à cabeça. Começou a pensar que era igual aos deuses e tristemente começou a beber em excesso.

Sargão e eu havíamos trazido para o mundo uma formosa menina cujo nome era Enheduanna. Ela era como eu, formosa e teimosa. Tinha o dom da poesia e passava horas compondo hinos à grandeza de seu pai, a suas conquistas e a sua beleza física. Estava apaixonada por seu pai e decidida a nos separar.Eu não podia culpá

-la por seus sentimentos; não havia ninguém em seu mundo que se igualasse a seu pai. Mas seus constantes cuidados tiveram um efeito insidioso em Sargão. Ela se fez sacerdotisa para não ter que casar-se e esperou Sargão no templo. Recitou-lhe seus poemas, encheu seu ego de sonhos de juventude e virilidade e lhe serviu vinho. Sargão queria desesperadamente realizar um ato heróico para agradar à sua filha.

Havia um templo em Babilônia que tinha sido consagrado por Marduk. Era algo sagrado para ele e era sua maneira de manter

suas garras sobre asempre tinha sido muito suscetível e possessivoBabilônia durante seu período de exílio. Ele

quanto a

Babilônia.

Sargão concebeu uma cerimônia na qual transladou o chão

sagrado a um novo lugar onde serviria como a base simbólica para

uma nova Babilônia que ele construiria. Não se imaginou que este

ato traria graves conseqüências. Quando Marduk se inteirou do

sacrilégio, levou a arma Pasupata Plasmon à sua espaçonave e

voou sobre os campos da Acádia e Suméria. Ondas de radiação de

alta intensidade destruíram as colheitas em questão de minutos, o

que produziu um período de escassez que obrigou o povo a

rebelar-se contra Sargão. Ele se viu obrigado a reprimir centenas

de rebeliões. Homens que uma vez o amaram e o adoraram

levantaram suas espadas contra ele e os louvores se converteram

em maldições à medida que os Lulus, mortos de fome, viam que

seus meninos morriam em seus braços. Nosso império começou a

desintegrar-se.

Eu não estava envelhecendo mas Sargão sim. E começou a cair

ante meus olhos. Com horror via como suas bebedeiras se

convertiam em um pesadelo. Inclusive começou a me amaldiçoar,

a sua a mada Inanna. Sargão se mudou para o templo para estar perto da Enheduanna. Na noite eu jazia sozinha na enorme cama de cedro que tínhamos construído para os dois. Enquanto brisas suaves moviam as cortinas brancas de seda através da cama, atormentavam- me as lembranças agora dolorosas de nossa magnífica paixão e uma fria solidão se apoderou de meu coração. Eu não podia permitir que tudo o que tínhamos edificado se esfumasse... Os tempos pacíficos, as belas cidades. Tinha que mudar

que tínhamos construído e não me importava o que custasse.o destino, tinha que lutar. Não estava disposta a perder o A imagem de Sargão em sua cama agonizando e tremendo, com a Enheduanna a seu lado, ainda está cravada em minha memória Poderia ser este o mesmo homem cuja força me ti nha levado ao êxtase, o mesmo homem a que eu tinha coroado como rei? Para mim, o final de Sargão foi uma tragédia que mudou minha vida para sempre. Já não era a mesma; uma parte de mim morreu esse dia. A menina exuberante que corria rindo por pisos de lápis já tinha desaparecido. Não havia príncipe que me resgatasse ou a meu povo. Eu sabia que dependia de mim tomar o que era meu, e estava bem consciente de que os outros deuses se apressariam a reclamar minhas terras se eu não lutasse. Coloquei os objetos de

guerra e desfilei entre as legiões de meus soldados montada sobre meu leão.

Reanimando as minhas tropas, tirei de dentro de meu ser ferozes gritos de guerra. Meus soldados estavam impressionados; a deusa Inanna os guiaria pessoalmente à

batalha. Ombro a ombro lutei com eles como um homem enquanto me convertia na deusa da morte e da destruição. Durante dois anos conduzi a meus dedicados exércitos à batalha e matei a milhares de homens.

Um após o outro fui colocando os filhos de Sargão no trono durante minha ausência. Enheduanna escrevia poemas que ilustravam meus massacres dizendo que sua mãe, Inanna, fazia correr rios de sangue. Ferozmente lutando pelo que eu acreditava que era meu, perturbei o equilíbrio dos deuses. Aconteceu uma reunião na casa de Enlil. Enlil e Ninurta tomaram uma decisão: teremos que deter Inanna. Os deuses decidiram permitir que Marduk retornasse a Babilônia. Enlil e Ninurta sabiam que Marduk com gosto cercearia as atividades de Inanna: eu que uma vez quis enterrá-lo vivo. Como diz o ditado, o inimigo de meu inimigo é meu amigo.

Marduk não tinha esquecido que quando estava preso na grande pirâmide de Gizé, Utu lhe tinha tirado todo o fornecimento de água e, ao chegar a Babilônia, imediatamente tomou medidas para proteger o bebedouro da cidade, o rio Eufrates. As forças de engenharia de Marduk reduziram os fornecimentos de água às cidades circundantes, o que exasperou aos outros deuses. Chamaram Nergal da África para que dialogasse com seu irmão Marduk. Nergal se despediu de minha querida irmã Ereshkigal e empreendeu a viagem para Babilônia. Entrou na casa de Marduk e começou a adular a seu irmão. Que façanha de engenharia tinha obtido Marduk! Entretanto, terei que admitir que o desvio do rio Eufrates lhes tinha roubado a água aos outros deuses. Anu e Enlil estavam contrariados.

Marduk replicou que dos tempos do Grande Dilúvio o equilíbrio de poder na Terra se trocou de uma maneira inaceitável, que tinha sido redistribuído artificialmente e

que não enchia suas aspirações. Adicionou que certas armas e fontes de poder tinham sido injustamente furtadas de Enki e exigiu que as devolvessem a ele, não a Nergal. Logo ameaçou que envenenaria todo o rio Eufrates se não se cumpriam suas demandas.

Aqui me abriu uma porta. Sempre gostei muito bem de Nergal, uma lástima desperdiçáque era tão inteligente e de aparência agradável. Pensava que era -lo com minha irmã Ereshkigal. Enki já

tinha perdido o controle sobre seus filhos fazia anos. Nergal e Marduk estavam agora a bordo de uma verdadeira disputa fraternal.

Se eu pudesse me aliar com Nergal, ele poderia me ajudar a obter minhas ambições. Assim preparei um jantar tranqüilo para meu cunhado Nergal. Ele aceitou com prazer o convite. Estivemos totalmente de acordo, fizemos planos, fizemos amor. A família de Anu era ególatra e narcisista. Era muito fácil nos motivar à guerra ou a paz porque só nos moviam nossos próprios interesses e o que nos convinha nesse preciso momento. Uma vez inundados nos esforços penosos da ambição, nós perdíamos de vista o caráter e nos esqueciamos da verdade singela de que o caráter é o destino.

No dia seguinte Nergal retornou à casa do Marduk na Babilônia e se negociou um acordo. Nergal devolveria as armas e as pedras cantantes aterra das minas na África e as recuperar para si. Marduk aceitou

Marduk, mas este deveria sair da Babilônia e voar à com relutância.

Antes de partir, Marduk advertiu a Nergal que não tocasse nos controles que regulavam o rio Eufrates. Como irmãos são irmãos, no momento em que Marduk saiu, Nergal entrou

à força na sala de controle mas para sua surpresa descobriu que toda a sala estava cheia de armadilhas. Quando Nergal desmontou os controles, soltaram-se venenos no rio. Marduk também inventouum mecanismo que alterava os satélites que regulavam o clima no caso de alguém destruir sua sala de controle.

Sobre Babilônia os céus se tornaram negros, aumentaram as tormentas, os rios se poluíram e toda a área da Acádia e Suméria Suméficou devastada. Enki apreciava muito o sistema de águas da ria e não podia suportar que o Eufrates estivesse envenenado. Furioso culpou a seu filho Nergal desta ofensa destruidora. A esta ira Nergal reagiu cancelando a elevação de uma estátua de Enki que já estava planejada. Só para provar um ponto, e por minha sugestão, Nergal queimou a casa de Marduk. Como Marduk estava na África, pelo menos temporariamente, eu coloquei no trono da Acádia a Narim-sem, neto de Sargão. Meu pai Nannar adorava esse moço e Nergal também o apreciava. Minha aliança com Nergal, apoiada em sua inimizade com seu irmão Marduk, deu - me tanto poder que Narim-sem e eu pudemos continuar guerreando e conquistando territórios por um tempo. Suponho que já estava voltando um pouco agressiva e a brutalidade da guerra estava me mudando. Algumas das histórias

sobre mim eram verdadeiras, outras não. Eu sim entregava os escravos capturados aos campos de trabalho. Impulsionada pela ira, a ambição e minha solidão, voltei-me desumana. Sentia-me e me comportava como uma loba encurralada. As ações de minha vida estavam começando a aparecer em meu rosto. Minha beleza se estava convertendo em algo duro e cruel. Punha - me mais pintura mas isso não servia. Era colérica e irritável, exceto quando queria algo. Voltei- me manipuladora para obter o que queria; era uma hárpia, uma beleza convertida em besta.

Narim -sem teve muito êxito e se escreveu sobre suas campanhas nas tabuletas de argila. Mas um dia fomos muito longe. Chegamos até as Montanhas de Cedro do Líbano, muito perto do porto espacial. Enlil reuniu aos deuses e todos ficaram de acordo: Inanna tinha começado a guerra e terei que detê- la. Ninguém me defendeu. Emitiu-se uma ordem para minha detenção.

Eu não ia permitir que Enlil me pusesse na cadeia, de modo que escapei em minha nave. As tropas de Enlil chegaram até meu templo de Agade e, ao ver que eu não estava, levaram-se todas as armas e fontes de poder. Eu me escondi no palácio de Nergal em Etiópia, onde ele todos os dias me dava informações sobre o que acontecia.

Entre os deuses começou a circular o rumor de que eu tinha desafiado a Anu. Isto era falso, mas proporcionou a Enlil a desculpa que necessitava. Como castigo por desafiar a Anu, destruíram a cidade de Agade. A bela cidade de prata e lápis que Sargão e eu tínhamos construído devia ser vaporizada. Atiraram os raios antimatéria e Agade se esfumou. Até este dia ninguém descobriu o lugar onde uma vez existiu minha querida Agade.

Enlil, com seu estilo firme, trouxe seus homens da montanha, as hordas gutianas para que tomassem Acádia. Aqueles que eram leais a mim foram degolados. Como eu não estava para as guiar, No palácio deminhas legiões se desmoralizaram e fugiram para os estepes.Nergal me sobreveio uma depressão que nunca antes havia sentido. A derrota e a perda plasmaram seus feios rostos sobre meu corpo enquanto eu me sentava abatida sobre meu trono durante dias. Ninguém podia me convencer para que comesse ou falasse.

Sonhei que estava engatinhando por um deserto. Minha querida Ninhursag me chamou com o apelido que me pôs quando era uma garotinha: "N ini! Nini!" Vi o rosto triste de Dumuzi, o marido que não tinha amado. Senti o eco da risada assassina de minha irmã Ereshkigal. Por um momento senti a carícia tenra de Sargão,

unicamente para me encontrar em um ninho de serpentes. Corria assustada em uma gelada noite e me vi apanhada em uma teia

com uma enorme a ranha cujos olhos vermelhos e garras cortantes

estavam prontas para me devorar. Despertei gritando... gritando. Era eu, Inanna, vulnerável? Era eu tão diferente de quantos escravos tinha capturado ou às mulheres que haviam me trazido taças douradas de vinho? Estava eu de algum modo limitada em meu poder? Por que estava aqui, vivendo neste corpo azul?

Minha mãe Ningal me enviou uma mensagem me suplicando que retornasse à casa. Prometeu-me que ali estaria a salvo em seus braços. Deu-me sua palavra de que meu pai Nannar tinha garantido amparo contra as acusações. Segundo ele, eu já tinha sido castigada o bastante. Ela orava para que eu retornasse a casa, mas eu devia renunciar a meus caminhos aventureiros e inovadores.

Com prazer viajei a Ur, o lar de minha querida mãe Ningal. Eu, Inanna, outrora Rainha do Céu, fui a casa de minha mãe.

XIV. - TARA

O que faz uma garota como eu quando perde tudo? Depois de uma época em que chorando dormia nos braços de

minha mãe, comecei a me sentir como uma parva. Aqui estava eu, Inanna, Rainha do Céu, escondida na casa de meus pais. Quando comecei a me recuperar me senti um pouco coibida e envergonhada. Pela primeira vez comecei a refletir sobre o significado de minha vida e sobre o que tinha feito. No profundo de minha alma sentia uma angústia e me perguntava se outros também a sentiam. Era algo estranho e novo para mim.

Diariamente chamava a meu amigo Matali e conversávamos muito tempo. Matali era considerado como o melhor engenheiro de energia de plasma. Era um físico que podia consertar tudo .

De vez em quando voava na nave de Enki por amizade, mas fazia tempo se desiludiu do modo de vida dos deuses. Matali tinha se casado com Tara e foi viver com sua gente para começar uma nova vida.

Tara era da antiga raça do Povo Serpente, os Nagas, uma raça que viveu na Terra eones antes que minha família. O Povo da Serpente veio de um setor diferente da galáxia, do Altair, para viver no centro da Terra. Matali sugeriu que fosse com eles ao

Reino da Serpente. Ele pensava que a mudança me faria bem, assim vieram me pegar na casa de minha mãe.

Tara e eu tínhamos chegado a ser muito amigas no Vale do Indo, onde ela tinha ensinado às minhas sacerdotisas as artes da dança. Ela tinha aprendido a arte da dança celestial dos Apsarases, os dançantes do céu. Tara era uma perita. Por meio de uma concentração intensa ela podia levantar seu magro corpo no ar e executar movimentos celestiais de máxima elegância e graça. Das pontas de seus dedos até os sinos de ouro que cantavam brandamente sobre seus tornozelos, a dança da Tara é uma expressão deliciosa de sentimento.

Eu a amo tanto! A serpente tão desolada pôs seus braços a meu redor e começou a chorar. "Oh, minha querida amiga!", expressou. Por um momento meu orgulho me impediu de chorar, mas muito em breve comecei a fazê-lo. A beleza da Tara não era somente física, procedia de seu interior. Ela possuía um tranqüilo equilíbrio de ser, uma sabedoria carinhosa. Todo isso a fazia atraente. Não é de estranhar que Matali a amasse. Ele nos olhava fixamente e de um modo amoroso, enquanto chorávamos uma nos braços de outra, e a nave subia pelos céus procurando um portal do tempo.

O Reino do Povo Serpente era na verdade extenso. Dentro da Terra existem muitas cidades que resplandecem cada uma com torres de alabastro branco. O ar é fresco e é regulado por sistemas sofisticados cujas fontes de energia estão nos pólos da Terra. Há pomares e campos de cultivo que produzem mantimentos em abundância para a gente. O Povo Serpente possui uma grande variedade de corpos: uns são humano, outros habilidades telepáticas, podem ter acesso às mentes de um grupometade serpente ou réptil. Podem ver na escuridão e, com suas ,se o desejarem.À medida que os dias passavam no Reino da Serpente, eu não deixava de fazer perguntas a Tara; rogava-lhe que me entregasse seus segredos. O que dava a ela essa integridade e essa beleza? Como podia eu obter esse estado mágico? Tara me contou muitas coisas, de como sua gente tinha vindo a este planeta fazia muito tempo para construir suas cidades e túneis subterrâneos. Contou-me que entre eles somente havia uma pessoa que sabia tudo, e que lhe chamava A Sábia, a Velha Mulher Serpente.

Implorei - lhe que me levasse a ela. Fizeram-se acertos para que Serpente. Seu nome é impronunciável em seu idioma atual; é um Tara, Matali e eu viajássemos juntos à morada da Velha Mulher

som que transmite amor. Dos ombros para baixo é mulher, mas dos ombros para acima tem a cabeça de serpente. Emana uma energia que eu nunca havia sentido antes e que não a tornei a sentir após. Não é nem jovem nem velha e quando você trata de olhá- la fixamente se transforma continuamente ante seus olhos. Em um momento é beleza deliciosa, no seguinte um demônio furioso. Não obstante, a gente nunca sente medo em sua presença. É como se ela encarnasse tudo o que é, e isso está muito bem.

Quando me sentei frente a ela, fez um gesto indicando que sabia o que eu queria. Sabia quem era eu e tudo o que tinha feito. Parecia me conhecer inclusive além de minha vida como Inanna. Era como se sempre nos tivéssemos conhecido; como se de algum modo eu sempre tivesse estado em sua mente. Olhava-me com uma curiosidade familiar e compaixão. Não mostrou nenhum desejo de me controlar ou me manipular. Encontrou prazer em minhas aventuras, em meu deleite e irradiava seu amor incondicional.

Pouco a pouco tudo o que nos rodeava se convertia em uma luz dourada intermitente, o tempo começou a derreter-se e senti que as dimensões convergiam. Em minha mente vi que a Terra tinha existido durante eones. Neste lugar da galáxia tinham existido três esferas e esta Terra atual era a terceira. Ao final de cada ciclo a esfera tinha sido destruída e em seu lugar se criou um novo planeta.

Tive uma visão do que foi a primeira Terra. Esta época ma is sutil e mais amável que a da colônia nibiruense. Havia um grande amor no planeta e o seres que existiam estavam dedicados a retornar ao Primeiro Criador.

Nesse tempo vi, um dia, muitas ladeiras com grupos de pessoas, todos vestidos de branco sentados sobre as costas do mar. No topo de uma ladeira havia um pavilhão de mármore com colunas altas e debaixo d estas havia doze casais em uma fileira em forma de meia lua. Começaram a cantar: "Illiii... OHhhh... AHhhh...". Repetidas vezes estes tons fluíam pelas ladeiras até que tudo vibrava em som. Havia uma multidão de entidades com rostos brilhantes que entoavam as mesmas freqüências e, à medida que a energia incrementava, os seres começavam a converter-se em luz. A princípio a luz somente rodeava seus corpos, mas logo seus ladeiras se converteu em uma luz. À medida que suas freqüências corpos eram luz. Cada homem, mulher e menino sobre essas continuavam pulsando e ascendendo, o som se convertia em uma

espiral. Estas energias que se formavam atraíram para a luz em espiral anjos e outros seres elevados. Finalmente o Primeiro Criador aspirou a espiral enquanto o prazer resplandecia através de todo o universo.

Em nosso estado de êxtase e prazer sublime, tínhamos presenciado uma ascensão em massa. Vida que alegremente retornava a sua fonte: o Primeiro Criador. De algum modo Tara, Matali e eu estávamos nesse pavilhão de mármore e, não obstante, estávamos ainda em presença da Velha Mulher Serpente. Era como se não existisse a separação dos eones, como se estivéssemos simultaneamente em ambos os tempos e lugares. Por nossos rostos corriam lágrimas de felicidade.

Em nossos corações agradecemos à Velha Mulher Serpente e nos despedimos dela. Nossos corpos estavam carregados de força elétrica, e foi suficiente por um dia.

De retorno para o reino dos deuses, Marduk estava conspirando e planejando. Nergal não se deu por vencido e

estava formando alianças com os enlilitas, os inimigos de seu pai Enki. A animosidade entre os filhos de Enki e Enlil se concentrou na atmosfera da Terra. Das profundidades do Reino Serpente observávamos como os deuses se aproximavam cada vez mais da sua destruição.

XV.- GANDIVA

Os filhos de Enki cresceram conscientes de que toda a Terra lhes teria pertencido se não tivesse sido por Enlil e seus filhos. O rancor e aversão que Enki sentia por seu irmão Enlil se infiltrou nas vidas de seus filhos como um veneno. Os enkitas estavam apaixonadamente decididos a vingar-se e se opunham a cada passo que dava Enlil. Como Enki perdeu o controle sobre seus filhos, o ódio deles afundou a família. Marduk e seu filho Nabu trataram de arrebatar o poder a seus próprios irmãos. Nergal não estava disposto a entregar todo seu poder a Marduk e opôs a maior resistência chegando até a formar uma aliança com Ninurta, filho de Enlil.

Ninurta comandava os esquadrões de vôo enlilitas que patrulhavam a Terra. Ele tinha conduzido as famosas Hordas Gutianas para a Acádia para destruir o que ficara de meus exércitos.

Também lhe encomendou a tarefa

águas de recuperar os sistemas de do Eufrates depois que Marduk os tinha poluído.

Ninurta e sua esposa, Gula, estavam na cidade de Lagash. Ninurta, a quem adorava voar e comandar a força aérea, também era aficionado à construção e a engenharia. Esperava ansiosamente o desafio de limpar o rio. Mas detestava o assunto de governar e não tinha paciência para a vida social que suportam estes deveres. Sua esposa Gula estava muito dedicada a ele mas Ninurta era muito

esquisito para ser companhia de alguém. Talvez ele tenha levantado uma parede a seu redor para desviar os constantes cuidados de Ninhursag, sua dominante mãe.

Ninurta ficou muito introvertido, descuidou do controle do governo e desaparecia durante dias. Escapava em sua nave favorita, o Pássaro Negro.

Ele queria construir pirâmides; dos tempos da guerra sentiu inveja das grandes pirâmides do Egito e convidou aos arquitetos que tinham tomado parte no desenho e construção de Gizé para que começassem a trabalhar na Suméria. Isto o manteve ocupado por um tempo perto de casa, por isso sua esposa se alegrou. Mas paulatinamente a tentação de voar sozinho em sua nave o venceu. Afastou-se de toda civilização e voava sem cessar através de montanhas longínquas. Ali formou uma legião de lutadores e lhes ensinou as artes marciais. Desfrutava muito da companhia destes homens rústicos.

Ninurta estava enfastiado do estilo de vida de sua família, os deuses. Preocupado por nossos conflitos eternos, ele recordava sua infância quando a Terra era ainda uma aventura desconhecida. Desejava essa época quando estava livre das ominosas responsabilidades de ser o filho de Enlil. Tenho que reconhecer que eu nunca cheguei a compreender completamente a Ninurta. Ele é uma pessoa muito complexa, atormentado pela carga de seus deveres e uma necessidade premente de simplesmente ser um garotinho brincalhão, o garotinho que talvez nunca tinha sido.

Como N inurta estava fora por longosolhar a Babilônia e suas cidades circundantes. Ele e seus períodos, Marduk começou a seguidores começaram a infiltrar-se nos povos da campina e, empregando hologramas, aparecia-se ante os líderes de certas tribos identificando-se com diversos nomes. A estas tribos lhes incentivou a que se inclinassem

e adorassem ao Deus Marduk. Ele executou muitos milagres para as pessoas, deu-lhes poder e riqueza e lhes advertiu que os deuses de Enlil e sua classe eram

deuses falsos. Dizia-lhes que os que não o adorassem seriam castigados; condenados ao inferno para sempre.

Durante séculos os humanos tinham sido preparados para adorar algo que estava por fora deles, ou seja a nós. Contra esta manipulação eles tinham muito pouca defesa.

Como foram, ou seja, qual dos deuses era verdadeiro? Certamente todos os deuses eram volúveis; mais de uma vez tinham deixado os humanos abandonados à sua sorte. As pessoas das tribos raciocinava que possivelmente deveriam adorar ao deus que lhes proporcionasse o melhor, ou que talvez seria melhor lhe obedecer a aquele que ameaçava com castigos horríveis.

Mard uk era um gênio para confundir as pessoas. Começou a ganhar na devoção dos Lulus ao corromper levemente o poder dos outros deuses. A ciência do controle mental e a propaganda para lavar o cérebro estavam em suas primeiras etapas.

Devido à ausência de N inurta, Enlil teve que nomear alguém mais idôneo para a tarefa de governar a Suméria. Escolheu a meu pai Nannar. Da cidade de Ur, Nannar e minha mãe Ningal começaram a reconstruir as rotas comerciais normais e a restaurar a agricultura e os negócios na área. Os templos reataram suas atividades normais e se construíram novos zigurates.

Não obstante, as coisas não estavam bem de tudo. No ar da Terra se sentia a fricção e o antagonismo. Era como se o planeta fosseum ser que não pudesse suportar os ódios e disputas dos deuses. Uma sensação de ansiedade começou a rodear tudo. A ambição e a avareza corriam rápido por

toda a Terra; logo que se inaugurava uma monarquia era destronada por outra. As escaramuças aumentavam enquanto os estados de ânimo se exacerbavam. Os olhos de

Podem ler a história deste tempo, poiMarduk liam por cima de seus futuros domínios.s se escreveu muito nas tabuletas de argila. Marduk e seu filho Nabu lutaram sem cessar para ganhar o território e controle do porto espacial. Ao lado de Enlil estavam meu pai Nannar, meu irmão Utu, Ninurta e Nergal, filho de Enki.

Para acabar com essas horríveis guerras, Matali foi visitar seu velho amigo Enki. Matali sempre tinha estado ao comando da nave pessoal de Enki e os dois tinham passado muitas horas juntos. Matali rogou a Enki que falasse com seus filhos. O que se obteria com toda esta luta? Com certeza a Terra e sua gente só sofreriam mais. E se os filhos de Enki e Enlil morressem na desta guerra só poderia ser a aniquilação mútua, posto que ambos batalha? O que sobraria a um dos dois patriarcas? O resultado

os lados tinham armas poderosas. Se Anu escolher o Gandiva, ninguém poderia evitar a aniquilação. Quem poderia predizer o fim de uma guerra tão devastadora?

Depois de escutar Matali, Enki visitou seu filho Nergal e tratou de raciocinar com ele. Mas Nergal se negou; ele sempre tinha

acreditado que Enki preferia a Marduk. A verdade era mais comovedora: Marduk exercia uma forma sutil de controle mental sobre seu pai e Enki era simplesmente impotente em presença de Marduk. Nergal se zangou muito pelos esforços de Enki para que se obtivesse a paz com Marduk. Enfurecido, disse a Enki que partisse e amaldiçoou tanto a seu pai como a seu irmão, prometendo destruí-los.

Sozinho, o pobre Enki chorou tristemente. Não sabia o que fazer e recordava as épocas mais felizes, as festas de Antu.

Os profetas da fatalidade começaram a multiplicar-se por toda a Terra. Todo sacerdote e adivinho contava histórias da destruição que se avizinhava e oráculos em todos os templos profetizaram o fim do mundo. Muitas das predições foram absurdas e nunca se cumpriram, mas era como se a gente estivesse viciada nestes pronunciamentos. Quanto mais horrorosas eram as predições, mais gente pagava para as escutar.

Os profetas estavam na verdade fazendo seu agouro!

Levantaram -se novos edifícios para abrigar os Lulus que desejavam reunir-se para encher-se de temor. Entre as profecias mais populares estavam os contos de escassez de alimento e a devastação de cidades inteiras, enquanto que os terremotos e dilúvios lutavam pelo segundo lugar. Os Lulus gastavam todo seu dinheiro por vir e escutar estes contos, que os assustavam até a loucura. Este temor gerava uma energia da qual Marduk aprendeu a alimentar-se, e começou a fomentar o medo projetando imagens holográficas no céu e criando cenas aterradoras. Experimentou com a energia desse temor, manipulando-a e modificando-a para saciar seu apetite. Era melhor que a carne humana e mais fácil de administrar.

As profecias se tornaram realidade. Nu m dia terrível, os exércitos de Marduk caíram sobre Nippur, a cidade sagrada de Enlil. Ninurta chegou com suas tropas para defendê-la, mas o templo e os tronos sagrados já estavam destruídos. Enlil respondeu de uma maneira implacável ordenando a destruição da Babilônia, a cidade preferida de Marduk, assim como de todos os seus centros logísticos.

Enlil reuniu o conselho de guerra e fez a Anu a temida pergunta. A arma Gandiva só podia ativar-se sob a ordem

de Anu porque, uma vez desencadeada, não se podia predizer o resultado. Nergal tratou de reunir-se pela última vez com seu irmão Marduk. Se este renunciava a suas pretensões de domínio supremo, o Gandiva permaneceria inativo. Enki, que estava presente com Marduk e Nabu, parecia estar em um estado de cegueira, como se sua vontade tivesse sido minada. Sumido na escuridão, Enki jogou sua ira e frustração sobre Nergal, pelo que a ira deste aumentou. Decidido a usar o Gandiva, Nergal deixou Marduk e seu pai. Agora já nada poderia detê-lo.

Todos os deuses estavam conscientes dos perigos possíveis do Gandiva. Inclusive Marduk sentiu medo quando se deu conta de que seu irmão Nergal estava disposto a usá- lo.

Anu se encheu de angústia. A inveja de seus filhos tinha levado a Terra a este estado. Deu-se conta de quão fraco se tornou seu filho Enki e preferiu destruir as cidades e o porto espacial do que permitir que tudo ficasse nas mãos do turbulento Marduk. Anu e Enlil viam algo escuro, quase perverso em Marduk e suas ambições. Ele queria se apoderar do planeta Terra, arrebatar o poder de Anu e inclusive governar as Pleyades. Converteu-se em uma ameaça séria, uma espécie de máquina que devorava tudo o que encontrava no seu caminho. Sem sentimento, sem coração, sem gozo de ser, só pensava em uma conquista desumana.

Anu desencadeou o Gandiva. "Uma labareda de luz, afiada como uma lâmina de barbear e mais forte que o sol, com um movimento em forma de zig-zag. Embora apontada para objetivos específicos, esta arma da perdição não fazia distinções."

Não só se destruiu o porto espacial; muitos outros lugares importantes para Marduk do ponto de vista logístico desapareceram. A península do Sinai foi destruída

totalmente. Mas havia algo primitivo que não tínhamos planejado e que não podíamos controlar: o vento.

É irônico que o nome de Enlil pode significar "O Senhor do Vento", mas nesse momento nem Enlil nem nenhum outro deus pôde controlar os ventos que sopravam sobre a Suméria. Nuvens de radiação arrasavam as planícies matando todo ser humano e animal no seu caminho . O envenenamento por radiação desintegrava as células de seus corpos, a pele caía de seus ossos, seu sangue se eva porava nos ardentes ventos e morriam em meio de uma dor aguda. Os que estavam na periferia foram os que

mais sofreram porque sua morte foi mais lenta. As terras ficaram negras com os fogos nucleares e as águas ficaram envenenadas.

A salvo em suas naves, os deuses observavam uma vez mais como seu frenesi destruía, de novo, milhões de vidas. Povos inteiros desapareciam; animais e colheitas, pontes e zigurates desapareciam da superfície do planeta, enquanto a Terra se agitava violentamente. O que tinham feito eles? Somente uns quantos sobreviventes permaneceram em meio da espantosa devastação do que uma vez foi um planeta verde e formoso. A violência do Gandiva e as nuvens de radiação criaram um impacto que se converteu em uma onda que enviou um sinal para o sistema solar.

Movendo-se além dos últimos planetas do sol, o sinal viajou por toda a galáxia até chegar a outros setores. Além da vastidão do espaço, o sinal foi recebida pelo Conselho da Federação Intergaláctica. Esses pleyadenses que se divertiam no planeta Terra tinham ido muito longe; terei que detê-los. Um comportamento tão irresponsável era inadmissível. Tinham alterado o equilíbrio de todo o universo. Fez-se um chamado e todos fomos citados ao Grande Salão do Conselho da Federação Intergaláctica.

Nós tínhamos estado tão entretidos em nosso jogo e em nossas brigas que esquecemos por completo do resto do universo. Quem eram estes intrusos que se atreviam a interromper nosso jogo? Anu sabia muito bem quem eram eles e convocou a todos com autoridade.

XVI. - INTERFERÊNCIA

O Grande Salão do Conselho Intergaláctico era uma sala de reunião imensa com tetos transparentes e arqueados que davam ao espaço infinito. Anu, Enlil, Enki, Ninhursag, Nannar, Ninurta, Nergal, Utu e eu estávamos todos formalmente sentados no círculo do Conselho. Marduk não quis assistir. De repente eu me senti pequena e me alegrei de que Anu estivesse ali, mas até ele pa recia diminuído neste lugar. Só a presença dos membros do Conselho nos deixou humildes, um sentimento que não estávamos acostumados.

Os Doze Superintendentes do Conselho eram uma amostra representativa das galáxias. No auditório havia centenas de outros representantes de todo o universo. Tantas espécies! Havia

membros de Sírio, Andrômeda, Orion, Arcturo e muitos outros sistemas.

Os Etéreos estavam muito bem representados. Eles têm uma freqüência vibratória muito alta. Às vezes se vêem sólidos, outras vezes transparentes ou translúcidos e se diz que estão por cima da polaridade, embora eu ainda não experimentei esse estado. Eu não sabia por que, mas parecia que os Etéreos tinham a última palavra na condução da reunião.

Também vi seres que eram esferas ou bolas de luz e voavam ao redor de nós, transformando-se nas cores do espectro; primeiro dourado, depois rosado ou turquesa. Possuíam a habilidade singular de entrar dentro de nós com permissão, de encher suas células com luz e, por meio disto, conhecer a soma total de seu ser. Pareceu- me que isto era uma maneira muito interessante de comunicar-se. Eu estava feliz com todas estas novas experiências quando a disposição de ânimo no Salão trocou.

Quando Anu ficou de pé diante Dos Doze, deles saiu simultaneamente um som o qual se converteu em palavras que foram claramente entendidas por cada raça: "NÃO INTERFERÊNCIA!"

Não interferência é a lei do universo do livre-arbítrio e nós, disseram Os Doze, tínhamos violado esta lei ao interferir diretamente na evolução de uma espécie. A lei afirmava que era possível ajudar à evolução dos seres se, e somente se, eles solicitavam essa ajuda. Alterar seu DNA e romper os campos eletromagnéticos de um planeta inteiro com a arma Gandiva era algo monstruoso e ilegal.

Eu pensava para mim que este conceito de livre-arbítrio devia ser como o mercado livre na Terra: é somente livre

quando serve aos que estão no poder. Parecia- me que este Conselho estava tratando de nos pressionar ao interferir com nosso livre-arbítrio. Para o Conselho era óbvio que não entendíamos muito bem, de modo que nos explicaram cuidadosamente que não iriam nos castigar, fazer a gente voar em pedaços ou a confiscar nossas armas. Contudo, algo nos aconteceria. Um estado de consciência, uma energia, uma disposição de ânimo que refletia a totalidade de nossas ações na Terra chegaria até nosso mundo. Esta energia lentamente mas com certeza

espontaneidade de nossas vidas. Veríamoafogaria a criatividade e -nos bloqueados, incapazes de evoluir. O Conselho chamou a esta energia a Parede. Claramente explicaram que nós não fomos vítimas, que nós

mesmos tínhamos criado esta Parede. Era nosso próprio invento. Nós não os cria

mos.

Também nos proibiram de usar o Gandiva outra vez. O fazê- lo, seria considerado como um ato de guerra e pagaríamos as conseqüências. Se nós não acreditávamos que suas armas eram mais fortes que as nossas, talvez nos poderiam mostrar hologramas de outros grupos errantes que tinham sido aniquilados por violar a lei. Acrescentaram que suas armas não somente destruíam civilizações mas sim, eram tão fortes que podiam vaporizar as almas dos habitantes. Eles podiam nos retornar à mente do Primeiro Criador para não existir mais, não nos dariam a possibilidade de encarnar em nenhuma forma! Senti um calafrio na espinha .

O Conselho continuou dizendo que mais tarde em nosso desenvolvimento seria óbvio para nós que tínhamos estado na fase adolescente. Desavenças como as de Enki e Enlil passariam com o tempo e teriam servido para um fim.

Enquanto isso não nos permitiria destruir planetas ou fraturar o tempo com estas explosões. Recordem. Eles concluíram com a palavra RECORDEM!!!

Anu estava visivelmente aturdido; eu nunca o tinha visto assim. Eu tratei de lhe falar mas ele nem sequer me notou. Anu retornou a Nibiru, Enki e Enlil voaram à estação orbital. Os três ficaram em comunicação permanente.

Em meio de todas as discussões e reparos, onde cada filho culpava ao outro, apareceu em nossas telas de comunicação uma mensagem urgente: Marduk tinha sitiado todo o sistema solar pleyadense. Durante muitos anos em segredo tinha fabricado exércitos de clones e os tinha treinado em um planeta abandonado. O temor que tinha aprendido a tirar da raça humana lhe servia agora como alimento e energia para apoiar este projeto i mpressionante. Com um ataque supressivo entrou nas Pleyades e destruiu a monarquia governante. Agora tinha tudo sob seu tirânico controle e ordenou a Anu que se rendesse ou do contrário destruiria Nibiru. Anu escapou com Antu a um sistema vizinho.Todos estávamos sobressaltados. Enki e eu voamos com Matali ao centro da Terra para nos escondemos no profundo mundo subterrâneo do Reino da Serpente, onde estaríamos a salvo dos restos da radiação do Gandiva. Enlil saiu para unir-se a seu pai Anu. Os dois estavam decididos a desenvolver um plano para recuperar Nibiru e liberar as Pleyades.

A salvo, e além das freqüências de tempo do planeta desolado, nossa família observava com horror como Marduk começava a apoderar-se do que estava na Terra e seus habitantes. Com o tempo se apoderou de seu planeta. Não utilizou exércitos para conquistar a Terra, usou a propaganda. Os sacerdotes de Marduk acusaram Enlil de desatar o terrível Gandiva contra os indefesos humanos.

Era, depois de tudo, a verdade e por isso Marduk fez que os habitantes da Terra se voltassem contra Anu e Enlil.

Marduk fez todo o possível por me difamar. Dizia que eu era uma bruxa malvada que devorava aos homens e convertia mulheres inocentes em prostitutas. Como cobiçava meus templos e as terras que possuíam minhas sacerdotisas, iniciou uma campanha de difamação para destruir a estas mul heres. Minhas sacerdotisas, que estavam muito bem treinadas em negócios e nas artes, foram acusadas de magia negra, de lançar conjuros por toda a Terra. Sempre que algo saía mau, uma tormenta ou um problema nas colheitas, jogavam a culpa nas minhas mulheres. E Marduk se encarregou de que muitas coisas saíssem mau. Minhas belas sacerdotisas foram encarceradas, golpeadas, torturadas, violadas e queimadas vivas. confiscaram-se todas as suas propriedades. Marduk estava se vingando de mim, a que ordenou que o enterrassem vivo.

No Reino daquarto cômodo mas não me dava conta do que havia a meu Serpente, eu jazia em uma pequena cama em um redor. No olho de minha mente vi como os homens de Marduk desfiguravam e mutilavam meus templos. Todas as imagens das deusas foram substituídas pela sua própria. Esculpiu seu nome em pedra por cima do meu e reescreveu a história, convertendo-se a si mesmo no herói de cada conto e lenda. Em meio de uma agonia impotente vi como minhas sacerdotisas sofriam todo tipo de humilhações. Há tantos contos de fadas sobre virgens, às que se levam aos dragões e as presas em cavernas escuras. Estas histórias estão apoiadas na verdade, mas não havia nenhum cavalheiro em armadura que devesse resgatar a minhas belas sacerdotisas.

Marduk não se deteve com minhas mulheres; não estaria satisfeito até que esmagasse a todas as mulheres. Para

obter isto, usou os homens. Disse aos humanos varões que eles eram superiores, que a mulher tinha sido criada da costela de um homem para que lhe servisse. Mentiras, mentiras saíam da boca dos sacerdotes de Marduk.

À medida que as mulheres perdiam sua posição de respeito, os homens por sua vez perdiam parte de si mesmos. As coisas não voltaram a ser iguais. Inclusive fazer amor se converteu em uma guerra. Como Marduk queria mais súditos para controlar e mais energia do temor que se gerava, fomentou a procriação de seus súditos. Na lua da Terra colocou um aparelho eletromagnético que conectava a ovulação feminina com seus ciclos. Nem sequer os animais da Terra se podiam fecundar com tanta freqüência como suas mulheres. Marduk queria produzir o temor como uma mercadoria, assim que ordenou aos Lulus que se multiplicassem. Isto lhe daria mais súditos para tiranizar e assim poderia gerar mais energia a partir de seu temor.

O temor se converteu na mercadoria mais valiosa para Ma rduk. O temor imperava: temor à morte, temor ao castigo, temor ao conhecimento. Com uma fonte tão ilimitada, Marduk podia alimentar a suas legiões de clones e a Terra se converteu em uma central elétrica para Marduk e seus tiranos.

E tiranos eram; dos governantes dos países até os administradores de companhias, a tirania era a lei. Impor a vontade de um sobre outro era a expressão mais altamente valorizada da vida humana. Com a tirania chegou sua amiga, a avareza. E como ninguém pode estar perto daqueles que controla as coisas, os troféus da conquista e o controle substituíram ao amor. O prazer se definia em términos de posse e os objetos substituíram à intimidade. Do Reino da Serpente, eu vi o futuro deste mundo projetar-se ante meus olhos. Vi como Marduk se voltava mais e mais

ardiloso em suas técnicas de controle e de gerar temor sobre os Lulus. Sacerdotes e políticos desfilavam diante de mim; os estilos trocavam, mas a tirania fundamental permanecia intacta. Uma garra invisível se pulverizou pelas mentes e almas dos habitantes da Terra. A Inquisição, o sistema feudal, centenas de "ismos" que prometiam esperança vinham e se foram. A industrialização trouxe consigo o trabalho vazio, aumentou o materialismo e poluiu as águas, a terra e os mantimentos.

Marduk aperfeiçoou a manipulação com a chegada dos meios de comunicação: televisão e jornalismo. Repetidamente os humanos eram treinados para adorar algo fora de si mesmos; não lhes animava a olhar para dentro. Sempre havia alguém lá para adorar, alguém que era melhor e mais elevado. Duvidando de si mesmos, os Lulus escutavam sem cessar aos "peritos", quem por sua vez se contradiziam entre si aumentando deste modo a confusão.

Os humanosexcluídos como desadaptados, eram casque conseguiam pensar por si mesmos eram tigados ou no melhor dos casos os faziam se sentir culpados. Se a gente obtinha algo, os outros se sentiam inferiores e se fomentou o sentimento de culpa. A psicologia se fez popular e os humanos lhes davam o dinheiro àqueles que escutavam seus sentimentos de culpa e temor durante horas, dias, anos. Para Marduk a culpa era tão nutritiva como o temor.

Se havia uma escassez de temor Marduk ocasionava uma fome, um terremoto ou um furacão. Isto podia ser real como sucesso real na natureza, ou podia simplesmente ser um holograma ou um programa de televisão.

Da

À medida que viajava pelo tempo, de repente comecei a minha pequena cama, o futuro da Terra se via desalentador.compreender como um raio que golpeava meu cérebro cansado, que Marduk somos nós. Ele era o inconsciente coletivo da família de Anu projetado sobre a Terra. Tínhamo-lo criado do mesmo modo como tínhamos criado tudo de nossas vidas. Cada um de nós tinha dado a luz ao Marduk nesta dimensão. Obviamente, se o tínhamos criado, também podíamos nos desfazer dele. Mas como?

XVII .- DESCIDA

Fui ver meus amigos Matali e Tara e pedi que desejava retornar a ver a Velha Mulher Serpente. Tara me guiou para suas cavernas e ela não pareceu surpresa. Embora não pronunciasse palavras, eu compreendi que devia empreender uma viagem sozinha.

A sábia dama me conduziu a um túnel escuro. No extremo do túnel vi um ovalóide transparente, como uma matriz rodeada de uma auréola translúcida de luz suave incessante. Entrei e me sentei durante um tempo que me pareceu uma eternidade. Não aconteceu nada. Comecei um programa de austeridades, disciplina para elevar minhas freqüências por meio da concentração. Respirei, senti calor divino, jejuei. Parei-me estática sobre um dedo do pé durante dois mil anos; prostrei-me, chorei. Minha alma se derramou para esse ovalóide à medida que o silêncio me afligia.

Não obstante, nada acontecia. Repassei minha vida como Inanna. Tudo o que tinha sido ou feito passava através do olho de minha mente. O desejo veemente de verdade e conhecimento afligiu todo meu ser e meu corpo formoso se levantou e se sacudiu em

meio de soluços e desespero. Finalmente, esqueci o desespero e me perdi em um calor de fogo, enquanto sacrificava meu orgulho e já não sabia quem era. O ego da Inanna se desvaneceu.À medida qu

e toda identidade caía de meu ser como as lágrimas de meus olhos, começou-se a formar uma luz frente a mim. Lentamente, esta luz assumiu a forma do ser mais esquisitamente belo que eu tenha visto. Não era nem homem nem mulher, mas sua forma era humana . Estava composta de milhares de luzinhas que disparavam e se moviam constantemente em cores diferentes. O rosto era o rosto de mil seres e irradiava tudo o que eu esperava poder ser; graça, sabedoria e qualidades para as quais não tenho palavras.

"Qual é seu nome?", perguntei.

O Ser respondeu desta maneira:

"Tenho muitos nomes de uma multidão de experiências e estados de ser, mas meu verdadeiro espírito, onde reside minha alma não é mais que uma freqüência de luz, não é um nome. Eu sou o que não pode ser renomeado. Se buscas me dar um nome, sou Altair do Alción, Estrela de Estrela. Eu sou aquilo que você sempre foste. "Seu desejo veemente da verdade me trouxe para cá. Estes são os momentos de seu despertar; corte-os. A revelação se está dando agora nesta fuga do tempo. Você é um sistema de reação. Eu me conecto contigo. Estive alinhando seus circuitos para que haja uma melhor recepção. Te harmonize comigo.

"Recorda, amada. Recorda seu verdadeiro Lar. Quando o tempo começou para ti, foi uma luz branca pura. Agora você tem muitas cores, muitos matizes, muitas experiências. Flutua através do infinito, pulsando beleza. Amo-te imensamente".

Senti que uma brisa suave acariciava meu corpo. O imenso amor deste ser me rodeou me curando e secando minhas lágri mas. Senti-me mais ligeira e pelo meu corpo correram ondas de suprema alegria.

O ser falou de novo:

"Amo-te, Inanna.

NUNCA te julguei.

Regozijei-me com seus feitos, com sua coragem.

Chorei quando você chorou.

Procurei sabedoria em sua beleza.

Apoiei-te em suas horas mais difíceis.

Nunca estive separado de ti. Permiti-te ir pelos caminhos que escolheu para que me trouxesse experiências.

Faria qualquer ser menos por seu filho, sua criação?

Em tranqüilidade de nosso encontro, abro a ti.

Apresso a ti para me encher dentro de ti e de ti.

Você é minha criação e com ansiedade esperei seu retorno.

Sem exigir você volta para mim, brandamente como as flores seguem ao sol.

OH minha amada, unidos estamos!

Desde todos os atalhos e caminhos,

Através dos compridos e solitários corredores do tempo,

Como as correntes da Terra,

Como o sangue que flui por suas veias,

Encontramo- nos no coração.

Para nos queimar ali nos fogos de nossa Realização".

Assim era! Eu estava acesa, todo meu ser ardia em amor e experimentei um êxtase que nunca antes me tinha imaginado. Em silêncio, o ser transportou um entendimento a minha mente. O amor se esvaziou dentro de mim com uma força de paixão indescritível. Dentro de meu coração sabia o que faria. O calor do fogo me mudou para sempre.

Vi meu futuro. Descenderia para a forma humana, converteria - me em um humano e tentaria ativar o gen divino em minhas Projeções, os seres humanos que eu tinha criado. Separaria- me em porções variáveis e assumiria muitas encarnações. Atreveria-me a ser vulnerável e a nascer na carne humana. Escolhi uma gama de experiências através de castas particulares. Embora ia descer ao tempo da Terra, eu sa bia que este Ser de Luz estaria comigo sempre e que já nunca estaria sozinha.

Tenho que admitir que no princípio estava um pouco relutante a me encarnar na forma humana . Eu sabia exatamente o que tinha sido feito ao DNA humano e quão difícil seria recordar quem era uma vez estivesse encarnada. Mas eu estava decidida.

Decidi começar lentamente. Nas montanhas do Himalaia vivia um grupo de h umanos que se reuniram em busca da sabedoria. Com a oração e a meditação eles esperavam que lhes chegasse uma visão que lhes mostrasse a verdade. A maneira de experimento, produzi uma imagem holográfica de mim mesma um pouco modificada e apareci desse jeito. Estava vestida uma túnica branca e me rodeei de uma modesta quantidade de luz. Enfoquei-me no pensamento de amor que me mostrou o Grande Ser no ovalóide. Concebi uma coluna de luz que saía do ovalóide, passava através de mim para as montanhas e aos corações e mentes destes buscadores.

Sua inocência e gratidão me impulsionaram a amá- los, e quanto mais os amava, mais sólida me voltava. Tinha um pouco de medo, mas não podia evitar amá-los. Seu gozo era uma tranqüilidade que nunca tinha conhecido. À medida que minha densidade física aumentava, eu sabia que rapidamente esqueceria e não recordaria quem era nem o que tinha vindo fazer aqu i. Pensei em todos os outros no que me converteria. A força de meu amor e compaixão pôs em movimento cem vistas, enquanto eu, Inanna, disfarçada de Lulu, descendia à Terra para experimentar todas as limitações da carne e do sangue.

Eu esperava que minha tarefa ia ser fácil, uma aventura a mais. Depois de tudo, eu como Inanna era de uma freqüência de tempo diferente e estava acostumada a viajar no tempo. Que tão difícil poderia ser? Não obstante, fui muito otimista. A densidade das freqüências da Terra, unida a um corpo cujo DNA desativado somente permitia um décimo de sua função cerebral, deixaram-me afligida pelos cinco sentidos. A confusão e o temor me invadiram vida atrás de vida. As técnicas de lavagem cerebral de Marduk, a propaganda e o controle por meio das freqüências foram muito para mim. O sistema religioso da época simplesmente me esmagaria e eu me perderia.

Como homem, escolhi a vida de um sacerdote em Atlantis. Eu era o guardião dos cristais sagrados. Apaixonei-me por uma virgem Santa, violei-a e meus companheiros me executaram. Na antiga Irlanda me converti em um forte guerreiro. Esgrimindo minha tocha, decapitei a mil hares de homens e amontoei suas cabeças à frente de meu castelo como ostentação de minha riqueza.

Comecei a beber em excesso e golpeava a minha esposa. Um dia enquanto dormia, minha esposa e meu irmão persuadiram a meu filho de que me cortasse o pescoço, roubando desta forma minha vida e minha riqueza. No Egito

me converti no bibliotecário da grande loja dos papiros e as tabuletas de argila de Alexandria. Como temia a todo sentimento, vivia sozinho em meio da palavra escrita. Morri como um homem rígido e solitário quando os soldados romanos colocaram fogo à biblioteca.

Como mulher, fui uma bailarina em Cachemira. Isto o fiz em honra de minha amiga Tara. Era uma órfã que chegou ao palácio graças à dança e decidiu educar-se aprendendo línguas e arquitetura. Era muito admirada pelos homens, mas as mulheres do harém me desprezavam e me envenenaram. No ocidente da América fui uma menina, a índia que montava em pôneiMeu nome era Donzela do Céu e, me comunicando com as e caçava nas pradarias.

estrelas, benzi a Terr

um índio valente e boa com as energia dos céus. Apaixonada por m moço, Pluma de Fogo, morri ao dar a luz quando um cu randeiro supersticioso me amarrou no piso de meu tipi. Na Espanha me converti em uma formosa mulher judia. Durante a Inquisição fui encarcerada, torturada e queimada viva. Antes de morrer baixaram anjos para me liberar de meu corpo e minha dor.

Converti- me em muitos seres. Experimentei a vida como homem e como mulher. Percorri os mesmos caminhos que os humanos percorreram. Senti o que eles têm sentido, a mesma esperança e o mesmo desespero. Tive um menino em meus braços; fui uma menina órfã. Degolei a muitos homens e amei a muitos outros. Perguntei-me amargamente, o que importava? O que importava nada?

Suplicando ajuda, sentei-me sobre o piso frio e olhei firme e veementemente às estrelas. Tratei de recordar.

XVIII. - PARA OS MENINOS

Ninhursag se uniu a seu irmão Enki no Reino da Serpente. Dali eles observaram minhas encarnações humanas com profundo interesse. Os dois tinham criado a espécie h umana fazia muito tempo e sabiam sobre a possibilidade de ativar os gens "divinos" apesar do véu que representava o controle de Marduk. Minha tia avó Nin estava muito entusiasmada com o potencial ilimitado que jazia latente dentro de cada ser humano. Ela sempre tinha amado a seus Lulus e Enki os tinha salvado de sua total aniquilação depois do dilúvio e queria uma oportunidade para lhes ajudar outra vez. Além disso, o desafio desta empresa lhe parecia muito sedutor. De modo que Enki e Ninhursag se uniram na descida para a forma humana.

Todos sabíamos sobre os perigos que nos esperavam. Era possível que não recordássemos quem fomos; possivelmente nos perderíamos. Prometemos nos ajudar mutuamente a recordar quando fora, e do modo que fosse possível. Outros deuses seguiram nosso exemplo. A minha mãe Ningal e a meu pai Nannar se uniram ao meu irmão gêmeo Utu e sua esposa. Ninurta seguiu a sua mãe Ninhursag porque queria protegê-la. Inclusive minha meia irmã Ereshkigal e seu marido Nergal escolheram encarnar como huma nos. Muitos outros descenderam de suas próprias

linhagens, encarnando-se naquelas estirpes que tinham criado e das quais já eram parte.

Quanto a suas experiências, terão que lhes perguntar. Talvez eles sejam vocês.

O Conselho Intergaláctico estava muito impressionado por nosso compromisso corajoso de remover a Parede. O aborrecimento se pode converter em uma motivação efetiva. Do Conselho saiu outra mensagem que tinha que

ver com o planeta Terra. A Marduk e seus seguidores lhes transmitiu uma versão especial.

Ninguém que esteja por fora das freqüências da Terra deve interferir nela. Era necessário deixá -la sozinha, lhe permitir que evoluísse sem intervenção até o fim do ano 2011 D.C. A Terra seria protegida por um batalhão de naves de todas as partes das galáxias apoiadas pelo Conselho.

Este acordo terminaria no ano 2012 D.C, ano no qual a Terra experimentaria uma divisão dimensional e se separaria em duas dimensões definidas. Quando no universo as disputas não se podiam resolver pacificamente, tais confl itos se dirimiam por meio de uma separação dimensional. O tempo e a realidade física são muito similares às capas de uma cebola. Os mundos podem e, de fato, existem dentro de outros e os estoque dimensionais se sobrepõem e se entrelaçam.

Esta separação seria apenas perceptível aos habitantes da Terra e todos teriam tempo suficiente para escolher entre as duas dimensões. A natureza individual de cada ser humano tomaria a decisão. Ninguém escolheria por outra pessoa.

Uma Terra conteria as freqüências da chamada Luz e existiria dentro do que se chama a quarta dimensão. Nesta dimensão os pensamentos que tivesse um indivíduo tomariam forma porque cada pensamento se manifestaria instantaneamente e cada um chegaria à conclusão de que é o criador de sua própria real idade. responsáveis por tudo e a cada um lhe garantiria o direito inerente Todos os habitantes da Terra saberiam que eles sozinhos foram a ser soberano e a criar.

A outra Terra ficaria em mãos de Marduk e seus tiranos. Aqueles que quisessem que lhes dissesse o que fazer,

como pensar e que não queriam exercer seu direito a escolher, permaneceriam sob seu controle. Os seres poderiam continuar experimentando a vida sob o escudo de suas regras à medida que a

tirania continuava reinando e a Marduk lhe permitia ter sua própria experiência. Parecia que havia muitos que estavam contentes de ter a alguém

que pensasse por eles e havia muitos que queriam continuar adorando algo que estivesse fora deles.

Quando Terra se convertesse em dois mundos diferentes, não haveria julgamento. Um dia os humanos simplesmente se encontrariam na dimensão que melhor lhes acomodasse e logo que notariam a mudança, embora poderiam ficar alguns com vagas lembranças, inclusive mitos a um passado longínquo.

No ínterim, o Conselho e os Etéreos ficariam como guardiães sobre a Terra. Não haveria guerras nem se permitiriam conquistas do espaço. Claramente havia muitas outras civilizações de outros setores que também pretendiam apoderar-se da Terra. Muitas asseveravam que também tinham deixado suas sementes em um passado muito longínquo e retornavam para recuperar seus direitos. Parece que este pequeno planeta azul é muito valorizado por muitos. Sem dúvida na Terra deve haver algo mais precioso que o ouro.

De algum jeito todos fizemos armadilha. Nós sim interferimos. Entramos em corpos humanos para tratar de ativar o gen "divino". Nós queríamos fomentar o pensamento original e promover também uma rebelião contra a tirania. Não obstante, demo- nos conta de que era algo muito difícil e freqüentemente nos executavam de maneiras horrendas por estas ações subversivas. Tivemos êxito na criação de alguns hologramas inspiradores,

algumas visões edificantes e outras experiências "santas". E a alguns de seus melhores pensadores lhes entregamos alguns É obvio segredos tecnológicos.que Marduk também fez armadilha. Com o fim de ganhar conversos, gerou muitos hologramas aterradores. Ele se especializava em separar a religião do resto da vida e deu origem a muitas formas de adoração com numerosas burocracias para sobrecarregar e governar aos Lulus. Criou uma nova religião que não tinha nome oficial mas que se conhecia como o consumismo. Homens e mulheres chegaram a considerar as coisas como mais importantes que as pessoas. Às pessoas lhe media pelo número e a quantidade de suas posses.Um altar, uma caixa eletrônica que emitia imagens, instalou

-se em cada lar para treinar às pessoas a adorar as coisas e adquirir mais delas. Este altar consumia a maior parte do tempo da gente. O resto do tempo se utilizava para consegui r dinheiro para comprar coisas. Aos meninos lhes deixava sozinhos em casa frente ao altar, enquanto seus pais se dedicavam à busca de mais posses. Só uns

poucos se deram conta de quão vazia se tornou a vida. Marduk teve cada vez mais êxito.

Quando os Etéreos se inteiraram da estratégia do altar, decidiram enviar às pessoas da Terra um presente. Do centro da galáxia, começaram a transmitir uma onda de luz que foi muito suave ao princípio e que logo aumentou sua magnitude e rodeou a Terra. Começaram a aparecer novas formas de pensamento que freqüentemente deixavam perplexos aos pais. A gente dançava nas ruas como tribos primitivas gritando "Façamos o amor, não a guerra!" Muitos outros começaram a procurar a solidão e tempo para olhar para dentro de si mesmos.

A onda continuou. Os homens adultos declaravam seu direito de sentir e as mulheres afirmavam que eram iguais a eles. Os estudantes jovens ficavam de pé frente a enormes arma e reclamavam seu direito a escolher, a ser livres. As pessoas íam defender à Mãe Terra, que tinha sido envenenada de um modo absurdo no século vinte. Alguns asseveravam que falavam com os golfinhos e outros animais procurando defendê-los.

A onda cresce e cresce. Eu, Inanna, aparentemente perdida aqui em um estranho corpo terrestre, abro-me para essa onda. Cada dia me esforço por recordar.

Em algum lugar no tempo, vejo uma garotinha azul que corre ao longo de um piso de lápis, e sua risada vem a minha lembrança como um eco. Sei que devo recordar. Se eu posso fazê

- lo, sem dúvida todos podemos. A ação de recordar e de despertar certamente se pulverizará como um fogo fátuo através do mesmo ar que respiramos. Eu me abro à onda.

Alguns dias me confundo, mas este ato de recordar cresce me ama e eu posso sentir esse amor. Há Esferas de Luz que às firmemente dentro de mim. Há uma visão de um Ser de Luz que vezes voam a meu redor. A onda se volta mais forte; escuto os sons da mudança. Cada célula de meu corpo começa a vibrar com a mudança à medida que me revelam mistérios fascinantes.

Eu recordo.... eu recordo, as ondas agradáveis do amor e do perdão fluem por meu corpo, para minha mente, a meu coração e eu recordo. Então estamos aqui na Terra com vocês esperando o tempo da eleição. Nós, quem os criamos, enviamos nosso amor a todos nossos meninos. Nós que criamos Marduk queremos que cheguem a ser como os "deuses", mas melhores! Queremos que recuperem o que lhes arrebatamos faz muitos eones; seu

poder, o poder de confiar em vocês mesmos. A onda é para cada ser

humano que está neste plano. A onda é nosso amor para vocês, nossos meninos.

Vamos a vocês na noite com os sonhos, no canto dos pássaros, na carícia do vento, no murmúrio das folhas, no aroma das flores, na risada dos bebês. Seguimo-los pelos corredores do tempo e cochichamos em seus corações, amado acorda. Sabe quem é! E sobretudo, enviamo- lhes amor, porque o amor é o poder mais grandioso de todos.À medida que comecem a descobrir seu poder de criação, de vez em quando pensem em mim e em minha insensatez. Pensem em Ninhursag e Enki, em todos nós. Recordem nossa história, e divirtam -se tanto como nós.

Quanto a mim, vi o homem mais interessante e fascinante no Conselho Intergaláctico. Nunca vi um homem como ele, e depois que superar este assunto da Parede, acredito que o buscarei. Possivelmente agora preste atenção em mim. Já não sou a mesma. Possivelmente encontre isso no "Bar Etéreo", ou no sétimo plano dos Ba rdos. Possivelmente a vida que começa para mim, Inanna.

INTERIM

Uma formosa mulher, uma deusa, dorme sobre um dragão dourado.

O dragão assobia, seus olhos irradiam um vermelho intenso em meio da escuridão.

A mulher jaz debaixo de uma grossa manta de veludo, seus braços estão inertes, seus delicados dedos estão quietos esilenciosos. Sua pele é azul cremosa, quente e suave. Seus olhosamendoados se movem imperceptivelmente detrás de pálpebrasfechados e pestanas largas.

Ela dorme. Ela sonha...

Sentada sobre uma nuvem, ela flutua no céu enquanto milhares de homens e mulheres se prostram ante ela em adoração.

Inanna! G ritam eles.

Oh, Rainha do Céu! Gritar isso Ante ti, nos inclinamos!

De repente, detrás dela, aparecem serpentes venenosas.

Saem dela retorcendo-se e se arrastam para as multidões.

Primeiro serpentes, logo dragões, depois demônios.

Devoram a seus adoradores.

O terror alaga o ar. O sangue manchou, a terra.

Não!, G rita a deusa. Não!

Eu sou vocês. Não me adorem! Não!

Ela se deixa vencer pela angústia

Respirando com dificuldade, acordada treme e chora

Não! Gotículas de suor abrem seu corpo. Não!

Por seu belo rosto correm as lágrimas.

O dragão assobia… e guarda silêncio outra vez.

SEGUNDA PARTE: MELINAR E OS EU S MULTIDIMENSIONAIS

I .- OS SAPATOS VERMELHOS

O ano é 1994, o lugar: Planeta Terra, a cidade de Nova Iorque, a parte ocidental superior. Graciela sai de um táxi na esquina da Broadway e a rua 78 apertando firmemente uma bolsa de compras de um das lojas mais exclusivas da

cidade. Alegre e nervosa ao mesmo tempo, ela reflete sobre seu estado mental. Acaba de pagar quase 300 dólares por um par de sapatos vermelhos de salto alto, uma soma exorbitante por um par de sapatos. Depois de muitos anos meditando e procurando a verdade, de viajar por todo mundo e de procurar respostas em milhares de livros, está de pé nas perigosas ruas de Nova Iorque, apertando firmemente um par de sapatos que custam o suficiente para alimentar a uma família de seis pessoas durante um ano em algum país de terceiro mundo.

Uma queixosa voz chega à consciência de Graciela. Olhe e vá a uma jovem mulher desajeitada sentada sobre uns degraus de concreto. Está suja, andrajosamente vestida e visivelmente perturbada. Seu rosto está machucado. A mulher chora histéricamente e grita: "Não tenho nada, não tenho onde viver, não tenho o que dar a meus filhos! " Seu desespero enche a rua enquanto suplica aos transeuntes. Como estão em Nova Iorque naturalmente, todo mundo a ignora. A bolsa se volta mais pesada nos braços de Graciela. Com um sentimento de covardia e culpabilidade, ela abre discretamente sua bolsa e saca uma notade 20 dólares. Toma precauções para não atrair a atenção de assaltantes potenciais. Caminha lentamente para a triste mulher e deixa cair a nota em suas mãos calejadas e ansiosas.

A mulher salta de alegria e grita aos quatro ventos: "VINTE DÓLARES!" Meu Deus, esta mulher me deu vinte dólares! Todas as pessoas que estavam perto deram a volta e olharam à mulher e a Graciela. Ela sabe que se permanecer um minuto mais será acossada por outros mendigos desesperados. No meio do pânico, Graciela começa a correr esquivando o tráfico enquanto cruza a Broadway e a 78 para chegar ao Riverside Drive. Entra em umedifício de apartamentos, cumprimenta o porteiro e toma o elevador. Recosta seu corpo contra suas cômodas paredes, enquanto

seu coração pulsa apressadamente. Os sapatos já não estão.

Em outra dimensão Inanna, a formosa deusa pleyadense, está sentada em uma ovalóide transparente contemplando as projeções multidimensionais de seu Eu que ela lançou no contínuo do espaço/tempo. Começa a sentir uma sensação de temor e pânico de um dos Eus. Centraliza-se sobre a área da moléstia e vê a imagem de Graciela no elevador. O coração da garota se acelera perigosamente, possivelmente é necessário um pouco de quietude.

Graciela escuta uma voz familiar em sua mente : "te acalme, está bem. Foi algo muito generoso de sua parte ter ajudado a essa pobre mulher. Respira profundamente e te acalme". Enquanto abre a porta de seu apartamento Graciela começa a chorar. Dois formosos pastores alemães negros saltam de gozo, beijam suas lágrimas e lhe dão as boas-vindas à casa. Ela abraça a seus dois anjos guardiães com agradecimento.

Graciela se dirige à janela. Depois de viver vinte anos em Nova Iorque por fim vive em um apartamento com uma magnífica vista do rio Hudson. O aparta mento fica no piso vinte; possivelmente um piso por cada andar. Da segurança de seu balcão elevado ela olha para baixo ao Riverside Park. É primavera e os casulos de cerejeiras estão em plena floração. A beleza é enganosa, pois oculta as caixas de papelão que estão detrás das árvores e que são o lar de muitos indigentes. De cima os vê claramente. "Já não posso agüentar isto. Sinto-me tão impotente frente a um desespero tão cansativo". Ela recorda o homem que vive no parque durante todo o inverno e que se cobre com jornais para seproteger do frio. Em um temor mútuo, seus olhos se encontraram mais de uma vez. Os olhos do homem expressavam sua dor e desesperança, penetravam nas

profundidades da alma de Graciela deixando-a com um sentimento de impotência total.

A dor que produz a cidade é mais do que ela pode suportar. Sonha com as montanhas do Noroeste do Pacífico, com bosques de cedro e água pura. Abraça a seus cães e promete empacotar e abandonar a cidade, o que para ela se converteu em uma promessa vazia.

Inanna relaxa, sabe que Graciela recebeu as imagens do santuário da montanha e as absorveu dentro de seu ser. Muito em breve ela

estará sozinha com as estrelas na Montanha Perdida. Fora do caos da cidade ela poderia escutar Inanna e, no silêncio do bosque, pode chegar a recordar. Possivelmente esta tenha mais êxito que outros Eus. Possivelmente esta ativará os gens regressivos e poderá reunir-se aos outros Eus que estão perdidos em meio de suas crenças. Talvez esta jovem mulher tenha êxito onde muitos falharam.

II .- OS BRILHANTES

Inanna olhou fixamente sua pele azul e observou que suas células mostravam um tom pálido e cansado. Decidiu descansar um bom tempo; contemplou a seu Eu multidimensional e se perguntou por que não podia chegar a eles. A semana passada Olnwynn foi assassinado por seu próprio filho. Quando Inanna decidiu encarnar em uma variedade de seres humanos, não tinha idéia de que a vida em um corpo humano podia ser tão perigosa e desconcertante. Esta experiência levava consigo muita densidadee não era de sentir saudades que a raça humana estivesse experimentando tanto conflito. A chegada do Kali Trampa só tinha piorado mais as coisas.

A civilização pleyadense sempre entendeu as fases da criação em quatro ciclos contínuos conhecidos como as idades ou Trampa. O primeiro período é uma idade dourada onde preponderam a sabedoria e o lucro. A esta fase segue

uma segunda idade na qual a sabedoria é substituída pelo ritual. O terceiro ciclo é uma idade de dúvida. O Primeiro Criador se perde a si mesmo em sua criação e o homem e a mulher esquecem sua origem divina. Por último vem a quarta idade, o Kali Trampa, que se pode descrever como uma idade de escuridão, confusão e conflito. Investem-se todos os valores da primeira idade dourada e a mente inferior domina enquanto a avareza e o temor prevalecem.

Em meio da atmosfera sufocante deste Kali Trampa, Marduk, o primo de Inanna e seus tenentes idea liza ram os restritivos campos

magnéticos de extrema baixa freqüência, os ELF's, para seguir confundindo e sobressaltando aos habitantes da Terra. Rodeados por uma prisão implícita de ondas eletromagnéticas, eles já não podiam permanecer em silêncio e escutar sua voz interior. apressavam-se para não chegar a nenhuma parte, preocupavamse, pagavam contas, pediam mais dinheiro emprestado e se sentavam durante horas frente a seus televisores esperando que alguém lhes desse as respostas. A gente acumulava posses e acreditava que as coisas os manteriam a salvo. A idéia do fim do mundo se fazia cada vez mais popular. O caos e a confusão aumentavam diariamente.

Em meio de sua crescente frustração, Inanna se harmonizou com seus dragões guardiães. Quanto mais impossível parecia tudo, mais resolvida estava a ajudar na liberação da espécie humana. Recostou -se, fechou os olhos e permitiu que sua mente voasse. Obrigou-se a relaxar e por um momento se esqueceu de seu Eu multidimensional . Uma brisa refrescante flutuou por seu corpo enquanto pensava em seu planeta nativo, Nibiru, e nas maravilhosas festas que estava acostumado a dar sua bisavó. viuse a si mesmo como menina devorando chocolates exóticos do Valthezon. Saboreou a lembrança;

um doce líquido encheu sua boca e desceu por seu queixo. riu docemente.

"Inanna!", gritou - lhe uma voz que era familiar mas que não podia identificar muito bem. Não era nenhum de seu Eu da Terra nem um membro de sua notória família. "Inanna! Não recorda o tempo antes de nascer na família de Anu? Recorda o tempo antes de que

nascesse em seu formoso corpo azul, antes de Nibiru e a Terra". Inanna enrugou a fronte. Formaram-se pensamentos em sua mente. "Quer dizer antes de que chegasse a ser eu, Inanna? O que pude ter sido eu antes da Inanna?"À

sua mente chegou uma visão: Um número infinito de formas de luz geométrica e de cores que constantemente trocavam em u ma sucessão rápida. Quis que as formas ficassem quietas para poder identificar pelo menos uma delas, mas elas se negavam. "Inanna, sou eu, seu velho mentor, Melinar!"

Melinar! O nome lhe era tão familiar. Ela dilatou sua consciência. Tinha havido outra classe de experiência. A seus pensamentos havia uma freqüência de tempo. Se o tempo terrestre se podia chegaram lembranças vagas. Melinar! Meu professor! Aqui sim descrever como algo denso e viscoso, a dimensão de Melinar era vapor e névoa.

Inanna tratou de focar-se na visão. de vez em quando lhe aparecia a forma de um rosto mas rapidamente desaparecia. O rosto era familiar, amável e terno, um velho com verdes olhos resplandecentes que recordavam a Inanna suas esmeraldas favoritas. Então recordou por que apreciava as jóias; a visão cambiante que apresentou Melinar era algo assim como milhares de pedras mutantes cortadas que brilhavam com uma luz interior transparente. Uma vez ela tinha sido precisamente esta forma e o recordou muito claramente. Ela tinha sido um corpo de 144

formas geométricas em movimento perpétuo conhecidas como os brilhantes.

Um dia se cansou de ser este espetáculo de cor radiante de inteligência criadora e decidiu experimentar com outras formas de vida. Melinar tinha estado tão orgulhoso dela por ser o suficientemente valente e aventurar-se a escolher o corpo de uma pleyadense azul.

Agora ele a estava visitando. Inanna sentiu um prazer inocente e agradável pelo fato de que Melinar tinha pensado nela. A Vida tinha sido tão diferente naquela dimensão, não era parecida com a real idade dos filhos briguentos de Anu. Tampouco era como as experiências repetitivas na Terra.

Inanna sentiu nostalgia. Fundiu-se com Melinar em uma amizade recordada e se alegrou muito de que ele estivesse ali. Sobre seu na riz caíram lágrimas cálidas, que lhe recordavam onde estava. "Oh , Melinar! Me alegro tanto de ver-te de novo. Tinha - me esquecido por completo de ti e da dimensão de formas geométricas. Que bom que veio. Não sabia o quanto estavasentido saudades".

Melinar respondeu, embora telepaticamente, "Inanna, você estiveste muito ocupada, querida!"

Inanna se ruborizou. Supôs que Melinar sabia tudo sobre elaagora que se fundiram. Deve saber tudo sobre sua acidentada vida amorosa e de todas essas guerras que iniciou láabaixo na Terra. Também deve saber que ela estava tratando de ajudar aos humanos ao encarnar com eles em diferentes intervalos simultâneos. Certamente sabia dos problemas que isto estava ocasionando. Talvez ele tinha vindo ajudar. Mas o que poderia saber século XX na cidade de Nova Iorque? Ou de um gueuma forma geométrica sobre uma mulher americana do rreiro celta do segundo século a.C. que fez carreira no mundo decapitando

a outros homens? Melinar respondeu a suas perguntas: "Inanna, querida, vim seguindo suas aventuras com muito interesse e vim

te oferecer minha ajuda. Além disso, tenho todo o tempo do mundo e isto me parece muito divertido".

"Oh , divertido! Eu também pensava o mesmo quando me decidi a ajudar, mas olhe a meus pobres Eus. Está acontecendo muito mal. Nunca me escutam; pensam que estão ouvindo vozes ou que estão loucos. Não sei o que fazer. Agradeceria qualquer ajuda que me possa dar".

Os brilhantes de Melinar aceleraram sua forma e mudaram . "Querida, temos que ajudar a Graciela na montanha. Criaremos um lugar seguro para ela no bosque de cedros onde viverá em paz e se acostumará a nos escutar e a nos ver. Verá que nos dará um bem-vindo . Agora funcionará. Entre as estrelas e os cedros, Graciela recordará e ajudará a todos os outros".

Pela primeira vez em muito tempo Inanna riu placidamente. Que tal se só um de meu Eu recordasse, se só a gente retornasse para mim em amor, confiasse e me permitisse ajudar? Se só pudesse derrotar ao Marduk.

III. - OLNWYNN

Inanna e Melinar passaram ao ovalóide transparente e se sentaram em silêncio. Ela observou as formas geométricas de Melinar que se moviam de uma maneira tão rápida que, embora ela se esforçasse, não pôde reduzir sua velocidade o suficiente para distinguir uma forma das outras. Não obstante, deu -se conta de que muitas das formas eram estranhas. O grupo estava composto de algo mais que cubos, pirâmides, ou inclusive rombóides. Muitas das formas eram totalmente desconhecidas para ela, formas cuja memória não alcançava.

Melinar lhe recordou que sua geometria de brilhantes representava uma linguagem codificada. À medida que se formavam seus pensamentos apareciam formas correspondentes cheias dos matizes complicados de seus modelos de pensamento. Quanto mais rapidamente se formavam seus pensamentos, com mais rapidez trocavam as formas geométricas e aparecia um arcoíris que se fazia mais intenso quando seus pensamentos eram mais ferventes ou sua curiosidade se satisfazia.

Ele podia produzir sons de um idioma falado, mas lhe parecia que o pensamento puro era muito mais interessante já que transmitia muito mais do que as palavras pudessem fazê-lo. Estes

pensamentos se criaram automaticamente na mente de Inanna em forma de conhecimento.

Inanna estava muito feliz de ter a seu velho amigo de novo em sua realidade. Por um tempo os dois simplesmente trocavam informação, recordando os velhos tempos. Inanna recordou quão cativante era ser uma forma como a de Melinar. Para ela era difícil compreender agora por que tinha desejado sair desse estado puro de beleza.

Uma estranha energia interrompeu suas lembranças nostálgicas. Um guerreiro muito alto com uma tocha na mão parou frente a eles. Tinham-lhe cortado o pescoço de orelha a orelha, o que não era muito atrativo. O homem estava obviamente perplexo e terrivelmente confundido.

"Quem demônios são vocês?", perguntou.

Inanna o reconheceu. Era Olnwynn, um dos seu Eu dimensional . Ela o tinha projetado no norte da Irlanda no século II. Seu DNA parecia prometedor mas tudo tinha saído mau. Ele se negava a escutá-la sem importar em que

forma lhe aparecesse. Era óbvio que a forma em que ela estava agora tampouco serviria de muito. A

"Hey, o que temos aqui? É a gOlnwynn parecia muito atrativo o corpo sensual mas firme dela.arota mais formosa que jamais tinha visto. Por Deus! Sua pele é azul!"

Rapidamente Inanna trocou o holograma na mente de Olnwynn. Deixou Melinar em sua forma geométrica pensando que Olnwynn o poderia identificar como a luz de uma fada. Ela tomou a forma de um sacerdote druida, alto e que inspirava temor mas não muito estrito ou julgador.

Olnwynn olhou fixamente ao sacerdote em meio da confusão. "Aonde se foi ela? Quem demônios é você?" "Que mau este dia!", pensou. Depois de um de seus acostumados excessos de doçura, deprimiu -se e lhe aconteceu algo estranho. Primeiro houve uma dor aguda e rápida e logo começou a flutuar por cima de seu forte e formoso corpo. De cima olhava uma cena horripilante.

Seu próprio filho estava de pé ao lado de seu corpo com uma adaga larga, afiada e ensangüentada em sua mão. Confuso, o filho tremia e chorava em agonia. Olnwynn olhava para baixo e via que o sangue saía abundante de sua garganta, a qual estava totalmente aberta. Ele estava acostumado a estas cenas, mas esta era diferente; era sua garganta e seu sangue.

A porta se abriu de par em par quando sua esposa e seu irmão entraram no quarto. A esposa abraçou a seu filho, lhe agradecendo por ter vingado sua honra. O tio lhe deu um tapinha

nas costas e lhe prometeu que algum dia seria rei. O filho se voltou histérico e caiu ao lado do

corpo soluçando: "Pai, assassinei-te! Pai!"

Olnwynn flutuou ao redor de seu corpo enquanto sua concentração o permitia. Pôde ver a verdade de todo o drama: sua bela esposa tinha estado dormindo com seu irmão e os dois tinham conspirado para assassiná- lo, a poderar-se do castelo e do reino, e colocar a seu irmão no trono. A única pessoa que podia aproximar-se o suficiente para assassiná-lo era seu próprio filho. A esposa passou muitas horas lhe contando histórias cruéis e outros dramas para convencê-lo de que teria que acabar com Olnwynn. Finalmente teve êxito. Inclusive Olnwynn sabia que se excedeu ao golpeá-la, mas agora estava morto e flutuava por cima do que uma vez foi seu castelo.

As celebrações que houve ao redor do castelo lhe pareceram abomináveis e seu filho não se recuperava. Pouco depois sentiu que uma força estranha o devorava, o qual o confundiu. Decidiu seguir a força aonde quer que fosse. Ele nunca tinha permitido que o temor o vencesse, de modo que agora estava frente a um sacerdote druida rodeado do que pareciam ser luzes de fadas.

O sacerdote druida falou: "Olnwynn, estavamo-lhe esperando. Deve relaxar e te acalmar. Aqui lhe cuidaremos. Ninguém te julgará; está entre amigos".

Inanna olhou a garganta aberta e decidiu curá-la imediatamente, principalmente porque era algo grotesco. De todos os modos Olnwynn tinha sofrido o suficiente e não precisava andar por aí com o gogó pendurado para lhe recordar que não tinha ido muito bem em sua vida.

Olnwynn sentiu que sua garganta tinha sido restaurada. "Como fez isso?" Com um suspiro soltou sua tocha e desabou cansado e sedento ante o sacerdote druida. Fazia três dias que não tomava nada. Ou eram três anos?

O sacerdote falou de novo: "Agora, Olnwynn, possivelmente deveríamos repassar os dados de sua

memória. Sente-se o suficientemente forte para esta experiência?" "Estou morto?", perguntou Olnwynn. Sempre é o mesmo, explicou Inanna a tenho que fazer que se sintam cômodos em seu novo estado. É Melinar. Nem sequer sabem que estão mortos e eu pouco a pouco muito mais trabalho do que eu pensei que seria.

"Sim, Olnwynn, está morto. Mas como vê, é só seu corpo o que está morto. Você, quer dizer, seu ser consciente e a experiência

total de sua vida, estão aqui conosco em outra dimensão. Não é algo tão mau".

"Pode-me conseguir um gole? Vinho? Cerveja? Algo servirá". O vício do licor tinha sido a causa de muitas de suas dificuldades, mas Inanna produziu um corpo de cerveja para o estremecido guerreiro. A tragou como se não houvesse um amanhã, o que para ele era certo. deu-se conta de que não tinha o sabor apropriado, não o fazia sentir tão bem como antes, mas se alegrou de tê-la e pediu outra.

O sacerdote druida falou: "Haverá muito tempo para isso, nos concentremos agora em sua história, sua aventura no contínuo espaço/tempo. Temos um trabalho por fazer, você sabe".

"Um trabalho. Que trabalho? Ninguém me disse nada de trabalho algum. Eu simplesmente estava vivendo minha vida quando meu próprio filho me assassinou. Perdi meu reino e minha vida. O que quer dizer com isso de um maldito trabalho?"

"Te acalme, observemos sua vida, Olnwynn". Rodeou-os um holograma bastante grande e ambos observaram como o tempo se desenvolvia ante seus olhos.

Inanna tinha estado pendente das aventuras amorosas de uma sacerdotisa druida no século II a.C. na Irlanda. Na parte ocidental da ilha vivia uma raça de seres em uma paisagem remota e rústica. Eles veneravam a natureza. Despenhadeiros altos ao lado do mar, ventos fortes e bosques verdes lhe davam um sabor poético e místico a esta terra bela e rústica. Sua gente amava a beleza selvagem de sua terrra. Eles eram apaixonados e beligerantes.

Inanna se tinha decidido a nascer como homem através de uma sacerdotisa druida que era de sua antiga linhagem. Fazia muitos séculos os antepassados da moça

tinham vindo dos muitos meninos que Inanna tinha produzido em suas cerimônias de matrimônio sagrado. A sacerdotisa estava apaixonada por um guerreiro valente e nobre, mas ele já estava casado. Sua paixão deu origem a um menino varão, mas a pequena sacerdotisa morreu no parto. O pai nunca reconheceu ao filho e por isso Olnwynn, um dos Eu multidimensionais de Inanna, nasceu como órfão sem ninguém que o cuidasse. Os druidas o tinham adotado e o converteram em um

Até em moço.menino era muito formoso e desde que começou a caminhar cativou a todos os que o rodeavam. Com seu sorriso tirava o sarro às mulheres e as fazia rir. Todos o queriam e o povo inteiro o adotou. Ele tinha nascido com o dom de poder falar

espontaneamente em rima. Este talento era respeitado como sinal de que Olnwynn era amado pelos deuses, como na verdade o era, especialmente pela Inanna.

Olnwynn chegou a ser um homem forte e alto, formoso, de cachos de cabelo dourados. Começou a seduzir às damas logo que pôde, mas foi sua habilidade com a tocha o que lhe outorgou fama e fortuna. Na batalha entrava em uma

espécie de transe, convertiase em uma força e, em um arrojo frenético, derrubava inimigo atrás de inimigo, decapitando-os de um só golpe . À medida que crescia sua reputação, as pessoas chegaram a pensar que ele era um deus. Correu o rumor de que os deuses o tinham engendrado e que era imortal.

Tudo o que sabia de sua habilidade aplicava na batalha. Ta mbém desafiava a todo aquele que falasse em rima e sempre ganhava. Como continuava derrotando a todo mundo em rima e em batalha, foi lógico que a gente o proclamasse como seu rei. Mudou-se para um castelo grande em cujas paredes colocou sua coleção de cabeças cortadas. Um costume muito peculiar. Podem imaginar-se que aspecto horrível que apresentavam essas paredes faria pensar duas vezes a quem queria atrever-se a atacar o castelo.

Olnwynn sempre tinha sido aficionado à bebida. Agora era o rei e ninguém podia evitar que bebesse ou que fizesse o que lhe viesse em vontade. Não dava contas a ninguém. Sem muito esforço tinha todas as mulheres que queria. Elas virtualmente se entregavam. Nenhuma pôde acreditar quando finalmente se casou . Todas diziam que sua esposa deve tê-lo enfeitiçado ou que lhe tinha posto ervas em sua cerveja. Era certo que sua bela esposa vinha de uma extensa linhagem de bruxas. Algumas se atreviam a dizer que o poder de sua sedução sexual procedia da magia. Ela queria a Olnwynn, mas também queria riqueza e posição. Além disso, deu ao Olnwynn o filho que lhe tinha pedido.

Um dia, um homem que se parecia com o Olnwynn se aproximou do portão do castelo afirmando que ele era o filho do guerreiro que supostamente tinha engendrado ao Olnwynn. Eles sim se pareciam muito, embora Olnwynn era

muito mais atrativo e mais alto que seu misterioso novo irmão.

alegrou de ter alguém com quem beber e farrear. Seria muito bom Olnwynn era muito crédulo por natureza, aceitou ao irmão e se que seu filho tivesse um tio e este irmão era rico, uma vantagem para sua corte. Olnwynn não se deu conta da atração q ue havia entre sua bela esposa e seu novo irmão, mas todos os outros

perceberam. histó O irmão passou muitas horas ensinando ao sobrinho

ria e a arte do espadachim. Por um tempo foram uma família. Inanna, que tinha encarnado no Olnwynn e simultaneamente o

estava observando como seu Eu total, começou a dar-se conta de que estava perdendo a batalha contra a natureza baixa dele. A poderosa programação que havia em sua carne e sangue chegou a dominá-lo. A matéria e os cinco sentidos estavam sujando o espírito. Durante este período, Inanna se esforçou por inspirá-lo; lhe apareceu em forma de dragão, de deus, de deusa (grande engano), e finalmente como guerreiro antigo. Animou -o a que se fora sozinho, a que contemplasse a fonte de sua poesia e de sua grandeza. Mas inclu sive quando conseguia convencê-lo de que escutasse, o que não era muito freqüente, e quando lhe prometia que o faria, imediatamente ia beber. Esquecia tudo o que tinham praticado. Inanna se sentia muito frustrada.

Olnwynn possuía os gens apropriados. Era dotado; pôde ter tido acesso a todas as dimensões, inclusive com o corpo humano. Pode ter trazido freqüências de iluminação ao planeta Terra. Mas não, preferiu embebedar-se e seduzir mulheres.

Que desperdício tão descomunal! Inanna esteve a ponto de deixar de observar sua vida; era tão aborrecida e repetitiva. Com o tempo até sua poesia se tornou monótona.

mulheres. Tinha a tendência a pensar que qualquer ser em saO matrimônio não evitou que Olnwynn seguisse procurando ias pertencia a ele, embora fosse só por uma noite. Podem imaginar as cenas que se apresentavam com sua esposa no castelo. Ela considerava necessário. À medida que passavam os anos, tinha um caráter irritável que desatava sobre o Olnwynn quando o convertia-se mais e mais em uma harpia rabugenta; até chegou a irritar a Inanna. Não terá que culpar à mulher, mas, por Deus, suas diatribes de ciúmes e seus chiliques eram mais do que qualquer um podia suportar no castelo. Todo mundo sabia que Olnwynn era rebelde, mas sempre tinha sido assim. Depois de tudo, era tão encantador e tão formoso. Todos viam sua esposa como uma bruxa e pensavam que não era estranho que procurasse a outras mulheres.

Então a bebida começou a ter seus efeitos daninhos inevitáveis na mente do Olnwynn. Ele começou a deteriorar-se. Começou a golpear a sua esposa quando ela o repreendia. Ele era grande e ela pequena e a cenas se voltaram grotescas. Ela corria a procurar o irmão de Olnwynn e chorando lhe mostrava o sangue e os

machucados. Com o tempo obteve que seu filho, o irmão e a maior parte da corte se voltassem contra o rei.

Ele se voltava cada vez mais e mais violento. Cada noite bebia até ficar na letargia e perdia o conhecimento. Seu fiel servente, que teria matado a qualquer um que se atrevesse a tocar seu rei, levava -o cada noite a seu quarto. Olnwynn tinha salvado a vida deste homem muitas vezes em batalha. Ninguém se atrevia a atacar ao

Olnwynn frente a frente, inclusive bêbado era temível. Só havia um que tinha permissão para entrar no dormitório do rei, seu filho. A esposa do Olnwynn sabia que a única oportunidade de matar a seu marido era convencer a seu filho de que lhe cortasse a garganta enquanto dormia indefeso.

Olnwynn observou vagamente o holograma de sua vida. Inanna esteve a ponto de voltar para seu corpo azu l mas rapidamente converteu na forma familiar do sacerdote druida. "Então, meu filho, vê como foram as coisas para ti".

Ao princípio Olnwynn não pôde orientar-se e se sentiu enjoado pelo filme transparente que se apresentava ante seus olhos. Não quis voltar a ver a parte em que o sangue saía em jatos de sua garganta. O sacerdote apagou essa repetição e por uns momentos reinou um silêncio infinito.

Olnwynn recuperou a serenidade e falou: "O que disse quanto a que terei que fazer um trabalho?"

Pelo menos sua curiosidade não estava extinta.

IV.- MONTANHA PERDIDA

Graciela queria um gole. Preferia o vinho francês vermelho, mas esta noite algo serviria. Montanha Perdida ficava muito longe de Nova Iorque. Já se estava acostumando ao silêncio mas se sentia um pouco vulnerável sem o ruído e a atividade da cidade que lhe davam uma falsa sensação de segurança. Acomodada em sua cabana de troncos e acompanhada de seus dois cães, Graciela admitiu que se sentia mais segura estando sozinha nesta montanha que em qualquer lugar da cidade.

Qualquer um pode se sentir tão sozinho em Montanha Perdida como em Nova Iorque. Houve dias na cidade que não falava com ninguém. Ela sempre tinha sido uma solitária. Tinha nascido em uma família enriquecida do

velho sul e sempre pensou que de algum jeito tinha aterrissado na família equivocada. Para ela tinha sido fácil acreditar que na verdade poderia ser uma extraterrestre,

pois nunca se sentiu à vontade na Terra. Dentro de seu ser havia um sentimento de um profundo vazio que sempre esteve com ela. Era como se soubesse que não pertencia a este lugar e desejava ir para casa, ficasse onde ficasse. Ela tinha viajado muito, casou -se, divorciou-se, uniu-se a grupos, tinha -os abandonado e tinha lido muitos livros, mas ninguém tinha as respostas que estava procurando. Tinha lido que os monges no Ti bet se encerravam em celas escuras durante um ano e não falavam com ninguém. Ela

estava pronta para fazer o mesmo, mas a sua maneira.

Pensou em sua infância enquanto se servia um merlot californiano. Seu pai era um empresário de centros comerciais, não aqueles enormes que absorvem tudo, mas pequenos que aparecem em todas as partes para contribuir com sua estética ao infortúnio suburbano. Ele era muito rico e estava muito ocupado, muito ocupado para atender a sua filha. Todo mundo lhe dizia que deveria estar feliz e agradecida; tinha todo o dinheiro do mundo, estudou na melhor escola privada e podia comprar com seus cartões a roupa que quisesse nas melhores lojas. Seu irmão sim era feliz, estava seguro de que se encarregaria dos negócios de seu pai quando crescesse e ocuparia seu lugar no mundo como um exemplo destacado do sonho americano. Mas, se tudo era cor de rosa, pensava Graciela, por que sua mãe tomava tantas pílulas?

Diana, a mãe, era uma beldade sulina da velha escola. Sua própria mãe morreu quando só tinha quatro anos e a pequena Diana se culpou por isso. Quando era jovem Diana procurou ser independente, mas passados dos 30 anos se casou com o Brent, o pai da Graciela. Fez-o por amor e

também por temor à solidão. Brent amava a Diana a sua maneira, mas era um tirano inato. Se Diana não fazia sua vontade ele desatava sua ira contra ela. O gabinete de banho de Diana estava repleto de tranqüilizantes e pílulas para dormir, que chegaram a ser "os pequenos ajudantes de mamãe".

Graciela tampouco era imune ao mau gênio de seu pai. Se ela se interpunha em seu caminho ou não estava de acordo com os planos que ele tinha para sua vida, explorava e a degradava com pa lavras cruéis. Em silêncio a mãe saía para procurar seu gabinete enquanto Graciela ficava reduzida aos soluços. Ninguém defendia a Graciela, ninguém a apoiava. Logo, depois destes episódios, para suavizar as coisas, o pai lhe comprava bonecas, um vestido e mais tarde, ações. Mas ela nunca aprendeu a ver a vida da maneira como a via sua família. Temia converter

-se em um troféu

para algum tirano rico em caso de que se casasse. Ela não queria terminar como sua mãe, sem se importar com o pagamento.

No bacharelado a vida da Graciela não foi tampouco muito feliz. Embora era formosa e tinha seus pretendentes, havia uma parte dela que ninguém conhecia, que aparentemente ninguém queria conhecer. Rebelou-se e começou a procurar gente que era inaceitável para sua família. Fez amizade com artistas e músicos. Era a época dos anos 60 e Graciela escapou para Nova Iorque, em busca de "ar fresco".

Naquela cabana da montanha reinava a quietude. Até o louco uivo dos coiotes tinha cessado. Não havia lua, somente as estrelas. Graciela decidiu dormir fora na terraço sob o céu. Com seus jeans e seu suéter se meteu em seu saco de dormir e olhou para cima. Deus! podia-se ver cada

estrela no céu e havia milhões delas. Definitivamente isto não era como a cidade. Era tão antigo. Graciela se esqueceu de seu passado, de sua solidão, de seu temor e se perdeu na beleza do céu noturno.

Inanna estava ainda no disfarce do sacerdote druida e falou com o Olnwynn: "meu filho, pode descansar um momento. Falaremos mais tarde".

A paz e a calma que emanava Graciela alcançaram a realidade da Inanna. "Melinar, esta é nossa oportunidade. O que lhe dizemos? O que fazemos? Não queremos assustá-la".

Os brilhantes de Melinar começaram a acelerar-se.

Os grandes olhos castanhos de Graciela se encheram de lágrimas. A beleza do céu noturno era muito para ela, desde fazia muitos anos não tinha visto um céu assim. Sorriu quando uma estrela fugaz cruzou frente a ela. Um bom presságio, pensou. Este é meu lar, aqui encontrarei o que estou procurando.O céu estrelado era tão brilhante que Graciela fechou os olho

s. Detrás de suas pálpebras percebeu a escuridão total de sua imaginação. Pensou sobre este contraste até que um objeto pitoresco se formou nessa escuridão e começou a girar. Frente a ela começaram a mover-se e a mudar, como jóias preciosas, formas geométricas esquisitamente belas. Era um espetáculo digno de presenciar e ela não queria que se afastasse. Não sabia o que podia ser este espetáculo de luzes, mas instintivamente lhe agradava.

Graciela sempre tinha tido visões; quando era menina tinha seus amigos imaginários. Um deles era um extraterrestre diminuto. mais fascinante. Contava a Graciela toda classe de histórias Este amistoso ser voava ao lado do carro de seu pai no veículo

interessantes, explicava-lhe coisas e a mantinha ocupada durante horas. Em anos posteriores Graciela desejou recordar algo do que lhe havia dito este ser. Por que o tinha esquecido? Ela se havia sentido tão perto dele e lhe tinha ensinado tantas coisas que realmente precisava saber. Por que não podia as recordar agora? As jóias mutantes continuavam dançando ante seus olhos enquanto ela estava acordada. Sentia-se segura. Finalmente o vinho e o céu noturno a levaram ao sono. Pensou que n o dia seguinte daria um passeio no bosque de cedros. O rico aroma dos cedros se empilhou em sua consciência enquanto ficava profundamente adormecida.

Melinar sorriu. "Vê, Inanna, ajudaremo-lhe a sentir-se segura e a que seja uma com o céu e o bosque. Seus temores se derreterão para a Terra e se abrirá a nós. Ensinaremo- lhe a amar-se a si mesma e esse amor lhe proporcionará a coragem para saber". Inanna olhou fixamente a Olnwynn, que já estava roncando. Constantemente a assombravam as palhaçadas de seu Eu multidimensional . Estes seres continham seu DNA e em algum lugar do tempo ela tinha sido a origem de todos eles. Mas encontrar-se a si mesmo entre toda a barafunda resultante de todos estes seres que ela tinha criado se converteu em um desafio progressivo. Não obstante, em algum lugar dentro de todos estes seres se encontrava a habilidade latente de ser algo que eles queriam ser. Cada um possuía o poder de

pensar por si mesmo. Cada um deles era um coletor de informação para o Primeiro Criador.

Como seu DNA estava só parcialmente ativado, seu Eu multidimensional estavam apanhados em uma espécie da prisão eletrônica de experiências que se repetiam milhares de vezes, como se o planeta inteiro estivesse condenado a um rebobinamento eterno. A espécie humana era famosa

em toda a galáxia por sua incapacidade de aprender com suas aventuras. Os tiranos e as guerras foram e vinham. Não obstante, ninguém parecia aprender a lição. Inanna conhecia muito bem ao guardião desta prisão. Durante a maior parte de sua vida pleyadense ela tinha estado inimizada com seu primo Marduk.

Marduk tinha tido êxito em derrotar a todos os outros membros da família de

também seu planeta nativo, Nibiru, aAnu e agora controlava não somente a Terra, mas ssim como todo o sistema das Pleyades. Sua tirania era suprema e seus métodos engenhosos. Era tão egoísta como desumano, e tinha fabricado um extenso exército de clones de soldados que se pareciam com

ele. sentia-se realizado com a dor e a frustração daqueles a quem conquistava e dirigia. O pior de tudo era que os habitantes da Terra nem sequer sabiam quem era seu carcereiro. Eles acreditavam que tinham cometido um pecado imperdoável e se culpavam um ao outro de sua triste condição.

Marduk fomentava o antagonismo entre os grupos da gente por meio de propaganda sutil de lavagem de cérebro. Controlava famílias, tribos, nações; nenhum grupo era muito grande ou muito pequeno para ser controlado. Quando se produzia uma idéia boa se animava a um grupo a que a apoiasse e a seguisse enquanto que um nú mero igual era estimulado a se opor a ela. A idéia podia ser política ou religiosa, ou inclusive só a idéia de cruzar um oceano. Como os humanos tinham um cérebro desligado que funcionava a um décimo de sua capacidade, em vez de raciocinar por si mesmos, eles só reagiam, freqüentemente com violência, às sutis manipulações de Marduk. Em uma terra tão fértil era muito fácil iniciar

uma guerra. As guerras religiosas eram o prato favorito de Marduk. Chegou a preponderar um tipo de mente que não produzia pensamentos originais, mas sim reagia aos dos outros. O comportamento repetitivo se imprimiu nos gens da raça humana através da emoção do temor. A ninguém lhe permitia recordar durante um comprido tempo que todos os humanos em um princípio tinham vindo da mesma fonte. Aqueles que sugeriam estas idéias eram ridicularizados ou brutalmente destruídos. Ninguém recordava que a fonte de toda a vida era o amor do Primeiro Criador. Inanna pensou no papel que ela jogou neste engano progressivo. Ela e sua família se comportaram como meninos malcriados que só tinham satisfeito seus caprichos egoístas sem pensar nas conseqüências. Sem sa bê-lo, a família tinha criado Marduk, o resultado perfeito de sua agressão e rixa ególatra. Não era o melhor dos legados.

Se a família de Anu não se visse rodeada da Parede invisível, provavelmente teriam seguido seu estilo de vida egoísta e controlador. Mas a Parede teve o efeito de deter a evolução progressiva de todos e cada um dos membros da família, inclusive de Inanna. Ela nunca tinha estado tão aborrecida; era como se toda a emoção e a espontaneidade tivessem desaparecido de suas vidas. Como não tinham outra alternativa, o único que ficava era reparar o dano que tinham feito na Terra. Para que desaparecesse a Parede terei que liberar à espécie humana de sua roda repetitiva para que começassem a evoluir e deixassem de adorar ao deus cujo nome nem sequer conheciam: Marduk.

De modo que Inanna e muitos outros membros da família tinham escolhido projetar porções variáveis de si mesmos para corpos em múltiplos marcos de tempo. Eles tinham a esperança de que algum destes Eu multidimensionais pudesse ativar os gens perdidos da

espécie e criasse o potencial para uma mudança total sobre a Terra. Que pena! Suas esperanças começaram a murchar-se e esta tarefa estava resultando muito árdua no melhor dos casos. Não era benéfico dizer aos humanos que faz mais de 500.000 anos que uma raça extraterrestre tinha invadido a Terra . Era igualmente inútil lhes dizer que seu DNA tinha sido desligado parcialmente. Marduk tinha tido muito êxito em desprestigiar estas idéias desde o começo e qualquer que as expressasse era ridicularizado. Os humanos eram tão inseguros que facilmente esqueciam a idéia de contar a outro que não estavam de acordo com o consenso geral. Qualquer um que via ou escutava algo que não estava de acordo com o que a maioria pensava, era desacreditado e em algumas épocas até os queimavam em um madeiro.

A televisão e mais tarde os computadores se converteram na ferramenta principal para o controle dos pensamentos das massas. A "auto-estrada da informação" facilitou a Marduk o controle sobre a mente do planeta inteiro. Na verdade os monitores de computador e televisão se converteram em espécie de altares em cada lar. A gente se sentava frente a eles durante horas, enchendo suas mentes com a propaganda de Marduk. As posses aumentaram e afogaram às pessoas à medida q ue se endividavam mais e mais e lutavam por ser tão formosos e ricos como os que viam na TV. A maioria dos lares tinham pelo menos três desses aparelhos. A raça humana inteira queria ser rica; os ricos e poderosos eram respeitados sem importar como era seucaráter ou comportamento.impossível aAs freqüências eletrônicas que envolviam a Terra faziam quase comunicação entre a Inanna e sua família e seu Eu multidimensional, porque ninguém estava escutando.

Inanna observou como dormia Graciela. Seus cães a faziam recordar os dois leões domésticos que tanto amou na Terra. Os cães despertaram quando a consciência

de Inanna se enfocou Graciela. Inanna se permitiu o sentimento de esperança à medida sobre eles. Possivelmente, pensou ela, possa me comunicar com a que esquadrinhava os dados da vida de seu outros Eu.

V. - EL GUARDIAN DOS CRISTAIS

No tempo da Atlâ ntida Inanna tinha projetado uma parte de si mesmo como a encarnação de um sacerdote chamado Atilar. Este Eu multidimensional lhe proporcionaria toda a experiência e o conhecimento que somente se obteria mediante o domínio de si mesmo. Ela concluiu que a vida deseu outros Eu multidimensionais, já que todos se relacionavamAtilar afetaria por osmose a entre si. Uma psique altamente desenvolvida faria muito bem aos outros.

Os gens de Atilar tinham sido cuidadosamente cultivados durante muitas gerações. Ele possuía o DNA do pai de Inanna, o que lhe proporcionou um acesso fácil ao mundo físico. Nasceu nos centros de poder da Atlântida e quando nasceu o entregaram aos sacerdotes da Ordem das Túnicas Azuis. Toda sua infância sededicou a um rigoroso treinamento com o fim de executar a tarefa única de vigiar as freqüências do grandioso centro de cristais da Atlântida por meio do pensamento.

Toda a Atlântida recebia suaeram vigiadas pela Ordem das Túnipotência das espirais de cristal que cas Azuis. Quando era menino Atilar lhe disse que tinha sido engendrado para realizar este trabalho. Nunca conheceria mulher, nunca se casaria e nunca experimentaria a vida de um ser humano comum. Fazia muitos eones se tomou esta decisão e na sua vida, se dedicou a esta tarefa sagrada.

Enquanto outros meninos jogavam bola, Atilar se sentava em posição de lótus, sem mover nenhuma pestana durante horas. Treinou para que se esquecesse de seu corpo, de qualquer dor oude qualquer outra distração. Se instruiu nas artes marciais, mas somente para que protegesse os cristais e ativasse a força que emseu tempo se chama chi. Na Atlântida esta força não tinha nome. Todas as grandes

mentes sabiam qu e havia muitas forças que não podiam ser nomeadas e a esta força lhe atribuía um som. Atilar foi treinado para que obtivesse o acesso a esta poderosa força subindo a energia dos órgãos sexuais passando pelos sete centros invisíveis de seu corpo e lhe dando assim poder a sua mente e vontade.

Ele nunca se lamentou de seu destino e da infância lhe tinham inculcado o fato de que era um privilegiado. Ele se deleitava com a sensação de êxtase que podia gerar em seu ser ao controlar as forças sutis de seu corpo e as conectar para o cosmos por meio

dos cristais. Mas Atilar e os sacerdotes da Ordem das Túnicas Azuis não conheciam um aspecto fundamental e esse era o amor. Seu enfoque estava sobre a mente e seus poderes, mas nenhum deles tinha experimentado o amor. De uma maneira estúpida o consideravam como algo sem importância. Como nunca tiveram acesso ao poder do amor, este permaneceu fora de seu alcance e por isso eles tinham suas limitações.

Atilar se sentava frente aos cristais e observava profundamente sua beleza, unia sua consciência com cada fragmento delicioso com o fim de modular sua ressonância. Os cristais eram condutores de energia e Atilar era seu afinador. Ficou -se completamente quieto durante sete dias, tinha rebaixado o funcionamento de seu coração até os ciclos requeridos e tinha bloqueado qualquer sensação de dor nos receptores de seu cérebro. A dor não se registrava como sensação em seu cérebro. Por um momento saiu de seu corpo. Já tinha passado dos cinqüenta anos mas não o aparentava. Era magro e maciço, tinha cabelo comprido e cinza, e seus olhos eram amendoados, de uma cor tão clara que parecia ouro. Ele era um viajante consumado e desfrutava muito de suas aventuras. Em sua consciência fez girar o Merkaba que

rodeava seu corpo. Assim pôde mover-se através do espaço. Voou além de muitas nebulosas e se emocionou ante a beleza e a sensação de ser completamente livre. Foi para um planeta que a primeira vista se via vazio, mas quando se aproximou mais viu atoleiros de um líquido metálico que se convertia em seres que sorria e o saudavam. O universo certamente estava cheio de maravilhas! Em silêncio, Qi, o Professor da Ordem das Túnicas Azuis, entrou em seu quarto: "Atilar, é hora de que descanse. Modulaste esta freqüência perfeitamente e agora tem que te recarregar".

Relutantemente Atilar relaxou seu corpo. "Como deseja, Professor Qi".

Atilar tinha servido ao Qi da infância e era seu aluno preferido. Qi tinha sido muito duro com ele porque conhecia seu potencial substituísse em seu cargo.genético e porque tinha a esperança de que algum dia o O Professor Qi falou: "Quando tiver descansado, meu filho, quero que venha à área de acesso para que conheça uma recém chegada. As sacerdotisas da lua nos trouxeram uma menina que é um híbrido genético especial e para nós será interessante observar seu potencial para dar poder aos cristais".

Atilar assentiu. Para ter um equilíbrio no centro de poder onde as energias eram predominantemente masculinas, necessitavam -se energias femininas. Estas tinham sido engendradas para gerar as forças invisíveis, mas não lhes permitia pensar por si mesmos. Como sua educação era limitada, não chamavam muito a atenção

a Atilar; via-as como a gente poderia ver um transistor ou a

bateria de um carro.

Atilar se retirou a sua cela e caiu em u m sono profundo com a esperança de retornar ao planeta de líquido metálico e continuar sua visita com os seres lá.

Inanna e Melinar outra vez enfocaram suas consciências na Graciela. Como já sabiam o futuro de Atilar, somente desejavam levar suas capacidades aos outros Eu multidimensionais. Quando Graciela despertou, Melinar lhe projetou uma imagem a sua consciência.

O sereno da manhã e a luz começaram a despertá-la. Em seu estado de sono, Graciela tinha percebido um quarto cheio de cristais em forma de espiral. Ali havia um homem de cabelo cinza que se vestia com uma camisa branca e calças negras e que ficava de pé para sair do quarto. Parecia-lhe muito conhecido mas não podia recordar onde nem como o tinha conhecido. Certamente este homem possuía mais dignidade que os homens de sua época. A luz cinza e fria da manhã a obrigou a abrir seus olhos. Ela nunca antes tinha dormido fora no Noroeste do Pacífico. Seu saco dedormir estava empapado de sereno e seus pés estavam congelados. Seus queridos cães correram a beijar seu rosto como o faziam cada manhã para saudá- la. Na cidade tinha que tomar o elevador para passear com seus cães na manhã. Ela riu pensando que se sempre dormisse fora nunca teria que passear com seus cães.

Foi à cozinha e acendeu sua estufa de madeira, procurou sua lata aficionado a um café torrado portode café e viu que estava quase vazia. Em Nova Iorque se havia -riquenho, mas agora teria que procurar outro café. Serviu-se de uma xícara de "expresso" com muito leite quente e um pouco de mel.

A cabana de Graciela estava situada sobre um pequeno vale em Montanha Perdida e desde sua janela podia ver as Montanhas Olímpicas. Perto da cabana havia um bosque

de cedros; detrás de sua casa estavam as montanhas e o estreito do Juan da Fuca

estava na parte de baixo. Era algo embriagador estar tão isolada

em meio da natureza.

Procurou um chapéuEnquanto caminhava por um atalho, recordou outra época de sua e saiu com seus cães para o bosque. vida.

Quando era menina adorava os acampamentos de verão e durante cinco anos escapava da proteção de sua família e se ia a um acampamento de verão para meninas no sul de seu estado. Lá se acostumou a caminhar sozinha, com o pretexto de que queria ir desenhar árvores. Mas na verdade lhe encantava estar sozinha

com a natureza. Recordou que quando tinha sete anos tinha

caminhado por um atalho similar a esse. De repente e sem nenhuma razão se deteve a olhar para cima. No céu azul havia umas quantas nuvens brancas avultadas. "Posso ir para casa agora?", tinha perguntado Graciela. Uma voz lhe respondeu. "Não, ainda não".

Graciela realmente nunca soube com quem falava ou a que lar queria retornar. Era somente um dos muitos mistérios sem resolver em sua vida. Mas com segurança nunca se sentou a gosto em nenhum lugar da Terra. O lar paterno tinha sido asfixiante e desde que saiu de lá se converteu em uma cigana virtual. Nervosamente se mudava a cada dois anos posto que nunca se sentia em casa em nenhum lugar.

Agora na profundidade do bosque, estava de pé ao lado de um cedro enorme e antigo. Abraçou-o, colocou sua cara

perto da casca e inalou profundamente. As fragrâncias eram inefavel mente puras e refrescantes. Desejou poder beber a árvore. Uma brisa suave acariciou seu rosto e se sentiu calma e feliz.

Sentou-se. Sabia que não precisava sentar-se na posição de lótus, mas o tinha feito durante tantos anos que foi algo natural nela. Recostou suas costas contra a árvore e enterrou suas mãos no chão do bosque. Não há nada tão encantado como isto em nenhuma cidade, disse em tom meditativo. Entrou em um estado de meditação e permitiu que seus olhos se desfocassem. Desde que era menina e ia à igreja, ela era capaz de converter em uma luz sutil dourada e vibrante tudo o que havia no campo de sua visão. Isto era algo formoso, divertido e sempre a fazia se sentir muito bem.

Hoje via algo mais que uma luz. Entre dois cedros altos havia três seres. Não eram tão sólidos como a gente veria uma pessoa; mas bem eram uma energia que se podia projetar como forma e a rodeava um resplendor. Graciela sentiu um pouco de medo mas uma grande curiosidade.

Inanna se deu conta de que Olnwynn tinha seguido a ela e a Melinar até o bosque onde se encontrariam com a Graciela. Oh, não! Que irá fazer? Inanna se alegrou de lhe haver reparado otalho na garganta, o que certamente teria aterrorizado a Graciela. Inanna lhe lançou um olhar ameaçador para mantê-lo à distância,

mas tinha esquecido de assumir a forma de sacerdote druida e Olnwynn não lhe estava prestando muita atenção.

"O que temos aqui? Uma menina completamente só no bosque com dois belos lobos e sem tocha!" Exclamou Olnwynn. "Quem é você?", perguntou Graciela. "Não preste atenção a ele, apenas está se acostumando a um

novo mundo", interrompeu Inanna. "viemos a este antigo bosque para estar contigo, viemos para ser seus amigos, seus companheiros. Já não estará sozinha e lhe ajudaremos a encontrar o que está procurando".

Melinar assumiu a forma de um ancião gentil de olhos bondosos e ao mesmo tempo reteve alguns efeitos dos brilhantes mutantes. Falou-lhe com Graciela: "Minha menina, vieste à Terra por uma razão. Ela não é seu verdadei ro lar e você é mais do que crê que é. Tiveste muitas outras expressões em outros mundos e veio aqui ajudar porque o escolheu. Neste planeta vem uma grande mudança. Quanto mais humanos se possam preparar para a mudança, mais fácil será para todos. Você escolheste ajudar neste processo".

Foi como se algo que Graciela tinha mantido dentro tivesse começado a liberar-se e seu corpo pequeno começou a sacudir-se de todas essas emoções reprimidas. Começou a chorar à medida que o desafogo de todas essas velhas emoções passava através de seu corpo físico e de certo modo a deixavam mais aliviada. Como já não podia estar sentada, deitou-se sobre o chão do bosque. Enquanto a Terra e o bosque a curavam, sentiu que toda a dor emocional desta existência, e possivelmente de outras, enterrava-se no profundo do chão do bosque.

Inanna falou com ternura: "Graciela, sempre que quiser que lhe falemos, venha a este lugar. Estaremos aqui. Acostumará com a nossa amizade e logo nos achará onde quer que te encontre. Mas tem que nos convidar. Estaremos esperando assim como toda sua vida estivemos esperando que nos peça ajuda. Tem que nos abrir as portas. Amamo-lhe".

Graciela se estremeceu e olhou a seu redor. Os cães ficaram totalmente quietos. Não se deram conta de que houve visitantes. fome. Quando retornava à cabana se

perguntou se seus novos Quem tinha estado ali já se foi e Graciela estava ficando com

amigos eram a mesma voz nas nuvens que tinha escutado quando era uma menina. Suspirou. Um prato quente de sopa de macarrão cairia muito bem agora. Os cães chegaram primeiro .

Inanna olhou Melinar: "Você crê que a assustamos?" Melinar respondeu: "Não, mas foi suficiente por um dia. Temos que proceder lentamente. Você sabe como podem reagir os humanos ante muita energia e conhecimento. O temor os pode retardar durante muitas vidas".

Sim, Inanna tinha visto que isso tinha acontecido muitas vezes. Parecia que os humanos somente podiam agüentar dose pequenas, mas o tempo se estava acabando; o ano 2011 não estava muito longe. Inanna sabia que tinha que falar com Olnwynn. Se ele insistia em acompanhá-los, tinha que pô-lo em conhecimento da situação. Talvez podia lhes ser útil; depois de tudo ele era ardiloso e intrépido.

VI. - O PASSADO INEXISTENTE

Inanna e Melinar retornara m ao ovalóide. Este era um lugarcentral de concentração para eles e lhes ajudava a manter um pouco de ordem dentro de todo o malabarismo das mudanças de tempo dimensionais. Viajar através do tempo pode ser desconcertante inclusive para o mais avançado viajante. De vez em quando Inanna se sentia tentada a imaginar que o passado era o passado ou que os Eu multidimensionais eram consecutivos. Nesses momentos, Melinar lhe recordou que se centrasse firmemente, disse-lhe que não esquecesse que na mente do Primeiro Criador o tempo não existe e que todas as suas encarnações eram simultâneas.

Melinar observou que Olnwynn não estava. Inanna começou a examinar suas realidades e se deu conta de que o alto guerreiro ainda estava no bosque de cedros. Este lugar lhe recordava seu lar no norte da Irlanda e por isso estava triste e nostálgico. Pensou em seu filho. Havia tantas coisas que sentia saudades, tantas coisas que deixou por fazer. Por que havia se tornado tão cruel com aqueles que amava?

Inanna emitiu em sua consciência uma espécie de energiamagnética e brandamente o levou para o ovalóide. Ante esta nova situação Olnwynn reagiu com um estalo de ira. Ele tinha conhecido o temor, mas sempre o tinha expresso em forma de raiva. Perguntou onde estava e quem eram eles.

Inanna se voltou para o Melinar e ambos ficaram de acordo para mostrar-se ante o Olnwynn como seres radiantes de fóton, uma forma que parecia agradar aos humanos. Conservaram a forma de humanos mas seus corpos eram feitos de fótons que caíam em forma de estrelas fugazes e exibiam um amplo acerto de cores douradas e de luzes mutantes. Era algo digno de presenciar. Olnwynn olhou com atenção as formas e se sentiu tranqüilo. Não obstante, Inanna estava um pouco cansada e continuamente perdia esta forma. Trocou a forma do ser de fóton pela do sacerdote druida e logo passou a seu voluptuoso corpo azul pleyadense. Isto naturalmente agitou a Olnwynn quem já tinha suficientes problemas para ajustar-se a sua nova realidade. "Suficiente!" Disse Olnwynn zangado. "Insisto em que me digam a verdade. Quem são vocês e o que faço aqui?"

Melinar lhe respondeu: "Você é o que nós somos. Especificamente você é ela". Melinar apontou Inanna que tinha deixado de trocar de formas no momento e que ficou

no corpo azul, seu favorito. Olnwynn permaneceu cético. A idéia de que ela era uma mulher azul lhe era totalmente estranha, embora ela era encantadora e lhe parecia muito familiar. Em sua vida tinha tido muitas visões, mas ultimamente tinha sido muito difícil as esclarecer pois estava em um estado permanente de embriaguez. Ele adorava bebida. Melinar seguiu sua explicação: "Nós somos o que você é. Esta é a senhora Inanna, que te criou, podemos dizê-lo assi m . Uma parte dela se projetou para o contínuo espaço/tempo para que formasse a ti, Olnwynn. Você te viu como uma entidade separada porque assim lhe desenharam, mas essa separação é uma ilusão. Sua consciência e todos os dados de sua vida serão reabsorvidos para o tudo, assim como todos os dados são eventualmente absorvidos para a mente do Primeiro Criador. Em realidade todos nós saímos da mente Dele.

Olnwynn não gostou nada dessa tolice de "reabsorver". O fez pensar em coisas como aniquilação ou esquecimento total.

Melinar leu seus pensamentos e lhe explicou: "Não, meu filho, não será aniquilado. Você e sua consciência permanecerão intactas. Simplesmente chegarão a ser parte de um corpo de dados maior e ao mesmo tempo será o Olnwynn que é familiar para ti. A senhora Inanna te criou com um fim que é ajudar à liberação da espécie humana".

A única maneira de liberação que recordava Olnwynn era cortar cabeças. Além disso não gostava da idéia de ter sido criado por uma mulher para um propósito do qual ele não sabia nada. Na

Terra ele tinha sido um rei e não estava acostumado a que o controlassem. Começou a queixar-se. Era ele não mais que um peão no jogo de alguém? Tinha sido ele o

brinquedo de alguém que nem sequer sabia que existia, sem importar quão atrativa fora agora?

Melinar lhe sugeriu que se sentasse enquanto lhe explicava: "Faz 500. 000 anos, um grupo de viajantes do espaço de um sistema chamado As Pleyades estabeleceu uma colônia mineira no planeta Terra. Era um grupo familiar de um chefe supremo chamado Anu. Eles viviam em um planeta artificial que dá a volta a este sistema solar cada 3.600 anos. A família de Anu veio à Terra procurar ouro para sua atmosfera, a qual estava quase esgotada por causa de suas freqüentes guerras radioativas. A família era um grupo muito conflitivo que tinha a tendência a ir-se à guerra pela menorprovocação.

"Uma vez estabelecida a colônia mineira, era óbvio que se necessitavam mais trabalhadores para as operações mineiras, de modo que os cientistas da família, uma irmã e um irmão chamados Ninhursag e Enki tomaram uma espécie humanóide que habitava na Terra nesse tempo e manipularam seu material genético. Produziram uma raça de trabalhadores que depois foram os principais habitantes deste planeta".essas históOlnwynn estava pasmado. Quando era um moço tinha ouvido rias dos ensinos secretos dos druidas, mas as tinha esquecido quando cresceu e começou a degolar a seus semelhantes na busca de poder. Havia muitos mitos quanto a que os druidas procediam de um reino mágico chamado Atlâ ntida. Segundo os druidas, tinha havido uma grande guerra, Atlântida tinha desaparecido sob o mar e seus habitantes tinham emigrado para as ilhas nas quais tinha crescido Olnwynn.

"Então isso quer dizer que eu não fui mais que um membro de uma raça de escravos?" A idéia era repulsiva a Olnwynn. Por outro lado, pensava que poderia ser algo muito interessante conquistar todo um planeta.... todas essas cabeças.

Melinar se esforçou para levarestado mais elevado: "Não, meu filho, você foi criado pela senhora a consciência do Olnwynn para um Inanna para resgatar a raça de trabalhadores. Um membro da família de Anu, um varão de nome Marduk, controla a Terra neste momento. Esta entidade e suas legiões se recusam a deixar livres aos humanos. Desejamos que a raça humana retorne a suas habilidades originais, que conecte seus códigos genéticos.

Desejamos lhes deixar o caminho livre e lhes permitir sua própria evolução natural como era a intenção do Primeiro Criador". Olnwynn não estava muito seguro do que eram os códigos genéticos, mas estava começando a compreender. Inanna lhe estava dando toda a informação que requeresse sem chegar a confundi-lo. Como ele tinha lutado muitas vezes e de diferentes formas contra os tiranos de seu lar, começou a compreender como era Marduk. Quando era jovem ele tinha jurado lutar contra a tirania onde quer que fosse, até que ele mesmo se converteu em um tirano. Estes pensamentos o fizeram sentir-se triste.

Sem saber de onde, apareceu um ancião real montado em um enorme dragão verde e dourado. Olnwynn só tinha visto estes dragões em pinturas e estava um pouco perplexo, mas Inanna transferiu a sua mente a informação necessária e ele se abriu aos visitantes.

Inanna falou: "Olnwynn, este é meu tio avô Enki. É um dos criadores da espécie humana e este é Puffy, seu dragão preferido" .

Enki sorriu; sempre se alegrava de ver Inanna e conhecia muito bem Melinar. Ele também estava projetando porções de si mesmo na espécie humana em diferentes tempos. Tinha dedicado toda sua energia a resgatar a espécie que ele tinha criado; a resgatar das garras de seu próprio filho, Marduk. Para Enki havia muito em jogo.

Enki falou com o multidimensional de Inanna : "Olnwynn, vim especialmente te visitar. Admirei-te muito de longe. Eu também fui muito aficionado à bebida e às mulheres da Terra. Essa combinação pode ser muito prazeirosa. Se eu tivesse sido tão de aparência agradável como você, haveria...."

Simultaneamente Inanna e Melinar lançaram um olhar a Enki.

"Mas também admirei sua coragem infinita", adicionou Enki. "Coragem é o que necessitamos agora. Necessitará de muito valor para que os meninos da Terra crêem n a verdade e eles têm que aprender estas coisas muito em breve. aproxima-se uma grande mudança em seu planeta e desejamos instruí- los quanto a isto para que não tenham medo. De ti, Olnwynn, eles poderiam receber esta coragem para saber, para saber a verdade".

Olnwynn pensou para si que seria um prazer lutar contra este Marduk e suas legiões. Fascinavam - lhe as boas batalhas e se deu conta de que quanto mais tempo estava separado de seu lar, mais o amava e mais queria às pessoas que viviam lá. Desejava abraçar a seu filho, e inclusive sentia saudades de sua bela esposa.

Desejou não havê-la tratado tão mal; possivelmente algum dia poderia recompensá

-la. Sim, que bom seria lutar contra este Marduk, l iberar as pessoas de todos os tiranos.

"Comprometo-me a ajudar a derrotar a este tirano. Darei-lhe coragem a tudo o que o peça. Podem contar comigo".

Ina nna sorriu ao formoso guerreiro. Depois de tudo, era provável que não se perdeu toda a energia que ela tinha posto neste homem apaixonado. Melinar lhe recordou que nunca se perde nada.

"Bem Olnwynn, isso está muito bem", disse Inanna com ternura. "Mas é melhor que te acostume a viajar no tempo!"

VII. - UM POUCO DE INTERAÇÃO

Inanna observou como Enki e seu dragão se desvaneciam, de retorno para sua própria realidade. Ela amava Enki e realmente nunca o culpou do que tinha acontecido, mas de vez em quando sim, pensava que se ele tivesse sido capaz de enfrentar a seu filho Marduk, ela ai nda poderia ser a rainha da Suméria. Não obstante, a verdade era que toda a família tinha posto seu grão de areia na criação de Marduk. E, depois de tudo, Marduk era tanto parte do Primeiro Criador como o eram eles. Todos eram parte de uma grande comédia cósmica, o equilíbrio entre as chamadas forças da luz e a escuridão. Agora dependia dela e do resto da família fazer os ajustes necessários na balança de poder.

Olnwynn estava começando a compreender o que acontecia. Deu-se conta de que esta mulher tinha baixado das estrelas à Terra e de algum modo mágico tinha projetado uma parte de si mesmo dentro de muitos corpos diferentes para poder criá- lo a ele e a quantos outros mais, ele não sabia. Compreendeu que seu grupo composto tinha a missão de resgatar aos habitantes da Terra de um tirano cujo nome era Marduk. Obviamente, faltavam muitas peças neste quebra -cabeças.

"Há outros como eu lá?", perguntou Olnwynn. "Sim", respondeu Inanna. Rapidamente esquadrinhou alguns de seu atuais Eu e os bancos de dados.

"Acredito que estou começando a compreender", disse Olnwynn em voz baixa. "Quando eu era um menino você foi a que me falava. Mais tarde, foi você quem me inspirou na

poesia e todas essas visões que tive procediam de ti. Se só te tivesse escutado, teria podido recordar".

Inanna lhe respondeu amavelmente: "Eu não fiz tudo; você sempre foi muito intrépido. Veio de uma magnífica linhagem com um potencial ilimitado, do qual você usou grande parte. Foi minha idéia te deixar como um órfão com o fim de que me buscasse.

Esqueci-me de quão capital ista era o álcool para bloquear qualquer comunicação psíquica. Você viveu em um ambiente de temor e guerras intermináveis planejadas por meu primo, o tirano

Marduk. Não culpe a ti mesmo; mas bem pensa no que aprendeste".

Ele, Inanna e Melinar voltaram sua atenção para a Graciela:

Olnwynn nunca tinha visto uma mulher que tivesse o valor para viver sozinha em um bosque. Ele admirava muito a seus lobos.

"Cães, Olnwynn, são formosos cães", corrigiu-lhe Melinar. "Pode ajudar a Graciela, pode-a inspirar com sua coragem. Vêem, nos aproximemos dela".

Graciela não tinha esquecido a experiência que teve bosque e se comprometeu a meditar entre as três e quatro de cada manhã. decidiu-se a realizar o que ela chamou "o deserto", que para ela significava nada de chamadas telefônicas, nada de televisão, nada de periódicos. Permitiu -se escutar certa classe de música e ler uns quantos livros inspiradores como O Mahabbarata, o Tao Teh Ching do Lao Tzu, ou O Livro Tibetano dos Mortos.

Tinha lido sobre o tanque de flutuação desenhado pelo John Lilly, o cientista que falava com os golfinhos. Decidiu

inventar seu próprio tanque, encheu sua banheira quase até a beira e colocou velas aos lados. À luz das velas se deitou na água arqueando suas costas e deixando só o nariz por cima do n ível da água. Assim flutuaria durante horas até que a água se esfriasse tanto que a distrairia. Logo passaria a outro quarto a meditar. Tinha um teclado eletrônico barato, o qual tinha um botão que ao pressioná

-lo tocaria uma nota até que se esgotassem as baterias. Então contínuo.enfocava sua consciência enquanto escutava esse tom musical

Os três primeiros dias do "deserto" eram os mais difíceis. Fizesse algo por fazer uma chamada ou ver o programa mais estúpido na televisão nesses três primeiros dias. Masse se mantinha firme em sua decisão, as recompensas seriam boas. Depois de três dias tudo o que a rodeava emanava beleza e seus guias lhe aproximavam mais. Era algo maravilhoso; estes momentos de beleza constituíam as horas mais felizes de sua vida.

Anteriormente tinha percorrido "o deserto" para encontrar a paz.

Assim ela sentia que estava em um monastério no alto do Himalaia no Ti bet.

Uma vez esteve com uma equipe de filmagem na Inglaterra. Estavam gravando um documentário sobre a música tibetana. Sentiu-se muito impressionada em presença daqueles monges; os sons de seus sinos e chifres a transportavam até sua luz dourada. Mas quando tudo terminou, sem sabê- lo, aproximou-se muito ao altar sagrado. Ignorava que, segundo a crença deles, se tinha estado menstruando, seu toque mancharia o altar sagrado. Disseram -lhe que lhes teria tomado seis meses para purificá-lo. Os monges não lhe permitiram que se aproximasse mais, o que feriu seus sentimentos e a

confundiu. Esse dia perdeu todo seu interesse no Tibet e se deu conta de que lá não encontraria o que estava procurando. Instintivamente ela sabia que o mesmo sangue que produzia a vida não podia ser impura.

Sentada frente a sua mesa de meditação, Graciela passou a outra realidade. Anteriormente tinha recordado suas vidas passadas. Foi como se de repente pudesse ver através dos olhos de outro ser e, enquanto olhava fixamente as pedras duras do que parecia ser a cela de uma prisão, arrojaram - lhe uma túnica azul sobre "seu" corpo. Mas não era seu corpo; era um homem de cabelo comprido cinza que levava uma camisa branca suja e calças negras. O homem parecia estar emocionado.Atilar jazia imóvel sobre um piso frio de pedra. Por que o tinha feito? Ele, que tinha controlado todos os impulsos de sua vida, via-se a si mesmo totalmente perplexo ante sua impotência total. Agora todo se foi, tudo estava perdido e não podia recuperar-se. A morte seria motivo de alegria.o tinha chamado à área de acesso para que conhPensou no primeiro momento em que a tinha visto. O Professor Qi ecesse a nova garota que lhes tinham levado as sacerdotisas da Lua. Era algo rotineiro, acontecia todos os dias, até que ele a viu. O que tinha ela? Era como se Atilar a tivesse conhecido durante toda a eternidade. Sua presença tocou uma parte adormecido de seu ser e lhe fez sentir algo que nunca havia sentido antes. Não era simplesmente porque fora bela; todas as garotas escolhidas pela Ordem da Lua eram esquisitamente belas. Mas esta era de algum modo diferente. Sua pele era da cor de nata fresca e seus olhos eram azul escuro como o mar. Seu cabelo de cobre caía por seu corpo e tocava o piso. Não obstante, foi sua pureza o que lhe atravessou uma flecha em sua alma. O estar perto lhe produzia a mais doce dor.

A tragédia começou quando o Professor Qi, de uma maneira rotineira, pôs a moça sob o cuidado de Atilar. Por que não notou o Professor Qi a mudança em seu estudante preferido? Ou realmente o notou?

Naturalmente a moça admirava Atilar; ele era conhecido por toda a Atlântida como o herdeiro do Professor Qi e o mais avançado na disciplina de modular os cristais por meio do pensamento. Todas as noviças jovens adoravam Atilar de longe. Ele não prestava muita atenção a essas coisas. Isso não lhe interessava, até agora. Solitário em seu quarto, Atilar começou a abrigar pensamentos que nunca antes tinha tido. Sabia que se aplicava a magia que tinha aprendido durante todos os anos, facilmente poderia seduzir à garota. Também sabia que a magia faria que o encontro fossede proporções cósmicas. Seria algo assim como se ele e a garota fossem as energias em bruto do universo que se convertem em uma. Somente um homem dos talentos e experiência de Atilar poderia gerar esta forma de fazer o amor. E ele a amava desesperada e totalmente com todo seu ser. antes de conhecê-la tinha vivido pela metade; agora sabia. Inclusive sua tortura era um êxtase para ele. O tempo passou.

Cada dia Atilar inventava mais desculpa para poder estar com a garota. Ela estava em todos seus pensamentos. Era muito normal que uma sacerdotisa da Ordem da Lua acompanhasse a alguém como Atilar ao Grande Salão dos cristais. Normalmente, a garota simplesmente se sentava em silêncio e gerava a polaridade da energia feminina que se requeria, mas um dia Atilar fez uma sugestão.

Disse- lhe à garota que se sentasse frente a ele e olhasse profundamente em seus olhos. Explicou-lhe que estava experimentando novos métodos para modular a freqüência dos cristais. A garota lhe obedeceu e colocou seu formoso corpo branco frente a ele. Ela o adorava e faria tudo que lhe

pedisse. Atilar olhou para os profundos olhos azuis de sua amada. Durante horas estiveram unidos nesta forma e os dois puros trocaram sua energia. À medida que as freqüências de seus corpos se aceleravam, eles eram transportados a uma nova realidade. Atilar e a garota se tornaram um. O piso, o quarto, inclusive a Atlâ ntidainteira desapareceu. A única coisa que existia era sua unidade que emanava poder e se convertia em uma luz pura. O tempo e o espaço se desvaneceram.

Se Atilar se conformasse permanecendo nesse estado nada teria acontecido. Mas o homem que havia dentro dele, o humano,

desejava a consumação. Concentrou -se sobre seu cabelo de cobre e sua elegante garganta cremosa e a despojou de sua túnica. Seus peitos eram pequenos e perfeitos; acariciou-os.

Brandamente a deitou e de uma maneira carinhosa penetrou sua doçura sagrada. Seu coração pulsava à medida que o sangue corria por seu corpo até que sua paixão se derramou dentro dela. Nunca antes tinha conhecido tal felicidade, tal gozo. Os cristais do salão começaram a ressonar com seu amor, começaram a cantar e emitiam harmonias doces como resposta a esta poderosa força. As portas se abriram de par em par quando o Professor Qi e os guardiães entraram bruscamente no ninho dos amantes. O feitiço se rompeu de uma maneira cruel e levaram Atilar a uma cela. Em meio de um choque mental ele jazia sobre as pedras duras, incapaz de mover-se durante muitos dias.

Atilar refletiu sobre sua vida enquanto olhava a água estancada que se detinha nas gretas do piso de pedra. Nunca lhe tinham dado opções. Desde que nasceu lhe disseram qual era seu destino. Nunca teve oportunidade de

jogar quando era menino, pois o treinaram inflexivelmente. Nunca tinha amado, nunca tinha jogado. Converteu-se em um professor, mas retrospectiva mente se deu conta da futilidade de tudo. Sempre houve algo que faltava e, até que viu sua amada, não tinha conhecido o nome do espaço disciplina interminável e o ritual repetitivo. Nunca teve tempvazio que havia dentro dele, o qual nunca puderam encher a o ou lugar para sentir, para amar, para ser espontâneo e agora lhe parecia óbvio que tais ideais adquirem forma indevida, se convertem em armadilhas, agora estava na cela de uma prisão. Fielmente tinha completo os compromissos da Ordem das Túnicas Azuis, mas nunca lhe deram a oportunidade de criar algo por si mesmo. Em essência, tinha sido um escravo.

O Professor Qi entrou em sua cela. Os dois homens se olharam e os olhos do Professor Qi se encheram de lágrimas.

"Meu filho, falhaste em sua última prova. Profanaste a uma virgem da Deusa da Lua e agora tem que morrer".

Ele sabia que Qi dizia somente a verdade. Em algum lugar dentro de sua alma Atilar entendia que uma vida sem sentimento, sem amor, era uma vida vivida pela metade, de modo que aceitou seu destino. Estava preparado para morrer.

Como o Professor Qi tinha pedido indulgência, Atilar perderia somente sua vida e lhe perdoariam o horror máximo. O raio laser que sairia do cristal central só destruiria seu corpo físico, mas sua alma permaneceria intacta. Atilar assentiu; tinha que ser

executado. Muitas vezes antes tinha saído de seu corpo, mas desta vez não retornaria.

Chegaram os guardas à cela e o escoltaram para a câmara da morte, onde o encadearam a uma parede frente ao enorme cristal. Todos saíram do quarto, acendeu-se o raio e em segundos o corpo do Atilar se converteu em cinzas.

Enquanto Atilar flutuava livre por cima de sua carne, seu amor pela jovem sacerdotisa o levou até seus aposentos. Seus formosos olhos azuis estavam vermelhos e inchados de chorar e Atilar se deu conta de que a moça estava grávida. Desesperadamente queria abraçá -la uma vez mais e cuidá-la. Tudo era tão triste. Meu amor inocente, pensou, o que será de ti? A dor que sentiu em seu coração por deixá-la era mais do que qualquer homem pudesse agüentar. Como poderia encontrá-la de novo?

Graciela estava muito cansada. Estava chorando por Atilar e a garota, e esse aparelho de laser a assustou muito. Por que não pôde ter sido simplesmente bela, rica e poderosa como as outras pessoas que recordavam suas vidas passadas? Certamente não tinha sido fácil no plano físico.

VIII. - CHANDHROMA

Inanna e Melinar entraram na consciência de Graciela. Olnwynn os seguiu. Do ponto de vista de Graciela, eles apareciam como um campo de força dourado e sutil que continha três figuras altas que estavam de pé em sua sala, junto à chaminé. Graciela tinha estado absorvendo as lições dos dados da vida de Atilar.

Ela suspirou: "Como é possível que haja tanto sofrimento? Como pode o Primeiro Criador observar este d rama interminável de vida e morte, de beleza e dor? O que é o Primeiro Criador?"Melinar lhe respondeu: "O Primeiro Criador É".

Oh, não! que resposta, pensou Graciela. "Escute, senhor, quando o coração de um está partido, o conceito de É não é

muito consolador".

Inanna pensou em algumas de suas experiências na Terra, inclusive como um ser extraterrestre de outra freqüência de tempo ela tinha sentido que lhe tinham quebrado o coração mais de uma vez. Desejou pensar em algo que pudesse dar a Graciela a resposta que necessitava. Ela olhou Melinar lhe implorando que dissesse algo.

"Minha filha, esta é a tarefa a que te enfrenta", disse ele. "Deve saltar das 10.000 Coisas, através do abismo de sua dúvida, até o lugar do magnífico É. Lá encontrará a verdade que procura ao sentir o que o Primeiro Criador sente. Lá saberá".

Isso aparenta muito pavoroso, pensou Graciela. imaginou que as 10. 000 Coisas deveriam ser todos esses pensamentos e coisas corriqueiras que distraem a todos os humanos cada minuto do dia, e nenhum dos quais parece importar quando um se aproxima da morte, a experiências de perda trágica, ou quando chega um momento crucial. Mas a idéia de um abismo a encheu de temor. Pensou nesse filme com o Harrison Ford, quando estendeu seu pé sobre um desfiladeiro aparentemente sem fundo para dar um salto de fé. Ali havia uma ponte invisível para ele e ele o atravessou. Seria assim fácil para ela? Graciela tinha pavor às alturas. Só o fato de estar parada em um balcão lhe produzia vertigem; sentia um formigamento nos pés e se sentia apavorada à borda.

Olnwynn viu uma oportunidade e se apresentou. Com a ajuda de Inanna, ofereceu seu amparo e coragem a Graciela. Inanna mostrou a Graciela os dados do Olnwynn enquanto que simultaneamente lhe mostrava os dela a ele.

Inan na escolheu um momento na infância da Graciela para mostrar-lhe ao Olnwynn. Ela tinha escassos três anos e estava sentada na mesa com sua família. Seu pai entregou um pedaço de frango frito mas ela não o queria. Graciela levantou a coxa do frango e com força o atirou contra a parede.

Olnwynn riu e viu sua própria teimosia na Graciela. Logo reconheceu quem eram os membros da família da Graciela. "Por Deus! São eles, todos eles!" Surpreendeu-se de ver que a mãe da Graciela era sua bela esposa, o pai era o

irmão do Olnwynn e o irmão da Graciela não era outro que seu filho. Ainda estavam juntos em outro tempo. Por que tin ha nascido Graciela em uma família com estes três quem obviamente ainda tinham más lembranças e sentimentos para ele? Ou era que sentiam temor e ressentimento para a Graciela? Não era de sentir saudades então que Graciela não fora feliz.

Inanna respondeu os pensamentos do Olnwynn e lhe explicou que essa era uma maneira extremamente útil de aprender e de evoluir. E, além disso, esses três queriam

estar juntos. Compartilhavam um laço. Como Olnwynn, você os tratou mau e os controlou. Agora como Graciela a experiência é muito diferente, de certo modo, investiu-se.

Graciela, que não podia deixar de escutar, pensava: se Inanna queria experimentar estas coisas, por que simplesmente não se meteu em um corpo ela mesma e viveu, em vez de fazer que Graciela e Olnwynn o fizessem?

"Fiz-o, Graciela. Eu sou você. Eu fui tudo o que você foste, e tenho sentido tudo o que você tem sentido". Inanna tinha a esperança de fazê-la compreender, mas não parecia tão fácil posto que Graciela estava em um corpo físico de carne vulnerável e com sistema nervoso parcial."É esse sistema nervoso parcial o que eu quero corrigir", adicionou Inanna. "Se todos os meus Eus multidimensionais reúnemsuficientes dados para precaver-se dos modelos repetitivos das experiências de suas vidas, possivelmente um, possivelmente você, Graciela, crescerá além de suas limitações e porá em ação os códigos genéticos divinos que estão latentes dentro de ti. É possível. Seria como se você lhe adicionasse maior capacidade a seu computador. Tem a tecnologia; só te falta a vontade para fazê-lo. Há tantas distrações, como as 10.000 Coisas e o halo de freqüências eletromagnéticas que

colocaram ao redor de seu planeta aqueles que desejam que permaneça como uma pulseira". Graciela estava começando a compreender o que Inanna dizia. Se ela, Graciela, (que era aparentemente Inanna) pudesse de algum modo fundir-se com o Olnwynn e Atilar, assim como com todos os outros que em realidade eram Graciela, então haveria a possibilidade de que tanto conhecimento e dados combinados pudessem ativar os gens adormecidos. Transladaria-se a mudança de um humano para outros?

"Sim!", respondeu Inanna e suspirou com uma sensação de satisfação de que pelo menos tinha chegado a um de seu Eu multidimensional . Nesse momento Olnwynn se animou e começou a rir.

"Isto poderia ser muito divertido!", disse ele. Prometeu ajudar a Graciela para que encontrasse a coragem suficiente e se sentou ao lado dos cães com o desejo de poder acariciá-los. Graciela se deu conta de que os dois cães permaneceram calmos ante a presença de seus novos amigos. Bom, certamente já não estava sozinha.

"Há alguém mais?", perguntou a Inanna e Melinar.

Chandhroma nunca tinha sido tão formosa como sua mãe, mas momento do nascimento como se acostumava fazêera bonita e elegante. Teve sorte de que não a asfixiassem no -lo com os

bebês fêmeas que nasciam nessa época. Sua mãe não teve a coragem de matá

-la, embora não havia razão para conservá- la.

Era o século XVI d .C., no norte da Índia. A mãe da Chandhroma era uma prostituta, embora era uma cortesã da classe alta. Apaixonou-se por um poderoso conselheiro do Sultão de Cachemira. Somente lhe era útil a este homem como concubina, não como a mãe de seus filhos.

Naturalmente, se o bebê tivesse sido varão, lhe teria encontrado algum lugar na corte. Mas a filha de uma prostituta não servia a ninguém. De modo que aos três anos, Chandhroma foi entregue à escola de dança onde foi criada para ser uma bailarina da corte e onde recebeu um treinamento rigoroso. Felizmente ela se sobressaiu nesta arte porque amava a dança com paixão.

Chandhroma estava sentada só no Templo da Dança. Freqüentemente vinha ali a dançar para "a dama" que às vezes lhe aparecia. Rodeavam-na colunas de pedra com talhas fantásticas do Kali e Lakshmi, os Gandharvas, os apsarases e os dakini dançantes. Frente a ela só uma vela iluminava as sombras do grande salão e uma lua cheia banhava com sua fria luz os pisos de mármore brilhantes. Chandhroma se sentou em quietude total. Tinha 14 anos e tinha sido treinada nas artes da dança durante onze anos. Sentia saudades de sua mãe, mas "a dama" que vinha enchia o vazio de seu coração e lhe parecia que era uma deusa. Como Krishna, a dama tinha uma formosa pele azul turquesa. Levava muitos colares de lápis lázuli e braceletes de ouro. Chandhroma pensava que sua dama azul era ainda mais formosa que sua própria mãe.

Ela ficou de pé e começou a dançar, com graça dava voltas enquanto que os pequenos sinos de prata que tinha nos tornozelos emitiam suaves tons através das colunas do salão. Em sua mente, Chandhroma chegou a ser uma com a deusa. Imagens da dama azul, do Lakshmi e de Tara encheram sua consciência. Chamou para si aos dakines dançantes e se converteu em uma com a luz da lua. Suas mãos eram expressões graciosas de esperança humana e seu corpo cantava com a beleza da noite. Dançar sozinha para sua deusa era seu maior gozo.

Quando sentiu a presença da dama azul, deixou de dançar e ficou quieta. Sua respiração era curta e movia seus

peitos quase imperceptivelmente. Gritou: "Dama, queria falar contigo esta noite. Logo me levarão a palácio do Sultão para dançar. Estará comigo para me guiar na dança?"

Inanna lhe respondeu: "Sim, minha amada moça, estou contigo a onde quer que você vá. Sou parte de ti. Meu amor por ti é eterno e nunca está sozinha porque aqui estou te protegendo. Amo o que você é".

Chandhroma sentiu a presença de um intruso. "Quem está lá?", gritou ela.

"Só um admirador, minha menina", respondeu o forasteiro. "Eu sou Vasudeva, o arquiteto dos palácios do Sultão. Seu professor de dança me falou de suas apresentações noturnas e vim em segredo para contemplar sua beleza. Sou um ancião, e não tenho intenções de te fazer dano. Quero ser seu amigo".

Chandhroma procurou a aprovação de sua dama azul, que sorriu e assentiu. Então este é meu destino, pensou ela.

Vasuveda continuou: "Entendo que está sedenta de conhecimento, e que passas seus momentos livres desenhando os pavilhões e as esculturas do templo. Desejo te ensinar estas coisas. Uma vez tive uma filha tão formosa como você que estava no apogeu de sua beleza, mas uma enfermidade misteriosa me arrebatou isso. Era minha única luz neste mundo e você me recorda isso. Me permita q ue seja seu mentor quando te mudar para o palácio e te ensinarei a ler e escrever, assim como matemática, linguagem e arquitetura".

Era algo inaudito. A nenhuma mulher lhe permitia aprender estas coisas. Ela sempre tinha querido conhecimento e em segredo tinha tentado aprender a escrever em sânscrito, mas às mulheres não lhes animava a

que fizessem essas coisas. Ela não era mais que uma bailarina do templo. Sua posição não era melhor que a de uma prostituta, como sua mãe.

"E o que terei que fazer em troca?", perguntou.

"Trabalhar muito duro. Deve te dedicar a estas novas artes e continuar com sua dança. De outro modo não lhe permitiriam amigo e está muito satisfeito com esta minha extravagânciapermanecer no palácio. Está ao serviço do Sultão, mas ele é meu . É se interessam muito por ti. É minha intenção fazer o mesmo. Será bem sabido que você é dotada, que os deuses lhe sorriem e que como uma filha para mim".

"Aceito". Foi tudo o que pôde dizer com o coração na garganta. Muito certamente a dama azul lhe deveu ter proporcionado esta oportunidade. Certamente, deve ser um presente dos deuses. Inanna estava feliz com o progresso da Chandhroma. A garota tinha uma mente estupenda, aprendia muito rapidamente e se converteu no maior orgulho da Vasudeva. À medida quesua fama

como dançarina crescia, ajudava a Vasudeva em seus projetos de arquitetura. Até lhe encarregou o desenho de um jardim pequeno. Cachemira era mundialmente conhecida por seus jardins. Era uma época maravilhosa para a Chandhroma. Vasudeva a queria muito e, embora muitos a admiravam e a cortejavam, só lhe interessavam a dança e o conhecimento. Ela pensava que certamente devia haver outras mulheres que desejavam ter essas oportunidades.

Um dia ela estava sozinha desenhando no jardim . Um homem jovem de aparência agradável apareceu ante ela e se apresentou. Era o filho e herdeiro do Sultão. Ela naturalmente o tinha visto na corte quando dançava mas nunca se imaginou que o conheceria e certamente não

estando sozinha. O Sultão lhe tinha posto a seu filho o nome de Arjuna como o famoso arqueiro das escrituras antigas.

"Chandhroma, estou desesperadamente apaixonado por ti", disse Arjuna. "Vi-te dançar e Vasudeva me contou histórias sobre seu garbo e inteligência. Houve alguma vez uma mulher tão dotada e tão formosa como você no reino de meu pai?"

Por um momento seus olhos se encontraram em silêncio. A moça não tinha pensado muito no romance, não tinha tempo para isso e não queria terminar prostituta como sua mãe. Mas este jovem a fazia sentir coisas que lhe era m totalmente desconhecidas.

Então Arjuna começou a lhe falar meigamente e de uma maneira espontânea lhe expressou seu amor e desejo por ela: "Chandhroma, estive esperando este momento. Vem até mim, amada, deixa que meus braços lhe abracem. Sua pele radiante esconde os fogos ardentes debaixo dela. Cada célula de meu corpo ressona com seu ser. Desejo estar perto de ti, amada. Seus olhos me aproximam mais do meu Lar. Sigo sua profunda escuridão como um menino inocente que só conhece um chamado. Atraído para ti como a lua atrai as correntes, as chamas estendem-se por meu corpo. O desejo me aflige nestas tardes

quentes. Imagino cada aspecto de seu ser. Separados em corpo, unidos em alma e espírito, sempre está comigo. Sinto o batimento do coração de seu coração, seu fôlego. Minhas células vibram com sua vida e com meu desejo de nossa união. Como desejei uma como você em todos os lugares e tempos. Procuro o calor de seu suave beijo para que desperte os verdadeiros fogos que ardem dentro de mim. Permite que meu amor, como a luz do sol, derrame-se sobre seu corpo e alma"

Chandhroma ficou transfigurada com suas palavras, seu coração estava conquistado. Ela sorriu, Arjuna se sentou a seu lado e tocou suas mãos. Finalmente os dois começaram a rir e a falar

como se se conheceram durante todas seus estoque e inclusive além delas. diz-se que o amor verdadeiro pode ser assim.

Inanna se alegrou muito pela Chandhroma, mas também sentiu o perigo. Já havia muitas mulheres mexericando na corte do Sultão. Sentiam inveja e desprezo pela moça. Agora que o filho do Sultão lhe tinha dedicado todos seus afetos a ela, quem sabe aonde chegariam todos esses ciúmes? O veneno era a solução mais conhecido para as rivalidades dentro do harém.Às mulheres do palácio lhes permitia tão pouca lib

erdade que suas energias terminavam por menosprezar-se entre si. De vez em quando se chegava até matar a um bebê para tirar do caminho um herdeiro potencial. Certamente o harém podia ser um lugar perigoso. Como era uma bailarina, em realidade Chandhroma nunca tinha sido parte desse mundo, além disso gozava do amparo da Vasudeva. Mas os cuidados da Arjuna a converteriam em alguma concubina frustrada com ambições de poder. Inanna sabia que as mulheres dessa época maliciosamente conspiravam uma contra a outra para defender seu escasso território. A impotência das mulheres feria profundamente a Inanna, mas era imperativo que advertisse a Chandhroma sobre o perigo.

Mas ela estava muito apaixonada e sob o feitiço de Arjuna se encontrava já em um mundo longínquo. Os dois amantes passavam seus dias tomando vinho e fazendo amor nos jardins mágicos de Cachemira. No palácio todos falavam sobre sua relação. Inanna não pôde por nenhum

meio obter a atenção da Chandhroma. Como podia lhe advertir?

Um dia Chandhroma retornou a seu quarto e sobre a mesa encontrou um presente. Era uma garrafa de ouro com rubis vermel hos incrustados. A habilidade de quem a desenhou era impressionante e havia uma nota que descrevia as propriedades mágicas do conteúdo da garrafa. Dizia que era o elixir da beleza e cheirou seu conteúdo. O quarto se encheu com o aroma de cem eterna e a vitalidade. Inocentemente, Chandhroma abriu a garrafa rosas e Chandhroma se deixou vencer pelo desejo de provar o elixir. Inanna temeu o pior e evocou seus poderes para o qual tombou um formoso floreiro com o fim de atrair a atenção da Chandhroma. O floreiro caiu e se quebrou sobre os ladrilhos de mármore, mas Chandhroma estava totalmente distraída, possuída pelo feitiço da fragrância de rosas.

Levantou a garrafa até seus lábios. Ao provar o líquido, sentiu uma contração violenta em seu corpo. Quando caiu ao piso duro, pensou em Arjuna. Como desejava sentir seus braços a seu redor, saborear uma vez mais seus lábios e olhar no profundo de seus olhos. Tratou de gritar, mas toda sua força se foi. Sua vida lhe escapou. Quando Chandhroma se retirou de seu corpo, Inanna estava lá para abraçá-la.

IX. - LIVROS E SAPATOS

Graciela recordou como lhe tinha encantado a dança. Quando era uma menina, levava à sua cama cachecóis grandes, colocava-os debaixo de suas mantas e simulava que elas eram seu traje de dança. Imaginava que era uma bailarina famosa em um reino mágico. Sua imaginação lhe permitia fazer estes vôos de fantasia durante horas. Durante sete anos estudou balé e sua mãe lhecomprou um par de sapatilhas vermelhas porque

Graciela tinha gostado muito d o filme "As Sapatilhas Vermelhas". Graciela pensou nos sapatos que tinha perdido aquele dia em Nova Iorque. Parecia - lhe que tinha passado tanto tempo.

Ela se perguntou se a vida da Chandhroma como bailarina de algum modo tinha tido que ver com seu amor pela dança. Afetavam todas a vidas multidimensionais de algum jeito a todas as outras? Graciela tratou de imaginar-se dirigindo uma tocha, o que fez rir ao Olnwynn. Este se tinha apegado à consciência da Graciela, estava muito interessado em sua família e amava muito a seus cães. Corria com eles pelo bosque e para tomar dianteira,atravessava árvores.

As lembranças dos outros Eus eram tão claros. Lhe parecia que estavam mostrando filmes holográficos a toda cor das vidas de pessoas às quais, de uma forma misteriosa, sentia-se muito próxima. Pensou em muitos dos incidentes mágicos de sua vida. Sabia que de sua mãe tinha herdado suas habilidades psíquicas. A mãe sempre sabia o que Graciela estava pensando, o que constituía uma moléstia para ela, porque sua mãe nenhuma vez esteve de acordo com o que fazia.

Nos anos sessenta. Graciela tinha experimentado substâncias que alteram a mente, como tantos outros de sua geração, mas uma voz lhe advertiu que desistisse disto. Não lhe podia atribuir seu desejo de saber a verdade a nenhuma dessas experiências. Da adolescência, estava decidida a encontrar respostas e dos

quatorze anos tinha seu jornal. Tinha-o começado com estas palavras: "Isto é para pr

ovar que uma garota pode pensar por si

mesma ". E era precisamente o pensar por si mesmo o que sempre a tinha metido em problemas.

Todos queriam que luzisse formosa e que se casasse com um homem bem rico. Sua mãe lhe tinha advertido que ninguém se casaria com ela se continuava lendo esses livros. Graciela percebeu que sua vida era vazia e que estava cheia de hipocrisia. Tratava de ser como os outros, mas não podia. Era como se o Flautista de Hamelin estivesse tocando em algum lugar de seu interior, exortando-a a outra classe de vida. Por que tinha nascido naquela família? Agora parecia que Olnwynn tivesse as respostas. De fato sua mãe lhe devia a vida que lhe tinha arrebatado ao Olnwynn, mas sua pobre mãe tampouco era feliz. Estava o passado atormentando seu pai e a sua mãe? Não era seu pai um tirano como foi Olnwynn? Quando terminaria tudo isto?

"Só terminará quando você o troque", disse Inanna. "A chave está dentro de ti, Graciela. Suas realizações, unidas a toda a sabedoria dos outros Eu multidimensionais, ativarão as secreções hormonais que estão adormecidas em seu corpo. Sua consciência transformará seu corpo físico e, à medida que troque sua percepção da realidade, trocará sua vida neste plano. Mas eu não o posso fazer por ti, amada, você deve fazê- lo por ti mesma. Este é um universo de livre

-arbítrio e se eu te obrigar a trocar, violo a lei do livre-arbítrio".

Graciela pensou que era uma lástima. Queria que Inanna e Melinar a tocassem com uma varinha mágica e trocassem tudo o que há no mundo. Mas evidentemente, não ia ser assim. De as histórias que tinha lido sobre os grandes professores que algum modo ela o tinha que fazer por si mesmo. Pensou em todas passavam anos disciplinando-se

nas partes altas das montanhas. Na epopéia hindu, o Mahabbarata, aqueles conhecer a verdade ou à ajuda dos deuses sempre executavam o que aspiravam a que se chamava tampas. Graciela tinha aprendido que isto significava "gerar calor". No corpo se podia realmente produzir algo que era como um calor divino, e ela se perguntava se esse era o segredo para pôr a funcionar o sistema endócrino. Está escrito que nos tempos antigos os que queriam obter habilidades mágicas se paravam em um dedo do pé durante 2.

000 anos, uma imagem que sempre divertia a Graciela.

Ela tinha procurado muitos professores e escolas para que respondessem suas intermináveis pergunta, mas cada fonte de

conhecimento tinha parado na armadilha de ser seduzida pelo poder que exercia sobre seus estudantes. À princípio era muito deplorável para a Graciela, mas, à medida que via que este modelo se repetia, deu-se conta de que a tirania disfarçada era a conclusão lógica da maioria das escolas. A verdade espontânea não se podia converter em uma lei. A melhor expressão disto a encontrou em um professor chinês, Lao Tzu quem disse algo assi m como que a verdade não pode ser expressa mais que por aqueles que não a entendem.

Graciela sabia que tinha que encontrar a verdade dentro de si mesmo.

Ati lar estava começando a acostumar-se a seu novo meio ambiente. Ele tinha sido treinado para sair de seu corpo e viajar a outras dimensões, de maneira que a morte não era algo tão horrível para ele. Mas a perda de seu verdadeiro amor, a jovem sacerdotisa da Lua, temporalmente tinha prejudicado suas percepções. A paixão que eles juntos tinham produzido trocou drasticamente seu nível normal de

energia, por isso necessitava de tempo para poder assimilar tudas estas mudanças. Instintivamente ele sabia quem e o que eram Inanna e Melinar. Com facilidade absorveu os dados das vidas dos outros Eusmultidimensionais. Recordou que uma vez tinha visitado o Olnwynn no campo de batalha. O intenso calor psíquico que Olnwynn gerava nesses momentos o tinha atraído. Olnwynn se voltava com sua tocha à medida que decapitava a seus inimigos; ninguém escapava de sua vontade enfocada. Nesses momentos, a freqüência de Olnwynn era igual a de Atilar quando afinava os cristais.

Atilar lhe ofereceu sua consciência e os dados de sua vida a Graciela. Ela se abriu ao campo de energia dele e sentiu que seu corpo inteiro trocou; sentiu -se mais ligeira e mais forte. Atilar cama, Graciela assimilava as experiências de seutinha muito que oferecer e muito que ensinar. De noite, em sua s Eus multidimensionais. Em sua mente os abraçava, e sentia um intenso amor por cada um destes seres. Ela não podia julgá-los sem importar o que tivessem feito; eles eram simplesmente o que eram e Graciela os amava. Refletiu que talvez o Primeiro Criador pensava assim sobre toda sua criação.À medida que o tempo tinha passado na Terra, os homens se tornaram mais e mais temerosos de seus sentimentos. Isto era a conseqüência natural de participar constantemente em guerras inúteis nas que freqüentemente morriam ou ficavam inválidos.

Muitos homens tinham tido a experiência de jazer feridos e impotentes durante dias no campo de batalha enquanto oravam para que a morte os levasse antes de que chegassem os abutres e os destroçassem. Lhes doutrinou para que ocultassem seus sentimentos, para que não atuassem como as mulheres. Lhes disse que as mulheres eram inferiores. Em troca da sensação de superioridade, os homens se privaram a si mesmos da experiência de sua

própria ternura e emoções. Merwin, outro dos Eu da Inanna, era um destes homens.

Merwin cresceu em um ambiente no que seu pai abusava de sua mãe. Ela era u ma mulher inteligente e sensível e lhe ensinou a ler e a querer os livros. Inculcou- lhe a idéia de que o conhecimento era a única coisa de valor real na vida. Merwin tratava de defender a sua mãe, mas não era mais que um moço. Um dia em um estalo de ira, seu pai acidentalmente matou a sua mãe. Desesperado e desventurado, Merwin escapou.

Dizia-se que em Alexandria havia uma enorme biblioteca cheia de livros e conhecimento de todas as partes do mundo. Merwin sonhou que seria muito feliz passando o resto de seus dias em um lugar assim. Sujo e faminto chegou às portas da biblioteca e rogou ao guardião que lhe permitisse trabalhar ali. Ele faria algo por permanecer na biblioteca. O guardião teve compaixão do moço e lhe permitiu entrar.

Merwin ficou nesta enorme biblioteca pelo resto de seus dias. Leu

e classificou tudo o que havia. De vez em quando pensava em sua mãe, em quão agradada estaria ela de vê-lo em um lugar assim. Mas pensar nela lhe causava muita dor. Ele se converteu em uma lenda em Alexandria e também em uma lenda . Todos o admiravam por seu conhecimento e sempre recorriam a ele quando necessitavam de um livro ou um papiro. Mas também se afastavam dele e diziam que era tão seco como seus papiros antigos. Sabia-se que sua vida estava reduzida a estar com seus livros. Nunca esteve com uma mulher. Levava uma vida de recluso em meio de papiros desbotados e prateleiras poeirentas. Nunca saía da biblioteca.

Um dia, centenas de soldados chegaram a Alexandria. Conquistaram a cidade e incendiaram a biblioteca. Dizia-se que as chamas do incêndio se podiam ver a quilômetros. Todo o conhecimento armazenado da antigüidade desapareceu naquelas chamas. As histórias da Atlântida, da Lemú ria e de muitas outras civilizações antigas se converteram em cinzas. Merwin permaneceu lá aquele dia. Para onde iria? Sem sua biblioteca não

queria viver. Então Merwin se uniu a Melinar e Inanna e aos outros que estavam no ovalóide. Merwin, quem da morte de sua mãe nunca se permitiu a si mesmo sentir, derramou lágrimas de éter transparente em uma dimensão estranha.

X. - O MUNDO DAS APARÊNCIAS

Melinar introduziu sua consciência no grupo de seres que estava reunido no ovalóide da Inanna: Atilar, Chandhroma, Olnwynn, Graciela, Merwin e, é obvio, Inanna. Quando Melinar começou a falar, as formas geométricas chamativas, ou seja, os brilhantes, começaram a trocar rapidamente.

"Nenhum aspecto do Primeiro Criador está realmente separado do resto. A porta de saída do mundo das aparências pode assumir qualquer forma. Cada expressão de vida leva consigo o potencial da liberdade e cada um de vocês se vestiu das cores e temperamentos que estavam disponíveis no tempo no que viveram. Devido ao poder dos cinco sentidos, perderam-se em meio da dualidade destas expressões e se deixaram levar pelas polaridades contínuas inevitáveis. Mas, como vêem, essas realidades se desvaneceram, mas permanecem como dados armazenados. Existem por separado mas, não obstante, estão conectados eternamente a todos. Nada morre; nada se perde.

"Em uma dimensão de realidade, nenhum de nós jamais abandonou a mente do Primeiro Criador".

Graciela estava sentada no bosque de cedros com seus formosos cães e pensava quão tristes tinham sido quase todas suas vidas. Toda essa luta por aprender e chegar a ser algo, para logo deixar-se levar por algum impulso insensato. Para que era tudo isso? Se só pudesse retornar e curar aos outros. Se o pai do Merwin tivesse sido amável, se só Chandhroma tivesse feito caso a Inanna para não beber o veneno, se Atilar tivesse deixado de contemplar os olhos da jovem sacerdotisa, se Olnwynn não tivesse sido tão amante da bebida. Se só! Essa era a história atual da espécie humana. A guerra e a destruição se viam o suficientemente sinistras nos livros de história, mas quando um as vive em carne própria, a dor é íntima e penetrante.

Graciela começava a ajustar-se a toda essa descarga de informação. As histórias de seus outros eus lhe fascinavam e a deixavam exausta. Deu -se conta de que suas experiências de

morte não foram fáceis; talvez a morte não se fez para que fora fácil. Possivelmente é a única maneira de nos convencer de que podemos sair de nosso corpo. De algum modo ela começava a desapegar-se um pouco de todos os dados e começava a ver todas as vistas como partes de uma adivinhação que se movia em ciclos. H avia vários padrões que se repetiam. Ela se sentia como se fosse um detetive particular a ponto de resolver um grande mistério. Mas resolveria alguma vez o mistério? Tinham-no criado para que alguma vez fosse resolvido?

Graciela se deitou sobre o piso duro do bosque e respirou profundamente. O aroma do cedro encheu seu ser e fechou seus olhos.

A Donzela do Céu jazia sobre o piso de seu tipi. O curandeiro a tinha posto no chão com o fim de "amarrar a dor". Ela sabia que isso era uma tolice; sabia que morreria. O que sabiam os homens quanto a dar a luz? Seu bebê deu a volta em seu ventre e se obstruiu. À medida que perdia mais sangue a dor se fazia mais intensa. Onde estava Pequena Nuvem, sua amiga e parteira? Desejava Pequena Nuvem tanto a Pluma de Fogo para deixar que sua amiga, a Donzela do Céu, morresse no parto? Ela pensou em seu marido Pluma de Fogo. Sempre se tinham amado; tinham estado juntos toda a vida; desde meninos tinham sido inseparáveis. E, é obvio, Pequena Nuvem os tinha seguido a todas as partes. A Donzela do Céu compreendia como sua amiga amava a seu marido, mas nunca se alterou porque nunca duvidou do amor que lhe professava Pluma de Fogo. Ele pertencia à Donzela do Céu e a ninguém mais.

Muito antes de que o homem branco chegasse a suas terras, os suas formosas colinas. Respeitavam a Terra e a todos os espíritos. membros da tribo de Donzela do Céu viviam pacificamente em Trabalhavam para obter a harmonia com o vento e as estrelas e sabiam como chegar a ser um com todos os espíritos animais. Quando era uma menina a iniciaram no conhecimento dos céus noturnos. Ela passava muitas horas em silêncio sob as estrelas e trazia as essências do céu para a tribo e suas terras. A sabedoria de Donzela do Céu era venerada.

Os membros da tribo acreditavam que tinham vindo das estrelas e que algum dia retornariam. Sabia-se que o grupo de sete estrelas às que chamavam As Irmãs era seu lugar de origem. Durante as noites escuras, ela olhava a esse grupo e lhe falava com uma Dama Azul que freqüentemente lhe aparecia . Esta dama lhe dava conhecimentos e sabedoria. Animava-a a que se respeitasse a si

mesmo. A Donzela do Céu chegou a amar a esta Dama Azul e a acreditar que algum dia a tribo retornaria às estrelas.

Pluma de Fogo era um jovem bonito e forte que adorava a Donzela do Céu. Tinham passado muitas horas juntos caminhando pelo bosque ou montando a cavalo pelas colinas com o vento em suas almas. A vida era muito agradável quando estavam juntos. De sua união já havia um menino. Por que estava causando tantas dificuldades este segundo parto?

A dor voltou muito aguda e tinha perdido muito sangue. A Donzela lutava contra as ataduras de couro enquanto o suor corria por seu rosto. Se pudesse escapar. Olhou uma abertura que havia na parte superior de seu tipi e pôde ver um pedacinho de céu azul. Por que a tinham deixado sozinha? Uma aguda dor partiu seu corpo e não sentiu mais nada. E levou-se por cima de seu corpo e, quando olhou para baixo, viu sangue por toda parte. Pequena Nuvem entrou no tipi, gritou e achou a sua amiga morta. Tirou o bebê do corpo de Donzela que ainda estava quente, cortou o cordão umbilical e lhe deu uma palmada no traseiro. Uma garotinha começou a chorar. Estava coberta de sangue, mas estava viva.

Pluma de Fogo e outros entraram. A Donzela do Céu sentiu a dor e o impacto de seu marido ao ver seu corpo inerte. Ela sabia que ele não ia chorar; ele não podia, não era seu costume. Mas algo dentro dele se quebrou e não voltou a ser o mesmo. Porque para aqueles que estão destinados a estarem juntos, quando o companheirismo termina, toda a vida termina. Pluma de Fogo não quis cuidar do bebê.

Pequena Nuvem não sabia que seu ciúmes tinham evitado que se apresentasse com mais prontidão ao parto. Por que não retornou a tempo como o tinha prometido? Começou a

limpar o sangue do corpo da menina. Ela sabia que Pluma de Fogo nunca seria para ela; ele já pertencia aos mortos viventes, já não servia a ninguém. Decidiu encarregar-se do bebê e criá- lo. Pelo menos podia dizer que tinha sua filha.

O bebê pôde ver com facilidade o corpo etéreo de Donzela do Céu, embora ninguém mais o viu. "Mami, por que vai?" Os pensamentos de mãe e filha eram como um. Ainda flutuando por cima, a Donzela lhe falou com sua menina: "Garotinha, meu amor, deve ser valente. Sabe que te amo. Consola a seu pai se puder e fica com Pequena Nuvem. Ela jurou te cuidar e você será a única coisa que elaensinar os caminhos do céu. Adeus, minha filhinha, meu amor terá dele. Sinto não poder estar contigo para te

sempre está contigo". Anos depois, uma menina índia esfarrapada e magra seguia o passo de seu pai. O homem, já avançado em anos e entorpecido de pena, não lhe prestava atenção. A menina se vestiu com roupa de moço com a esperança de agradar a seu pai, mas ele não se dava conta. Para ele, ela nem sequer existia. Graciela começou a chorar. Oh, Meu deus, essa pobre menina! A vida era feita de texturas infinitas de experiência. Quem se não um ser de poder infinito e ilimitado se atreveria a colocar-se em um mundo tão precário como este.

Graciela pensou que nunca tinha querido ter filhos. Havia-se dito a si mesmo que temia tratar a seus filhos como seus pais a tinham tratado a ela. Mas no mais profundo de seu ser também havia um temor escondido à ação de dar a luz. Por que estava a vida da Donzela gravada nos impulsos da Graciela?

Pluma de Fogo lembrava Miguel, que foi seu noivo na escola. Conheceram-se quando ela só tinha doze anos, mas os dois imediatamente souberam que eram um para o

outro. Miguel tinha pensado em casar-se com Graciela, mas à medida que passavam os anos, ela temia terminar como sua mãe e se afastou dele. Ela falava de partir, de ir para Nova Iorque ou a Paris. Ele se casou com outra, uma amiga que para a Graciela era como Pequena Nuvem.

Graciela imaginou que caminhava por um labirinto sem fi m no qual tropeçava com partes dela mesma e das quais nem sequer sabia que existiam. De algum modo todas as partes estavam conectadas e todas as conexões poderiam responder suas perguntas e encher o vazio que sempre tinha sentido dentro dela. Em sua mente viu as formosas formas geométricas que já lhe eram tão familiares. As cores eram vivas e as formas resplandecentes se moveram em sucessão rápida quando Melinar começou a falar.

"Todos os sistemas filosóficos e religiosos que estão disponíveis em forma escrita são reflexos da verdade em diferentes momentos que foram necessários para satisfazer as necessidades desse tempo. Não é necessário que ligue sua consciência a nenhum destes sistemas e as formas de expressão religiosa que existem ainda são úteis a muitos, mas muitas outras formas se perderam do período pré-histórico posto que não se escreveu nada. A verdade é a verdade em qualquer momento presente de existência, sem importar a forma em que se manifeste. A forma seres que exista e é estabelecida pelo nível de sua evolução. Essas está sujeita às necessidades e capacidade de recepção da raça de

formas de pensamento que construímos a nosso redor para nos proteger são freqüentemente as mesmas formas que convidam nossa destruição. O Primeiro Criador sempre está em movimento e sempre troca".

Os brilhantes do Melinar se moviam mais rapidamente do que os olhos humanos da Graciela podiam captar, mas

entendeu que havia uma armadilha inevitável na necessidade humana de deter a mudança. Tudo o que se coloca em pedra indevidamente se deteriora. Aquilo ao que tratamos de aferramos, se perde. Ninguém pode deter um rio.

Graciela ficou de pé e foi deitar-se junto a seus cães. Sentiu -se cômoda em meio de sua pele grosa e escura e se imaginou que estava bem protegida nos braços de Inanna. A bela deusa azul abraçou à peq uena Graciela, que ficou dormindo. Era bom estar

em casa.

XI. - A CORTINA

Inanna e Melinar procuraram cuidadosamente Atilar em suas consciências. Ele era tão bom em projetar-se a si mesmo para outras realidades que era difícil lhe seguir o rastro. Ele se retirava continuamente para visitar às pessoas que aparecia do líquido: os Liquidianos, como lhes dizia ele. Estava fascinado com seu estado fluido, e eles por sua vez estavam interessados em seu conhecimento dos objetos duros, ou seja, os cristais.

Inanna se interessava mais e mais no progresso de seu Eu multidimensional . Ela sabia que no ano 2011 terminaria o acordo contratual entre o Conselho Intergaláctico e Marduk, o tirano pleyadense. A Terra começaria a dividir-se em pelo menos duas realidades e só aqueles humanos que tivessem superado a quarta e quinta dimensão, teriam a capacidade de afastar-se das freqüências tirânicas do professor réptil, Marduk. Se ao menos a família o tivesse deixado morrer quando Inanna o enterrou vivo na Pirâmide de Gizé. Desde esse dia, Marduk levava consigo seu ódio por Inanna por todo o planeta Terra e deliberadamente procurava escravizar e degradar às mulheres, especialmente às

sacerdotisas de seus templos, devido ao que elas ensi navam. Durante os últimos milênios a Terra tinha sido um triste aviso da degradação da deusa e de sua sabedoria.

Um dos Eu multidimensionais da Inanna tinha sido uma formosa jovem que viveu na Espanha durante a Inquisição. Chamava -se

Raquel e nasceu dentro da fé judia. Inanna pensou que tinha tido precaução no caso de Raquel pois somente lhe tinha outorgado poderes de cura . Não era que tivesse tantos poderes para converter-se em uma ameaça ou fomentar uma revolução. Não, Raquel era uma garota doce, singela e inculta, cujo toque e proceder freqüentemente curava os doentes. Mas isto foi suficiente para que a Inquisição a acusasse de ser uma bruxa, servidora do demônio. Arrastaram-na a uma prisão e a torturaram brutalmente antes de queimá -la no madeiro.

Quando a Graciela mostraram os dados de Raquel, suplicou que não lhe mostrassem o que tinham feito a ela. Seus verdugos se obcecaram com seus próprios demônios enquanto torturavam a esta garota inocente. Logo a vestiram de branco para indicar que a tinham desencardido e por último a levaram ao madeiro. Quando acenderam o fogo a seus pés, baixaram três anjos e tiraram Raquel de seu demolido corpo. Liberaram-na da dor que implicava o que a queimassem viva. No planeta Terra muitas mulheres passaram por isso. Dentro de suas memórias celulares ficaram escondidos estes temores. A Graciela a perseguiam momentos fugazes desta experiência.

Inanna sabia que todos os seus Eus teriam que contribuir à transformação da Graciela. Ela queria que Graciela encarnasse a sabedoria e conhecimento dos outros, homens e mulheres. Inanna chamou Atilar quem lhes estava dando aos Liquidianos uma conferência sobre os cristais.

"Eu, Atilar, sou um Guardião dos Cristais. Eu sirvo à Luz e me comunico com os Guardiães da Evolução". Atilar sabia agora que esses guardiães eram Inanna e Melinar. Ele continuou seu bate-papo aos Liquidianos. "No tempo de minha existência, o conceito fundamental de adoração era a luz, não uma pessoa, um deus ou um objeto. A luz se

encontra em cada parte da existência. A luz interior, assim como a luz que se reflete ao exterior, percebia -se como o coração da vida e se venerava como tal.

"Os cristais simbolizam muitas coisas. Relacionam-se com a l uz em várias ondas sutis. São sistemas de reação à luz, ao calor e à energia. Igual aos computadores pequenos, os cristais se podem usar para armazenar informação e também se podem programar a estrutura atômica harmoniosa lhes permite transmitir e sugerir um nível mais sutil, mais psíquico. A propensão natural para uma diferentes estados de consciência, tais como a criatividade e a cura, através da harmonia, a polaridade e a energia.

"Os cristais também podem representar experiências de cor armazenada e portanto têm o poder de recordar a memória visual de várias experiências. É só a variável de qualidade e forma destas experiências o que possibilita os infinitos de diferenças. Tudo é verdade. Cada expressão leva dentro a luz".

Inanna interrompeu: "Atilar, os Guardiães da Evolução lhe convocam ao ponto focal central".

Atilar se desculpou com seus novos amigos. Estava muito ansioso de aprender sobre eles e de como eles poderiam converter-se em líquido. Despediu -se deles e no pensamento se projetou para o lugar de onde vinha a voz da Inanna.

"Me alegro de estar em sua presença outra vez, formosa dama. Onde está o que chamam Melinar? Suas formas geométricas recordam a meus cristais". Atilar encontrou Melinar que estava começando a mudar rapidamente, como era seu costume quando estava emocionado. Melinar fundiu sua consciência com a do Atila r. Graciela ainda dormia, mas em seu estado de sono estava sentada em

atitude absorta enquanto todos os Eus da Inanna se juntavam em um só estado de consciência.

Melinar começou a falar enquanto seus brilhantes zumbiam: "O Primeiro Criador é a Fonte de toda Vida. O fogo do Criador é o líquido que corre por todos os seres e lhes dá energia. Enquanto que nenhuma experiência carece de valor, o recordar e experimentar a reunião com o Primeiro Criador deve vir finalmente de dentro. As experiências no contínuo tempo/espaço e no plano material o atam a uma cadeia de causa e efeito dessas experiências. O Primeiro Criador é o que está dentro, e não depende de nenhuma forma ou estrutura externa, as quais também são Primeiro Criador. O ser que sabe esta verdade é posto em liberdade, porque de quem ou inclusive do que pode ser dono quando sabe que a fonte de tudo está dentro de ti?

planos materiais. O átomo se mantém unido mediante as leis da "As leis que governam os laços de energia são corretas e úteis nos polaridade: a carga elétrica positiva do próton, a carga neutra do nêutron e a carga negativa do elétron. No campo da biologia, as polaridades como a vida e a morte, o princípio e o fim, traduzem

se em limitação, contração e finalmente a ilusão da morte. Em términos de psicologia, as leis da materialização dão origem ao ego. O ego é uma entidade fictícia que possui as sensações de temor, vulnerabilidade e uma necessidade de proteger-se e defender-se a si mesmo. No momento em que o ego da personalidade se identifica com qualquer estrutura de

pensamento, busca conservar essa identidade assim como a rocha procura ficar como uma rocha.

"Com o fim de manter sua identidade com a estrutura de pensamento escolhida, o ego imediatamente começa a

definir sua identificação com a de outros egos. Por isso começa a produzir sistemas de julgamento intermináveis para poder apoiar essas identidades fictícias. À medida que a personalidade continua com suas definições, esquece-se de sua verdadeira natureza e começa a viver no temor de perder essa identidade fictícia que realmente nunca teve. Desta maneira, o Primeiro Criador joga escondido consigo mesmo.

Melinar pôde falar desta maneira pelo que se podia perceber como uma quantidade de tempo interminável em términos terrícolas. Mas para ele, este tipo de expressão era gozo puro e seus brilhantes nunca pareciam cansar-se.

Quando despertou de seus sonhos, Graciela recordou um poema que tinha lido fazia muitos anos e que não tinha esquecido. Normalmente ela não recordava os versos, mas este poema sempre tinha permanecido perto de seu coração. Foi escrito por um professor Sufi, Mahmud Shabistari, no século XIV, d.C. O poema falava da beleza do rosto do amado, o qual permanece vívido sob a cortina de cada átomo.

Graciela sempre se imaginou que levantava a cortina de um átomo e que ali o veria, esse algo enganoso que tinha desejado toda sua vida. A beleza curadora de "o rosto do amado", faria-a sentir-se plena outra vez e poderia recordar. Graciela sentiu que essa época se estava aproximando. Sentia uma grande diferencia desde que tinha chegado à montanha, era como se todo seu corpo estivesse borbulhando e trocando, como se estivesse mudando.

Estar sozinha em Montanha Perdida estava ajudando a Graciela a encontrar seu caminho de volta a casa.

XII. - VOANDO NO TIBET

À luz do amanhecer, Graciela observou como saía o vapor de uma taça de delicioso café. Estava sentada na janela contemplando a luz da alvorada que já se estendia sobre as aprazíveis Montanhas Olímpicas cobertas de neve.

Tudo era tão antigo e formoso. Ela já estava aprendendo a permitir que o silêncio a enchesse. Só se escutavam os sons crepitantes do fogo e de vez em quando o latido dos cães aos

coiotes. Montanhas cobertas de neve, os céus estrelados da noite, bosques de cedro entupidos e flores silvestres que cobriam seu pequeno vale, eram experiências novas para a Graciela e ela desfrutava delas a cada momento. Pensava que um somente pode sentir a natureza quando está sozinho. Por que sempre precisava contar a alguém o que tinha visto?

Enquanto desfrutava de seu café, meditava sobre o que estava aprendendo. Tinha esperado tanto para que chegasse esta ocasião. Em sua vida houve muitos professores, alguns maravilhosos, outros nem tanto. Pensou no monge tibetano com o que tinha estudado anos atrás. Nesse então ela não compreendeu o que lhe ensinou. Uma vez ele transpassou seu braço por uma mesa, como se não houvesse nada sólido, para lhe mostrar a essência enganosa do mundo material. Ela realmente não compreendeu mas tinha desejado entender e, quando decidiu ir a outro lugar, deixou-lhe um desenho confuso para lhe agradecer sua sabedoria.

Mais tarde se uniu a um ashram. O professor tinha crescido na Índia e tinha vivido em um ashram bastante conhecido lá. Ela esteve feliz por um tempo, pois era algo maravilhoso estar rodeada de outros cujo único desejo era compreender o significado da vida e que não se burlavam de seu desejo de obter esse conhecimento. Durante suas meditações, de

vez em quando experimentava a sensação de ser uma com a vida e com a criação. Mas muito rapidamente se deu conta de que seu professor se estava apaixonando por seu próprio poder e já Graciela não podia explicar o comportamento excêntrico do professor.

Um dia, enquanto estava sentada em um salão enorme com centenas de outros discípulos, sua voz interior, esse saber interior silencioso no que tinha chegado a confiar durante os anos, disselhe que partisse e nunca retornasse. Isto foi uma sacudida para ela e sentiu pesar, mas se foi para casa.

Lá só caminhava daqui para lá em sua cozinha tratando de compreender por que sua voz interior lhe havia dito que partisse. Estava confusa e não queria deixar a seus amigos. A voz lhe disse em um tom alto e claro: "BOTAS!" Graciela ficou totalmente confundida. Botas? O que queria dizer isso? Então começou a recordar.

Quando tinha sete anos tinha ido a um acampamento de verão. O acampamento propôs uma adivinhação: "O que é botas sem primeiro dia houve uma iniciação. Todos se reuniram e o chefe do

sapatos?” Graciela ficou horrorizada, por temor de não saber a resposta e de que as outras meninas pensassem que ela era estúpida e não a aceitassem. Ela se escondeu na parte posterior do grupo. As meninas repetiam "expulsa sem sapatos!" como se fora um canto até que quase todas elas adivinharam a resposta. Por fim lhe veio a resposta, que era é óbvio "botas!" Graciela começou a rir; a adivinhação era tão singela. Sua voz lhe dizia que era seu temor não compreender o que dificultava as coisas e que

simplesmente confiasse em si mesmo; todos os ensinos sairiam de dentro dela. Já Graciela tinha aprendido tudo o

que necessitava do ashram e era hora de que procurasse algo novo. Já podia confiar em seu guia interior, sabendo que ela era parte da vida, parte do Primeiro Criador. As respostas tinham estado dentro dela desde o começo.

Na parte superior de Montanha Perdida, Graciela riu de novo de "expulsa sem sapatos". Seus guias às vezes eram engraçados e de vez em quando travessos, mas no profundo de seu coração, ela sabia que podia confiar neles. Contemplou as Montanhas Olímpicas; a luz do sol descia por elas com uma cor rosada e dourada. Pensou que sempre tinha sentido medo das alturas.

Choje Tenzin chegou ao monastério no Ti bet quando só tinha sete anos. Seus pais não podiam mantê-lo e era o último de nove filhos. Chorou quando o deixaram na entrada, mas não se podia fazer nada, e seu pai o golpeou quando tratou de correr atrás deles. O monge que veio a recolhê- lo o levou a um salão onde havia centenas de outros moços. Havia muito alvoroço no recinto, os moços conversavam, seus pratos tilintavam sobre os pisos de pedra. A Tenzin deram um tigela de chá quente com manteiga e o deixaram para que se valesse por si mesmo.

Durante os primeiros anos se sentiu terrivelmente solitário; ele era um menino delicado e sensível. Quando estava em casa, suas irmãs o tinham mimado com o pouco que tinham e lhe tinham mostrado muito afeto. Ele estava muito só e os outros moços se mofavam de sua debilidade física até que se deram conta de que Tenzin desenhava muito bem. Este monastério particular estavadedicado a produzir pinturas tântricas, e todo aquele que mostrava um talento especial era digno de muito respeito. Enviaram ao Tenzin o Professor de pintura para que o treinasse nas técnicas e rituais da arte tibetana .

Lin Pao, o Professor, era um homem de grande beleza física e refinamento. Se falava que vinha de uma família

muito rica e

aristocrática da China. Chegou ao Ti bet para dar uso a seus grandes talentos. Era respeitado como o melhor pintor dos tantras tibetanos.

A princípio Tenzin não recebeu ensinos de Lin Pao, mas depois de muitos anos como aprendiz, lhe permitiram estudar com o grande professor. Durante horas Tenzin observava as mãos delicadas e fortes de Lin Pao que habilmente executavam linha e cor. Tenzin adorava a seu professor. Em realidade ele estava profundamente apaixonado por seu professor. Era só natural que um moço tão solitário chegasse a albergar tais sentimentos por alguém tão grandioso como Lin Pao, mas ditos sentimentos eram proibidos e permaneceram em segredo.

O fato de que Tenzin fora considerado como um artista talentoso não o eximia das rigorosas disciplinas do monastério. Assim também recebia as lições de abster-se de comida e calor, as horas de permanecer totalmente imóvel em posições de meditação e as artes marciais.

Havia uma meta disciplinadora que preocupava a todos os estudantes. A um grupo seleto de noviços lhe ensinava a elevar sua energia até o ponto de que podiam desafiar a gravidade e aprender a voar. Eles passavam anos aperfeiçoando esta técnica situados a bordo dos penhascos na parte mais alta do monastério.

Lin Pao não somente era um grande artista, também tinha a habilidade de voar dos penhascos sem perecer. Tenzin estava decidido a aprender com o fim de agradar ao Lin Pao.

Dizia-se que o segredo da arte de voar estava em um enfoque ininterrupto. Muitos monges passavam anos preparando-se para seu primeiro intento e muitos caíam à

morte. Acreditava-se que todos retornavam à vida; inclusive se um monge falhava, podia reencarnar, retornar ao monastério e persistir em seu intento.

Era um dia frio e açoitado pelo vento. Tenzin e outras almas valentes estavam sentadas nos penhascos designados quando chegou Lin Pao. É obvio, Tenzin queria impressioná-lo. Invocou sua máxima concentração e de uma forma apressada decidiu tentar o vôo. Ficou de pé e enfocou toda sua vontade, mas quando deu seu primeiro passo ao precipício, a confusão que o tinha motivado também distraiu sua concentração. Sentiu que o amor reprimido que sentia pelo Lin Pao diluiu o poder de sua vontade e Tenzin caiu no precipício. Seu corpo se estatelou contra as rochas que havia abaixo.

Quando a consciência detinha sido seu corpo, olhou ansiosamente a seu ídolo Lin Pao. Tenzin flutuava por cima da concha que Envergonhado, nem sequer se atreveu a despedir-se.

A Graciela parecia que todas as suas vidas tinham terminado sem esperança, mas Inanna e Melinar lhe explicaram que cada vida era uma provisão de experiência e informação. Graciela e todos os outros eram a soma total de cada um; com partilhavam a sabedoria e o conhecimento que cada um tinha adquirido de uma forma tão dolorosa.

Inanna mostrou a Graciela como Tenzin tinha contribuído a seu ser. A sabedoria do Tibet era um dos últimos lugares fortes da verdade em seu tempo. Ela sempre se havia sentido impulsionada a procurar a verdade e sempre quis ir ao Tibet. Até estudou com um monge tibetano. A afinidade instintiva da Graciela com os ensinos tibetanos e a arte lhe tinham proporcionado muito discernimento e lhe tinham permitido liberar-se das limitações de sua própria formação

cultural. A habilidade do Tenzin para a pintura lhe tinha chegado a Graciela e tinha reconhecido milagrosamente ao Lin Pao como seu melhor professor na escola de artes onde tinha estudado em Nova Iorque. Bom, e se a deixaram com um resíduo de temor às alturas? Ela podia superá-lo.

Graciela pensava que para a Inanna e Melinar era muito fácil dizer que isto se podia superar. Para ela eles realmente não estavam em corpos físicos embora diziam que estavam. Graciela ainda não via muito bem aonde levaria tudo isto. Em meio de sua aprendizagem, de vez em quando sentia a necessidade de iludir-se vendo televisão ou saindo às compras. Mas, aonde poderia uma garota ir às compras em Montanha Perdida?

Graciela foi a sua biblioteca. Por Deus, que quantidade de livros. A última vez que se mudou, inclusive os empregados da mudança se desalentaram ao ver o volume de sua coleção. Sua biblioteca estava repleta de toda classe de raridades, desde Tolstoi até o Lao Tzu, desde economia até os OVNIS; toda classe de temas havia em sua biblioteca.

Sua atenção caiu sobre u m livro que gostava fazia muitos anos. O livro tinha sido escrito em 1949 quando Graciela tinha só quatro anos. Em 1969 tratou de lê-lo. Nesses dias seu cabelo ía até a cintura, e sua roupa se formava de duas camisetas e uma saia de algodão feita na Índia. Era muito emocionante estar em Nova Iorque com tantos outros jovens que acreditavam poder mudar o mundo. Graciela tinha lutado por compreender este livro, mas

nesse tempo não tinha tido a suficiente experiência da vida para

compreender seu significado. Agora enquanto o tinha em suas

mãos lhe parecia muito claro o que o autor estava dizendo.

O universo é um sonho holográfico projetado como um

pensamento dentro da mente de Deus, e só nossas percepções

individuais das freqüências rítmicas relativas e variantes faziam ao

mundo parecer real. O autor continuou falando sobre como é

possível ir mais à frente do tempo ordinário, ir ao passado ou ao

futuro, e inclusive passar até além da dimensão manifesta.

Graciela compreendeu que isto era exatamente o que ela estava

fazendo. Ela era seu outros Eus no tempo de seus dados e,

simultaneamente, Inanna era todos eles, incluindo a Graciela. O

tempo não existia, exceto como um pensamento que lhe permitia

à existência jogar a si mesmo no espaço. Graciela tinha tomado

consciência da realidade secreta do mundo aparente e tinha

escapado das leis que a sujeitavam à ilusão do tempo.

Graciela pensou que se o Primeiro Criador era todas as coisas,

então Marduk também devia ser parte da comédia divina, uma

parte do Primeiro Criador. Melinar estava extremamente feliz de

que Graciela pudesse abrigar este pensamento. Ele compreendeu

que assim como o papel da Inanna era lutar contra Marduk,

também era o destino deste ser exatamente como era, porque o

Primeiro Criador era todas suas partes variáveis, que se movem no

fluxo do tempo para examinar-se a si mesmo, para expressar-se e para experimentar, para jogar. À medida que Gr

aciela era mais

capaz de interatuar com seu outros Eus multidimensionais, podia

assimilar mais dados e mais sabedoria e maior era sua

oportunidade de ativar o DNA divino de seu corpo: os códigos

genéticos que se perderam faz tanto tempo.Melinar abraçou a Inanna como melhor pôde. Ainda havia mu

ito

por fazer, mas estavam progredindo.

XIII .- ALMOÇO COM MARDUK

Mard uk estava sentado em sua sala privada na suíte do edifício mais alto de Hong Kong. Estava a ponto de almoçar com o líderdas cadeias de comunicação do planeta Terra. Olhou a sua roupa, um Saville Row é obvio, e a seus sapatos italianos. A Terra era algo muito divertido, pensou. Seus

planos estavam saindo melhor do que pensava. Na semana seguinte teria sua reunião habitual com os banqueiros do mundo e a outra com os líderes políticos.

A sala estava forradaantigos; as paredes estavam adornadas com painéis com esculturas excepcionais e espelhos de mogno polida. O teto brilhava com aranhas de luzes de cristal que iluminavam as pinturas do afresco que Marduk tinha extraído das tumbas egípcias. A mesa já estava perfeitamente posta, talheres de ouro sólido e baixela de Paris. Não era que Marduk precisasse impressionar a ninguém; simplesmente gostava das coisas belas. Durante os séculos Marduk se dedicou a converter-se em um conhecedor de tudo o que a Terra tinha para oferecer. Atrás dele e de joelhos, esperavam seis concubinas muito belas, prontas para lhe servir em qualquer momento. Se por acaso deixava cair uma migalha durante o almoço, uma das garotas a tirava imediatamente da toalha branca com uma paleta de prata. Nas portas havia quatro guarda-costas, com outros dois do outro lado da porta. Todos tinham treinamento de ninjas, mas só por diversão. Marduk adorava fingir que era uma estrela de cinema. Desfrutava dos filmes violentos com muito sa ngue e cenas de artes marciais. Depois de tudo, era seu mundo e podia jogar de qualquer modo que quisesse.

Muito em breve já não se discutiria quem tinha o direito a controlar a Terra. Marduk assumiu ela, o poder pode com tudo e o planeta lhe pertencia por direito. Sempre tinha sido capaz de dominar a seu pai Enki. Não podia evitar que seu pai fosse débil e adorava dobrar sua vontade ou a de qualquer pessoa. Parecia que o mundo estava cheio de passivos que esperavam que ele os dominasse. Também estavam as marionetes que não representavam um grande desafio. Por último estava a maioria que requeria um pouco de lavagem de cérebro por meio da propaganda.

Uns poucos tinham sido torturados mas quase todo mundo cedia. Neste almoço se discutiria o assunto da programação e lavagem de cérebro. Marduk queria mostrar a seuhóspede, o presidente das cadeias de comunicação, quem era o chefe. Lhe encantava amedrontar a seus empregados; era como seu entretenimento e ultimamente tinha estado muito aborrecido. O ano 2011 se esque essa Federação Intergaláctica se afastasse de seu caminho tava aproximando muito lentamente e ele queria para sempre.

Ele sabia sobre as intençõespara despertar à espécie humana. Sabia que eles e outros de seu pai Enki e dessa bruxa Inanna membros de sua família pleyadense queriam provar à Federação que os humanos podiam, através de seu próprio livre-arbítrio,

ativar os gens adormecidos e tomar seu lugar como iguais na galáxia não

mais como escravos.

Marduk tinha seguido cuidadosamente o rastro de todos os dados dos Eus multidimensionais projetados. Não tinha sido grande problema frustrar seus tristes intentos de acreditar em si mesmos. Se suas próprias paixões não os destruíam, ele facilmente podia encarregar-se de que um de seus agentes os eliminassem. A História como ele a tinha moldado permitia muitas ondas convenientes de histeria, todas desenhadas à perfeição para extirpar qualquer pensamento original. Enquanto os humanos acreditassem que eram impotentes, podiam ser treinados para adorar a Marduk em todos os seus disfarces. Como os humanos

sempre procuravam ajuda e consolo fora deles, permaneciam débeis e vulneráveis às engenhosas manipulações de Marduk.

Sua nova idéia de uma cadeia de comunicações era o melhor que tinha inventado até agora. Em silêncio se felicitou a si mesmo. Uma extensa rede de sinais eletromagnéticos ricocheteava contra os satélites que lhe davam a volta à Terra e mantinha as freqüências de todo o planeta em um espectro muito limitado. Era quase impossível que qualquer cérebro humano pensasse além da freqüência de sobrevivência. Como era fácil programar imagens de riqueza e poder mais à frente do alcance dos humanos e desta forma deixá-los em meio de um estado de frustração e temor. Era muito fácil, Marduk estava mais que aborrecido.

Parou em frente a um dos espelhos antigos qu e forravam as paredes da sala. "Deus, que bonito sou!", pensou. Durante os séculos tinha aperfeiçoado sua beleza com um sem número de procedimentos cirúrgicos, mas intencionalmente tinha conservado esse rasgo de crueldade pelo qual era famoso. Proporcionava-lhe muito prazer observar as expressões de terror nos rostos de suas vítimas à medida que com timidez se aproximavam dele.

O presidente da cadeia foi anunciado e entrou no quarto da suíte. Monsieur Atherton Spleek se inclinou servilmente ante Marduk. "Mestre, posso me sentar?", perguntou.

Atherton tinha pavor a estas reuniões. Marduk era algo horrível de olhar, e algo estranho sempre ocorria, deixando Atherton fraco do estômago durante semanas depois da reun ião. Tudo era muito estranho: Marduk se arrumava para ver-se juvenil e bonito a primeira vista, mas quando alguém realmente o olhava, não podia deixar de perguntar-se se Marduk não era o demônio. Rapidamente Atherton tirou esses pensamentos de sua cabeça; depois de tudo, ele não acreditava nessas coisas. Somente

acreditava no poder e no dinheiro, com o qual o proporcionava Marduk.

Atherton tinha nascido nos tugúrios da Yakarta e desde menino tinha sido ambicioso. Esperava às portas dos altos edifícios da cidade e rogava aos homens de trajes escuros que lhe permitissem lhes servir. Nesses dias o único negócio que havia na Yakarta era o do petróleo, e os homens de negócios ocidentais solitários queriam todos a mesma coisa: mulheres. Então o pequeno Atherton se converteu em um intermediário entre os homens do petróleo e as alcoviteiras da cidade. Era um começo. Uma das garotas lhe tinha posto o nome de Atherton e ele inventou o sobrenome Spleek. Em um programa de televisão tinha escutado o nome Spock mas o confu ndiu e ficou Spleek.

Atherton agradava a Marduk porque era totalmente controlável. Apesar da posição que ele tinha obtido no mundo, por dentro era vazio e seco e não conhecia outra coisa que a obediência a seu mestre, Marduk. Atherton observou às garotas que engatinhavam de joelhos. Que bom toque, pensou. Tenho que arrumar isto para meus escritórios em Paris.

"Me diga sua notícias, Atherton", ordenou Marduk. Atherton tomou um gole de vodca russo, sua mão tremia um pouco. "Mestre, tudo está saindo à perfeição. As cadeias por cabo estão prontas para unir-se com as companhias de telefone celular e as cadeias de fibra ótica estão quase preparadas".

Marduk estava construindo um novo halo eletromagnético por debaixo da Terra para assegurar seu controle em caso de que alguma nave estúpida da Federação decidisse derrubar seus satélites. A famosa lei de não interferência deveria estar em ação, mas ainda se discutia em todas as

escolas de direito da galáxia como se interpretava essa lei. Marduk tinha violado esta lei muitas vezes e não confiava em seu pai Enki nem em nenhum dos da estavam procurando sua queda. Em algum lugar, sua família Federação. Ele sabia muito bem que seu avô Anu e seu tio Enlil inteira conspirava contra ele.

Quando Marduk se apoderou da Terra, também se apoderou do planeta Nibiru. Este pertencia a Anu e a Terra tinha sido entregue a seus filhos Enki e Enlil. Marduk surpreendeu a todo mundo exércitos de clones, todos desenhados para parecequando conquistou todo o sistema pleyadense com seus extensos r-se com ele. Passou séculos criando estes batalhões de guerreiros clones em um planeta secreto. Ninguém se deu conta,tarde para detê até que foi muito

-lo. Agora não ficava ninguém que lhe enfrentasse,

com exceção da Federação. Quanto ao intento de lhes devolver aos humanos seu nível genético, Marduk pensava que nenhum dos humanos escravizados teria a petulância de enfrentá - lo. Esse plano era muito ridículo e nem sequer merecia sua atenção.

Ainda odiava a essa bruxa Inanna e recordou o dia de seu julgamento faz muito tempo. Toda a família de Anu se reuniu para julgá-lo. Foi acusado de transpassar os limites e de assassinar a seu próprio irmão Dumuzi, que por acaso estava casado com essa fêmea ambiciosa Inanna. Marduk sabia que Inanna queria controlar o Egito e estava manipulando a seu adoentado marido com esse fim. A Marduk não importou em absoluto ter feito degolar a seu irmão. Mas sim lhe incomodava que Inanna tivesse sugerido que o enterrassem vivo na pirâmide e que toda a família tivesse estado de acordo.

Inclusive agora recordava o som das enormes pedras quando caíam em seu lugar e selavam sua tumba. A pirâmide era um preservador excelente, tivesse necessitado uma eternidade para morrer de fome ou de desidratação. A fúria e raiva desta experiência tinha mudado o ser de Marduk. Depois desse dia não era o mesmo. O rogo fervoroso de sua esposa e de sua mãe convenceram a seu pai Enki de que falasse com a Inanna para que ela o soltasse. Ela o fez e lhe ordenou que se desculpasse. Para piorar as coisas, Inanna lhe ordenou que fizesse oferendas em seus templos. Mais tarde, Marduk se deleitou destruindo esses templos e assassinando às sacerdotisas que havia dentro deles. Marduk tinha ganho. Uma e outra vez tinha derrotado a Inanna. Tinha desfrutado da degradação e submissão de todas as fêmeas no planeta. Com a chegada dos meios maciços de comunicação eletrônica, tudo era ainda mais fácil. Marduk jubilosamente pensou em todas as mulheres da Terra sentadas em sofás, grudadas em seus televisores, querendo desesperadamente ser tão lindas ou ricas como os andróides que diariamente desfilavam ante elas. O desejar o que nunca lhes poderia proporcionar felicidade rompia seus espíritos e lhes drenava toda sua força de vida. Marduk se sentia muito satisfeito, todas essas telenovelas patéticas, todas essas almas sdesesperadas lhe encantava.

"Me diga, Atherton já estão preparados os planos com mais canais de televisão para vender produtos?"

"Sim, Mestre . Para o ano 2006 a metade da programação será totalmente dedicada ao consumo de bens materiais. A gente trabalhará mais e mais por menos dinheiro e quererão mais e mais por coisas que não poderão comprar".

"Que maravilha!", exclamou Marduk. de vez em quando não podia evitar emocionar-se com seu próprio gênio. "E como vai a alteraç"É como você o ordenou, mestreão da percepção do tempo?"

. Os humanos têm menos e menos tempo para tudo. Não têm tempo para suas famílias e seus filhos são cada vez mais vulneráveis a nossas técnicas de lavagem de cérebro. Os meninos já desejam tudo o que vêem em televisão sem ter que trabalhar por isso. E o melhor de tudo é que ninguém tem tempo para pensar ou fazer perguntas".

Marduk assentiu serenamente e ordenou ao Atherton que ficasse de pé e se afastasse da mesa. Atherton tremeu e sentiu náuseas. Um dos guarda-costas se moveu para ele e lhe apontou uma arma de plasma diretamente à parte baixa de seu corpo.

Um raio de energia instantaneamente evaporou as pernas do Atherton, que caiu ao piso em agonia. Marduk riu histéricamente. "Bem, Atherton, não queropróprio poder. É meu escravo por completo. Nunca o esqueça. que comece a ter idéias quanto a seu Posso fazer que lhe matem e que façam um clone de ti em um minuto".

As portas da sala se abriram e uma equipe de cirurgiões entrou para levar Atherton e reparar suas pernas desvanecidas.

Marduk estava seguro de que este doente tinha entendido a mensagem.

Atherton se lamentou quando o colocaram na cadeira de rodas. Marduk ordenou que lhe servissem o almoço. Que lástima que Atherton não podia ficar para desfrutar desta deliciosa comida. Fazendo uma careta de satisfação, Marduk levou a boca um faisão tenro dourado inteiro coberto de chocolate, com ossos e tudo.

XIV. - O HOMEM IDEAL

Inanna despertou de um sonho horrível; seus dragões guardiães a olhavam de uma forma protetora. Sonhou que estava coberta de chocolate e que o desagradável Marduk estava pensando em lhe dar uma dentada. Ela se estremeceu, levantou-se de sua cama e chamou Melinar à sua consciência. Este flutuou pelo quarto emitindo freqüências tranqüilizadoras até que Inanna e seus dragões estivessem outra vez calmos. Era bom ter um amigo para os tempos difíceis. Inanna se serve de um brandy arturiano. Era um pouco cedo mas o brandy desceu por sua garganta e esquentou todo seu formoso corpo azul.

Hoje era Federação Intergaláctica. Ela estava muito emocionada, não só o dia em que Inanna e Enki deviam assistir à reunião da pela importância de sua missão, mas também porque em segredo tinha a esperança de encontrar-se com o misterioso estranho que tinha visto na última reunião. Olhou toda a roupa que tinha em seu armário e não sabia o que vestir para impressionar àquele homem.

Ela não sabia absolutamente nada sobre o estranho; só sabia que nunca tinha visto outro igual. Ele possuía um ar de força e de dignidade silenciosa que ajudava a aumentar sua beleza física. Na família de Inanna não havia ninguém que se parecesse com ele, nem sequer Anu ou Enlil. Era alto, seu cabelo comprido, liso e prateado e seus olhos eram tão escuros como o céu noturno; eram uns olhos que brilhavam com humor. A Inanna parecia que havia diamantes dentro desses olhos escuros e ela desejava saber mais sobre este homem.

Viu -se a si mesmo olhando suas mãos; eram totalmente delicadas,

tinha dedos largos e suaves mas, não obstante, não mostravam nenhum traço de debilidade. Inanna pensou que este era um homem que estava por cima das ascensões e descidas da vida. Era profundamente apaixonado, mas suas paixões não lhe curvavam. Seu aspecto disse a ela que ele via o humor da vida e de suas mudanças infinitas, que a vida por si mesmo o deleitava e que sentia compaixão por todos os seres sem importar em que estado de evolução se encontrassem. Inanna compreendeu que este homem sabia que era parte de toda a vida e, por causa desse conhecimento, amava a vida em todas suas partes infinitas.

Ela se perguntou se verdadeiramente tinha mudado o suficiente para que ele se fixasse nela. Pensou que na útlima reun ião nem sequer a tinha olhado, ou sim? Não sabia que roupa vestir e depois de atirar mais de uma peça sobre o piso se decidiu por algo modesto e de bom gosto, um pouco estranho nela.

Sentiu que Enki se aproximava montado em seu dragão e rapidamente sentiu a presença dos outros dois, Anu e Enlil. Enlil sempre a punha nervosa. Ela imaginava que ele a julgava severamente e que não estava de todo satisfeito com sua neta.

Mas para ela sempre era um prazer ver Anu, pois seu nome significava "amada de Anu", e sempre tinha sido certo que Anu adorava a sua bisneta.

"Minha pequena, me alegro tanto de ver-te outra vez!" Anu abraçou a Inanna e seus olhos se encheram de lágrimas. "Estou

muito orgulhoso de seus esforços diligentes para ajudar aos terrícolas.

Todos mudamos um dia, não é certo, minha pequena?"

"Anu, como está? Me conte sua notícias". Inanna se inclinou graciosamente ante Enlil e perguntou por sua mãe, Ningal, e por seu pai, Nannar, o filho de Enlil.

Enlil e Anu tinham estado reunindo suas forças no exílio em uma galáxia próxima e tinham estado olhando com muito interesse os experimentos de projeção dos Eus multidimensionais no contínuo espaço/tempo da Terra. Inanna e Enki não eram os únicos membros da família que estavam envolvidos nesta atividade. A família tinha chegado a aceitar a verdade: esta era sua única esperança de criar outra realidade na qual a espécie humana pudesse liberar-se da tirania de Marduk.

Recentemente Anu e Enlil se uniram aos Etéreos em suas naves

que davam a volta à Terra, pacientemente esperando que acontecesse a transformação do DNA nos seres humanos e protegendo o planeta dos invasores de Marduk e de outros extraterrestres piratas. Os Etéreos se comprometeram a proteger a Terra com o fim de dar aos humanos a oportunidade de ativar seus gens latentes e de provar ao Conselho Intergaláctico que eles tinham superado a etapa adolescente pela qual passam todas as raças, que estavam preparados para ser responsáveis por si mesmos e de ocupar seu lugar como iguais no universo.

Era uma empresa difícil, pensou Inanna, especialmente quando Marduk obstaculizava todo intento que a família fazia em benefício da humanidade. Certamente Marduk fazia tudo o que tinha podido para frustrar os planos de Inanna. Muitos de seus Eus encarnados tinham caído em suas armadilhas e tinham perdido seu caminho. Poderia ser que Graciela fosse a última esperança de Inanna? Não queria pensar nisso; era muito pavoroso.

Inanna, Anu, Enki e Enlil caminharam para o portal do tempo e se transportaram para o salão da Federação. Melinar os seguiu como parte da consciência de Inanna. Era tal como Inanna recordava: um céu cetim enorme e abobadado que permitia ver todas as galáxias. A vista era imponente. Os céus são ainda mais lindos que minhas jóias, disse ela; seria muito divertido jogar com as estrelas. O salão estava cheio da extensa variedade de seres de toda classe de raças. E ntraram os Etéreos e saudaram Anu e a sua família. A reunião estava a ponto de começar.

Pelo canto do olho, Inanna o viu entrar sozinho e silenciosamente no salão. Era tal como Inanna o recordava; sua beleza procedia de

uma fonte soberana no profundo dele e magnetizava todo o ser de Inanna. Ele era tudo aquilo no que ela queria converter-se, garboso e amável e, não obstante, forte e sapiente. Inanna se sentou reta e tratou de não ser muito visível. Se só se sentasse em um lugar onde ela o pudesse ver com facilidade. Para seu deleite, ele caminhou para a área elevada dos Etéreos e se sentou a um lado. Inanna conteve a respiração, seu coração estava batendo muito rapidamente, mas ele era tão maravilhoso.

Um Etéreo muito alto e elegante ficou de pé e começou a dirigirse ao salão por meio de sons que compreenderam as mentes de todos os pressente sem importar qual fora sua linguagem ou dialeto nativo. O Conselho enfatizou o fato de que ainda estava fazendo valer sua lei de não interferência, enquanto que de perto seguia as atividades da família de Anu, em particular as de Marduk. Da última reun ião as coisas não tinham mudado muito. O fim do ano 2011 era ainda a data marcada para resolver o assunto do domínio do planeta Terra. Se um número suficiente de humanos podia ser convencido de sua habilidade genética latente para assumir o controle de sua realidade e abandonar sua dependência dos tiranos, formaria -se uma Terra mudada em forma natural, a qual permitiria expressão desta nova consciência. Aqueles humanos que desejassem permanecer sob o reino de Marduk e seus tiranos, seriam deixados a sua sorte, possivelmente para aprender a independência em outra época em um futuro possível.

O Conselho perguntou se algum dos presentes desejava falar em favor dos terrícolas, ou se tinham alguma evidência nova para apresentar ante a corte. A mente de Inanna se agitou. Que próprio filho, que Atilar tinha violado a uma jovem sacerdotisa, poderia dizer? Que Olnwynn tinha sido assassinado por seu que Chandhroma

tinha sido envenenada no harém? Tudo isso não era algo tão denso e complicado por causa de suas inumeráveis soava muito prometedor. A Terra era algo tão difícil de explicar; polaridades. Sentiu que lhe secava a boca, mas de todas as maneiras ficou de pé para falar.

Não tinha idéia do que a tinha feito se levantar ou do que ia dizer, mas uma força a pôs de pé e lhe colocou as palavras em sua temporalmente de sua consciência e, para bem ou parboca. Era Olnwynn. De algum modo ele tomou contao mal, estava a ponto de falar através dela acima de todo o Conselho. "Desejo falar pela Terra e sua gente. Pode ser difícil para vocês compreender que seja muito

em o que é a vida na Terra. Nunca

se sentaram em um bosque verde a escutar o vento. Nunca viram esse sol dourado silencioso que se eleva por cima de nossas majestosas montanhas; não escutaram as asas de um colibri que golpeiam enquanto bebe o néctar de uma rosa. Sei que os humanos não estão conscientes de muitas coisas, mas são dignos de sua atenção e merecem ser salvos. Alguma vez tiveram um bebê desamparado em seus braços, possivelmente seu próprio filho, com um desejo de protegê-lo?"

Melinar tirou Olnwynn e continuou falando através de Inanna. "A espécie humana é uma mescla de todas as raças que vieram à Terra e se cruzaram com as formas de vida que existiram lá. Eles são vocês; levam as sementes de muitas das linhas genéticas que existem através de todo o universo. Se lhes brinda uma oportunidade, se lhes dá ajuda, podem ser maravilhosos na verdade. Quero lhes pedir a que os etéreos continuem aumentando a banda de freqüência da Onda".

A Onda era um término que descrevia uma banda de freqüência que os Etéreos estavam emitindo para o planeta

Terra. Ela levava energias de verdade e iluminação; levava o poder de despertar os gens adormecidos. Se tão somente os humanos adormecidos pudessem despertar de seu sonho da limitação e se abrissem a esta Onda, seu DNA mudaria automaticamente e os faria livres. A eletrônicas que emanavam as freqüêúnica coisa que tinham que fazer era apagar as máquinas ncias de Marduk e escutar os sons da natureza, do bosque, dos rios que cantam e os ventos que sussurram.

Inanna lhe contou a história da Graciela ao Conselho. Disse-lhes que Graciela tomaria certas decisões muito em breve. Inanna exagerando, mas era sua única oportunidade. Possivelmente a sabia que era uma probabil idade muito remota e que estava história da Graciela animaria aos Etéreos a aumentar a freqüência da Onda.

Inanna concluiu dizendo que realmente amava a Terra e às pessoas que a habitava e que ela e sua família estavam fazendo todo o possível para desbaratar os planos dos tiranos. Rogou ao Conselho que continuasse lhes ajudando. Logo Anu agradeceu aos Etéreos pelo amparo à Terra e pelo asilo que lhe estavam dando a Anu e a seu filho Enlil.

Todos os do Conselho compreenderam que na situação da Terra estavam envoltos não somente seus habitantes. Também se entendeu que se a espécie humana podia liberar a si mesmo, os efeitos da tirania que agora rondavam por todo o sistema solar

pleyadense, diminuiriam . Anu e Enlil retornariam no tempo para liberar os líderes dos numerosos mundos pleyadenses e ajudariam na liberação de suas terras.

Era hora de uma mudança no equilíbrio do universo. As forças da luz estavam prontas para vencer as forças da

escuridão, por um tempo. Era o fim do Kali Trampa, o fim de um período de jogo na mente do Primeiro Criador.

De retorno à casa, Inanna pensou em seu homem e se perguntava se a tinha visto. Tinha escutado ele quando ela falou? Oh, como poderia conhecer um como ele? Melinar riu bobamente enquanto fazia fulgurar seus brilhantes na mente da Inanna, mas não disse nada. Ele estava guardando o futuro da Inanna em um lugar secreto, porque agora era melhor que retornassem para a Graciela.

XV. - UM HELICÓPTERO NEGRO

De sua cabana Graciela observava o céu estrelado. O fogo ardia com vigor e seus cães sonhavam comodamente sacudindo suas patas. Graciela ficou sem fôlego ante a beleza de uma estrela fugaz que caiu com o passar do céu noturno. Tratou de recordar o que isso significava. Acaso era boa sorte? Nesse momento só pôde pensar em objetos voadores não identificados. Em 1975 ela tinha visto um ovni sobre o Monte Shasta na Califórnia. Não era estranho ver ovnis neste lugar; a gente os via todo o tempo, mas Graciela tinha visto a nave a plena luz do dia e não tinha esquecido essa experiência.

Ela tinha saído a caminhar com alguns amigos e logo decidiu seguir sozinha. Olhou o formoso céu azul claro e viu um disco grande como de estanho que flutuava por cima dela. Em vez de emocionar-se, ela sentiu pânico e a adrenalina se acelerou por todo seu corpo. Nesse mesmo instante, a nave subiu em forma vertical e desapareceu. Graciela correu para seus amigos e com a voz entrecortada lhes perguntou: "Viram - no, viram-no?" Mas nenhum tinha visto nada; somente ela tinha visto o ovni esse dia. Nunca pôde esquecer nem resolver este mistério, o qual a tinha obcecado depois.É obvio ela tinha lido todos os livros que tinha encontrado sobre os ovnis e as experiências que outras pessoas tinham tido com eles, mas isto não pareceu

ajudar. Muitas pessoas trataram de convencer de que só tinha sido sua imaginação posto que a sua

era muito viva, mas ela sabia o que tinha visto esse dia e ninguém pôde persuadi

- la do contrário.

Até mais estranhas eram as imagens que Graciela tinha pintado antes do avistamento, e quando tinha escassos 16 anos. As pinturas eram de grupos de seres que se viam exatamente como os extraterrestres cinzas que mais tarde eram desenhados pela gente que dizia havê-los visto ou que tinham sido raptados por eles. Graciela se desgostou quando viu os extraterrestres cinzas de suas pinturas em um filme muito de moda e na coberta de um best seller. Ela não recordava se a tinham raptado, como a muitos outros, embora tratou de recordar. Tampouco lhe inspiravam temor estes pequenos amigos cinzas. De uma forma misteriosa, todas as pinturas que ela tinha feito neste período foram furtadas. Essas pinturas constituíam sua série mais popular.

Deu -se conta de que seus olhos estavam já cansados de observar

as estrelas e os fechou. Em sua mente, viu-se voando pelo espaço, as galáxias lhe apareciam zumbindo, ou era ao contrário? Ela sentiu que se aproximava mais e mais de um planeta em particular. Suas cores eram muito estranhas, algo assim como animação surrealista por computador, mas não eram cores da Terra. O planeta estava deserto, vazio de vida ou seres viventes. Rapidamente se cansou dessas paisagens solitárias tão elegantes. Retornou ao espaço e sentiu que descansava dentro do que parecia ser sua nave privada. Havia uma cadeira reclinável que estava à frente de um painel de controle, mas tudo era escuro e escassamente iluminado na parte interior. A nave parecia

funcionar u nicamente com os pensamentos da Graciela e, o ser no que ela se converteu, quem pilotava este veículo, sabia exatamente como lhe dar ordens com sua mente.

A nave como objeto material desapareceu misteriosamente dos arredores da Graciela e sua consciência começou a mover-se com facilidade através do espaço para explorar outro planeta. Este planeta tinha cores similares, mas havia grandes atoleiros de líquido e seres que tomavam forma a partir desses atoleiros. Os podia permanecer lá muito tempo e aprender deles.seres de líquido eram muito amáveis e amistosos. Ela sentiu que Graciela escutou uma voz em sua cabeça: "São os Liquidianos!" A aventura da Graciela tinha atraído a Atilar, já que este planeta era um de seus favoritos. Sorria a Graciela, saudava seus amigos e um por um os apresentava. Isto era muito para a Graciela. Sentou-se desconcertada e assustou a seus cães. Tratou de recuperar o controle de si mesma e decidiu que era hora de ir

para a cama e dormir um pouco. De vez em quando as coisas apareciam muito pesadas e ela não podia as dirigir.

Foi para sua pequena cama e se acomodou debaixo das mantas quentes. Olnwynn a pareceu para protegê-la. Chamou a atenção de Atilar e o acusou de sobrecarregar a pobre moça. O grande guerreiro celta se sentou ao pé da cama da Graciela entre os dois cães para montar guarda esta noite.

Marduk flutuava sobre as águas cor turquesa de sua piscina no Sri Lanka. Gostava especialmente desta ilha no oceano Índico porque quando puseram o nome de Ceilão, tinha sido o lar do demônio Raksasa Ravanna, quem lhes tinha causado grandes dificuldades ao deus Ramo e a Sita em uma época anterior. Enquanto sorria desuas lembranças, Marduk observou um pássaro chamativo e

estranho que voava pelo céu. Também amava ao Sri Lanka porque era um lugar de conflito como o Oriente Médio, o Norte da Irlanda e mais recentemente o Egito. Todas estas áreas de conflito constituíam delicioso prazer para Marduk e seus exércitos, os quais se alimentavam do temor e o desespero.

Um servente andróide entrou no jardim de Marduk: "Senhor, algo está aparecendo na unidade exploradora e eu acredito que você deva vê-lo. Há evidência de uma consciência interdimensional entre os terrícolas".

"Como?" Marduk se levantou bruscamente de seu salva-vidas inflável e tombou seu copo de Martini de cristal francês. "M e siga ao quarto de exploração", ordenou.

Marduk conduziu o andróide em volta do quarto de exploração, ninguém se atrevia a guiar Marduk a nenhum lugar. A unidade dos tantos que tinha construído. Ele tinha convertido a arquitetura exploradora estava no centro subterrâneo de comunicações, um subterrânea em toda uma arte. Suas novas máquinas para construir túneis faziam que os velhos túneis do Povo da Serpente se vissem toscos e patéticos. Os túneis de Marduk eram sem par e estavam forrados com um material que parecia mármore italiano eletromagnéticas.fino mas que emitia um amplo espectro de luz e freqüências O quarto de exploração estava mobiliado com um escritório Luis XIV, ornamentado com ouro real e uma cadeira de trono que fazia jogo. Cadeiras de mão antigas chinesas adornavam a parede do quarto e um toalha de mesa persa cobria o piso de lápis lázuli. A unidade exploradora emitia um sinal que mostrava o lugar da

consciência interdimensional. Mostrou o lugar: Montanha Perdida, a Noroeste do Pacífico.

Marduk estava furioso. Esta nova consciência que começava, mas Marduk sabia que tinha que extingui-la imediatamente antes de que crescesse e se espalhasse para os outros como um câncer. Se os seres humanos se davam conta de que havia outras dimensões e outras formas de vida, seus cérebros poderiam abrir-se além de sua lastimosa capacidade normal de 10% e já não poderiam ser controlados. E Marduk vivia para e do controle.

Ordenou que se enviasse um helicóptero à Montanha Perdida com a dupla função de fotografar a área e de assustar ao ser humano que vivia lá. Possivelmente ele poderia espantá- la da montanha e fazê-la retornar às cidades onde as freqüências eletromagnéticas eram mais fortes, mais hostis e a fariam voltar para o modo de sobrevivência, o que esmagaria este novo estado de consciência que florescia.

Graciela despertou. Seus cães ladravam furiosamente. Através da janela de seu quarto se filtrava um jogo de luz que caía sobre as mantas da cama da Graciela. A luz vinha de um helicóptero que flutuava ruidosamente no ar por fora da janela. Ela saltou da cama e correu para baixo. Que diabos se passava?

Aí estava, um enorme helicóptero negro que não era como os ameaçador, algo como tirado de uma novela de ficção científica. helicópteros que ela tinha visto antes. Era liso, detestável, Sua escuridão se via mais sinistra por causa do desenho aerodinâmico de sua estrutura.

A máquina negra continuava derramando seu raio de luz para a cabana da Graciela. Por um momento pensou em uma arma para defender-se mas logo se deu conta de que isso não lhe serviria para nada. Um helicóptero como esse certamente teria a bordo arma sofisticadas, pelo menos rifles M -16. Ela se obrigou a respirar profundamente. O

helicóptero voou ao largo do vale onde Graciela vivia muito sozinha. Enviou uma poderosa luz infravermelha a um estábulo e galinheiro abandonados que havia na parte baixa da estrada.Finalmente, depois de colocar à força outra vez o jorro de luz, o desagradável helicóptero negro desapareceu, aparentemente rumo para o norte. Graciela não sabia a que ponto exatamente. Sentou-se rendida e tratou de acalmar a seus cães. Definitivamente necessitava um gole de vinho!

Enquanto Graciela corria para sua cabana, Olnwynn chamou a atenção de Inanna para o helicóptero negro.

"Marduk!", exclamou Inanna. "Como se atreve? Se chegar a tocar a Graciela, levarei-o ante o Conselho antes de que possa piscar. O que não daria para apontar minha arma de plasma para seu perfeito nariz!"

Melinar deteve esses pensamentos em Inanna. "Inanna, querida, estamos no processo de evolução. Não é apropriado que abrigue pensamentos de vingança neste momento".

"Queria envolver a esse réptil filho de.... Está bem, Melinar, vou me acalmar; estou pensando como Olnwynn".

Este riu. Agora vai jogar a culpa em mim, pensou ele, quando foi ela quem me criou para começar. "Inanna, temos que proteger a Graciela", suplicou-lhe Olnwynn.

Ina nna foi a suas telas e chamou Anu, que estava nas naves dos Etéreos com Enlil. Para Atilar tudo isto pareceu muito interessante e, quando viu que a nave nodriza dos Etéreos entrou na consciência de Inanna, com emoção se projetou a si mesmo a bordo. Imediatamente estava parado ao lado de Anu e Enlil no quarto de comunicações e nesse momento lhes estavam informando sobre o incidente do helicóptero.

"Atilar, o que faz?", gritou Inanna.

Anu respondeu pelo Atilar: "Oh, lhe permita que fique. Sempre quis falar com um de seu Eu multidimensional Inanna, e este me parece bastante apropriado. Não se preocupe pela Graciela; vou ordenar amparo imediatamente. Esse safado, embora seja meu neto não lhe permitirei que destrua o que poderia ser nossa última esperança".

"Oh , Anu, não diga essas palavras, última esperança. Muito

certamente os Eu multidimensionais de Enki, Ninhursag ou dos outros se estão aproximando para a ativação de seus gens divinos, disse Inanna.

"Bom, parece ser questão de sincronicidade e sinergia, querida. Se só um acorda, os outros que também o desejem despertarão simultaneamente. A transformação é interconectada. Cada humano está conectado a outro, e por isso cada um é parte dos outros. Todos são vitais para nossa missão".

"Você é diferente, Anu. Dê meu amor a minha bisavó Antu. Fecharei a transmissão já. Não deixe que Atilar te incomode".

Anu se voltou para seu filho Enlil com toda sua majestade e beleza. Os dois eram tão parecidos por natureza que inclusive o cabelo dourado de En lil estava começando a branquear como o de Anu. Tinha sido uma época difícil para ambos os líderes. Anu tinha perdido Nibiru e Enlil à Terra. Os dois, pai e filho, tinham passado

os últimos séculos conformando um exército de renegados para reclamar o sistema solar Pleyadense das mãos de Marduk e seus tiranos. Estavam planejando a volta e trabalhavam ombro a ombro com o Conselho e muitos

outros líderes pleyadenses que também estavam no exílio. Mas primeiro terei que curar as feridas que a família de Anu tinha causado ao planeta Terra.

Anu e Enlil, assim como Enki e os outros, tinham sido obrigados a pensar introspectivamente. Tinham que chegar a um acordo com a etapa adolescente de sua evolução e tinham que mudar o suficiente para ir além da tirania. Anu e Enlil foram para a porta e ordenaram a Atilar que os seguissem para encontrar-se com os Etéreos.

XVI .- A NAVE NODRIZA

Anu e Enlil, seguidos por Atilar entraram no salão central de reuniões da nave etérea. Ao redor de uma mesa grande e ovalada, estavam sentados três etéreos: o capitão, o engenheiro chefe e o diretor de comunicações. Atilar se maravilhou dos corpos dos etéreos; a primeira vista pareciam sólidos, mas quando lhes olhava de perto, era óbvio que realmente eram transparentes ou possivelmente translúcidos. Suas formas físicas poderiam descrever-se como moléculas que vibravam a diferentes freqüências para emitir muitas aparências diferentes de densidade. Era como se eles pudessem modificar suas freqüências e adaptar-se a qualquer nível de vibração. Eram mais formosos que qualquer raça que Atilar tivesse visto. Sua inteligência fina e aprazível dava a seus rostos uma beleza estrutural que nenhum humano possuía, nem sequer a desafortunada sacerdotisa de Atilar.

O interior da nave era limpo, elegante e muito funcional. A luz saía das paredes. Havia aqui um matrimônio perfeito entre a tecnologia e a arte. Atilar nunca tinha visto algo assim. A nave devia medir muitos quilômetros de diâmetro, era muito maior do que se via na tela de Inanna e a bordo havia centenas, possivelmente milhares de seres.

Anu falou com o capitão: "Senhor, o tirano deus Marduk enviou um helicóptero negro para atormentar a um dos Eus multidimensionais da senhora Inanna. Ela mostrou potencial para uma futura ativação de seu DNA e recordou a muitos de seu outros Eus, os quais estiveram em comunicação entre eles e

também com a Inanna. Eu quero lhe pôr fim a esta perseguição. De novo Marduk viola a lei de não interferência. Solicito que sobre a área de Montanha Perdida se coloque uma cúpula de luz protetora e que seu chefe de comunicações esteja pendente da moça. Parece-nos que ela é muito valiosa para o processo de transformação e o futuro possível".

"Sim, é obvio, Anu. Nos encarregaremos disso imediatamente". O capitão fez um gesto ao diretor de comunicações e ao engenheiro chefe que saiu da sala para fazer os preparativos pertinentes à cúpula protetora.

"Quem é esse que está com vocês?", perguntou o capitão a Anu. "Este é um dos Eu multidimensionais da Inanna; acredito que se chama Atilar. É correto?", perguntou Anu.

"Assim é, esse é meu nome. Sou da época da Atlântida, de antes da grande corrupção de poder que se apresentou lá. Os dados de minha vida são basicamente os de um adepto. Durante toda minha vida procurei o controle de mim mesmo e obtive muita grandeza, mas como nunca me permitiram sentir, o desequilíbrio me impulsionou a arrebatar a virgindade a uma jovem sacerdotisa de quem me tinha apaixonado. Como conseqüência desse crime me executaram".

O capitão olhou profundamente Atilar e com muita compaixão disse: "meu filho, esse é o estilo das freqüências de densidade inferior. A intensidade dos anéis materiais da Terra e outros lugares similares tende a gerar experiências

desequilibradas que freqüentemente conduzem à tragédia. Estes mundos de densidade inferior são os lugares que lhe dão o Primeiro Criador a oportunidade de aprender, de provar-se a si mesmo em meio das vastas ilusões de sua separação. Você deve ser como o Primeiro Criador; te perdoe a ti mesmo e assimila as extravagâncias dos dados de sua vida. Então poderá te mover para outros mundos "Mas ainda não", interpôs Anu, "agora estamos jogando a liberar para jogar na eternidade".os humanos de seus tiranos".

"Sim, estou começando a compreender". Atilar adorava a nave nodriza; sentia-se extraordinariamente bem. "Queria permanecer aqui e aprender de vocês tudo o que possa. Meus antecedentes como modulador de cristais de freqüência me motivam a me interessar muito por sua nave e a tecnolog ia etérea. A menos que Inanna me chame ou me necessite. Como ela é minha criadora, ainda desejo lhe servir em tudo o que possa".

Anu olhou para o capitão procurando sua aprovação para que Atila r ficasse. Este concordou e disse que seria interessante ter a bordo um ser humano do planeta Terra, embora esteja desencarnado. Possivelmente todos podiam aprender de todos e eles queriam explorar o potencial humano com alguém das qualidades de Atilar.

Atilar estava feliz; com seu vocabulário tratou de expressar seussentimentos, mas não pôde. A nave em si mesmo possuía um nível de freqüência de ser tão inédito que Atilar não tinha podido encontrar as palavras para expressar as sutilezas de seus pensamentos.

O capitão leu a mente de Atilar e disse: "Já tem descoberto um de nossos dilemas. Como nos comunicamos com seres cuja freqüência não vibra com a mesma sutileza que a nossa?"

Abriu-se a porta e entrou um homem, com seu braço ao redor de uma mulher incrivelmente formosa. O capitão os apresentou: "Quero que conheçam a Dama das Granadas e a seu marido, o comandante Naemon. Eles são da família de Lona, uma grande dinastia de pleyandenses que tiveram a má sorte de ter sido conquistados por aquele que também atormenta ao planeta Terra. Eles estão aqui pela mesma razão que vocês, Anu e Enlil, para observar o progresso da espécie humana e para ajudar em tudo o Atilar não pôde deixar de contemplar à Dama das Granadas; que seja possível".parecia-se muito a sua sacerdotisa. Sua pele era suave e branca e irradiava saúde. Seus olhos eram de cor verde esmeralda. Mas foi seu cabelo o que mais o impressionou. Era vermelho escuro com reflexos de cobre. De conformidade com seu título, ela estava coberta de granadas que davam a volta em seu atraente pescoçoe estavam habilmente costurados por toda sua vestimenta. Ela era muito bonita e seu marido, o comandante, era o par perfeito: de aparência agradável e forte. Era evidente que a adorava. Fez um gesto a Anu a quem obviamente conhecia e olhando Atilar perguntou: "Quem é este ser tão encantador?" Não era comum ver um terrícola, inclusive a um sem corpo, a bordo da nave e por isso a curiosidade da dama despertou.planeta Terra. É um dos EuO capitão respondeu: "Este é Atilar, que acaba de chegar do s multidimensionais da Inanna e solicitou permanecer na nave com o fim de aprender".

"Um dos Eus da Inanna? Oh, que emocionante", respondeu a dama. "Inanna e eu somos muito amigas. Quando eu era menina estava acostumada a assistir às festas de sua bisavó Antu, em

Nibiru. Ela e eu fomos umas meninas de muita imaginação e muitas aventuras. Nossas personalidades são muito

similares. Eu a estimo muito e eu adoraria ensinar sobre a nave a Atilar".

"Não seria isso interessante, querido?" Atilar se deu conta de que o comandante se alegrava de fazer o que sua linda mulher desejasse."É obvio, meu anjo". O comandante apertou sua delicada mão. Então Atilar fez um percurso pela nave com seus novos amigos enquanto Anu, Enlil e o capitão etéreo foram checar a cúpula que se estava planejando sobre Montanha Perdida no Noroeste do Pacífico.

Graciela saiu prazerosamente da cama. Não tinha dormido muito bem depois de que o helicóptero partiu. Começou a moer muitos grãos de café e o som do moinho lhe recordava os motores do helicóptero. Meu Deus, do que se tratava todo isso? Acima de tudo ela estava furiosa. Como se atreve a voar por cima de sua casa dessa forma e a arrojar essa maldita luz em seu quarto? Havia algo que pudesse fazer?

Sentou-se junto ao telefone com uma xícara de "espresso" escuro e forte e começou a procurar nas páginas amarelas. Chamou a todas as agências do governo e aos aeroportos que pôde. Mas sempre era a mesma resposta: não havia nenhum prova litográfica de vôos de helicópteros a noite anterior, nada, zero. Absolutamente nada. Quase todos a deixavam esperando, logo a transferiam a outra pessoa. Demoravam uma eternidade. Inclusive chamou à Agência de Controle de Drogas. Ah, eles foram muito serviçais. Pediram-lhe que os chamasse de novo em caso de que o helicóptero retornasse. Pensaram que se tratava de narcotraficantes canadenses e lhe agradeceram.

A única pessoa que lhe ajudou foi um piloto retirado que trabalhava em um dos pequenos aeroportos locais. Disse- lhe que esquecesse tudo, que nunca, para dizê

-lo claramente, nunca averiguaria quem eram ou por que estavam lá. O que viu simplesmente não tinha acontecido. Também mencionou algo muito estranho. Graciela lhe havia dito que ela sabia que não era um ovni posto que o helicóptero fez muito ruído e os ovnis eram silenciosos. Mas ele a desconcertou dizendo: "Não todos!"

Para o meio-dia Graciela tinha esgotado todas as possibilidades. Se nem a Armada, nem a Agência de Controle de Drogas, nem a Força Aérea lhe queriam ajudar, por que incomodar-se? Decidiu ir ao povoado e procurar algo para almoçar. Colocou seus cães na

caminhonete e desceu pelo caminho de terra afastando-se de Montanha Perdida até chegar ao povo

ado próximo. Estava

cansada, zangada e tinha fome. Atormentava-a a idéia de não

poder averiguar quem eram os intrusos. E se retornarem?

Deteve-se para visitar alguns de seus novos amigos e lhes contou

a história. Não acreditaram e se perguntavam o que estava

fazendo uma garota tão bonita como Graciela vivendo sozinha em

Montanha Perdida. Pareceu - lhes que era uma garota muito

estranha. Foram muito amáveis, mas não lhe puderam dar

nenhuma ajuda. Graciela sabia que, como de costume, estava

sozinha.

Quando retornou à sua cabana, deu-se conta de que havia

mensagens em sua secretária eletrônica. Sentiu um pouco de

esperança, possivelmente alguém a tinha chamado com

informação. Apertou o botão para escutar suas mensagens, mas

não havia vozes, só um som totalmente desconhecido. Ela escutou

com atenção e tratou de identificar o ruído. Era tão misterioso,

como... o que era isso? Como uma espécie de máquina de

costurar que fazia eco em um anfiteatro enorme, ou como o zumbido suave de motores. Soava como, bom, sim.... soava como o interior de uma espaçonave gig ante. Mas como podia sabê-lo? De algum modo sabia; de algum modo sabia que estava escutando sons que procediam do interior de uma nave, uma nave que estava em algum lugar do espaço exterior.

Toda a fita da secretária eletrônica continha os ruídos estranhos. Ela se sentiu muito melhor. Essa noite enquanto dormia sonhou que seu pequeno vale estava coberto por uma cúpula de energia invisível que protegia a ela e a seus cães de qualquer intruso. A algum lugar além de Saturno. Graciela dormiu muito bem cúpula saía de uma espaçonave enorme que estava no espaço, em protegida por esta luz de amor que vinha de cima do planeta Terra.

Inanna e Melinar sorriram do ovalóide transparente, que estava no profundo da Terra. Que bom era ter amigos nas altas esferas.

XVII. - FUSÃO

Na manhã seguinte, Graciela foi ao bosque de cedros. Era um daqueles dias que se podem apresentar em qualquer época do ano no Noroeste do Pacífico, na primavera ou no inverno. Nesta Costa a este tipo de dia lhe chama Veranico de São Martín. O sol

brilhava e fazia calor, o céu era azul claro e uma brisa penetrante e fresca jogava com os cedros e fazia que a luz do sol dançasse através das árvores e suas folhas verde pálidas. A neblina e o pó se levantavam do piso do bosque como mágicas colunas de fumaça.

Graciela se deitou sobre uma grossa capa de musgo e sentiu a força da Terra. Relaxou com a sensação de que se aproximava de seu verdadeiro lar, ao lar que está dentro. Seus cães se acomodaram a seu redor da maneira protetora usual. Os dois riam felizmente ao estar em um lugar tão maravilhoso; era como se sentissem que algo especial estava a ponto de acontecer e Graciela sorriu ao vê-los tão felizes.

Ela olhou ao redor do bosque e viu Inanna parada ao lado de uma bela árvore antiga. Já confiava e amava a esta dama sábia e formosa de pele azul que estava parada olhando com amor a Graciela e seus cães. Era um lindo dia que recordava a Inanna as épocas felizes quando sua vida tinha sido tão singela, quando tinha sido a menina malcriada e adorada da família de Anu. Melinar estava com ela e seus brilhantes fulguravam.

Inanna se concentrou no Ser de Luz radiante que lhe tinha aparecido no ovalóide da velha Mulher Serpente e o chamou ao bosque de cedros, a este tempo e a esta dimensão. Ante os olhos da Graciela tomou forma o ser mais formoso que tinha visto. O Ser de Luz era feito de luzes radiantes chamativas, era um espectro de cores diferentes douradas, de azuis e cores rosadas, todas saíam

como disparos, como se fossem fótons que se reagrupam permanentemente para seu próprio prazer. Só olhar este espetáculo deixou Graciela sem fôlego. Lágrimas de gozo desceram por seu rosto. Melinar explodiu de energia e Inanna sentiu uma paz e alegria incomuns.

Graciela perguntou: "Quem é você?"

repercutia nas harmonias dos reino angélicos. "Eu sou você, O Ser de Luz começou a falar com uma voz melodiosa que Graciela, sou Inanna e tudo o que ela foi, todos os seus Eu s. Eu sou Olnwynn e Atilar, sou Donzela do Céu e Chandhroma, sou todas as expressões que vieram da mente do Primeiro Criador através de mim e de minha querida Inanna".

Graciela começou a duvidar de seus olhos e ouvidos. Ela pensou que certamente nunca seria tão extraordinariamente bela ou maravilhosa como este ser que agora estava frente a ela.

O Ser respondeu aos pensamentos da Graciela: "Minha doce menina, eu sou o que você sempre foste. Recorda quem é,

recorda quem somos, Inanna e eu. Não julgue a ti mesma. Quando você julga, retira

-te de nós. Nós não julgamos.

Recordamos, somos e sempre fomos um: um ser, um corpo.

Recorda".

Graciela sentiu que o temor tomava conta de seu corpo, o temor ao desconhecido. De novo, o Ser falou com o coração da Graciela: "Eu sou o que você sempre foste, amada. Não é necessário que sinta temor. Seu sistema de circuitos está agora alinhado para ter uma melhor recepção. Ao abandonar sua programação de temor te abrirá para novas

realidades possíveis e nos autorizará a transmitir uma onda de mudança a seu ser, a todas as suas células. Mas tem que te abrir, tem que nos permitir que lhe ajudemos. Não podemos ir aonde não somos convidado, e não podemos interferir a menos que você nos peça que lhe ajudemos a limpar a programação limitada de seus códigos genéticos. Desejamos chegar a ser conscientemente um com você".

Graciela olhou a Inanna que obviamente delirava de felicidade, e ao Melinar que parecia girar mais rápido que a velocidade da luz. No deserto havia uma tênue luz dourada. Tudo o que normalmente parecia ser sólido, vibrava com luz e aparentemente era translúcido.

Ou será que as coisas realmente são sólidas e oscilam com a energia da luz?O Ser falou de novo: "Você vê a matéria como energia vibrante porque isso é o que é. Apaga sua programação de temor, amada. O temor e a dúvida são interruptores de circuito, o amor é um intensificador. Nós somos amor, o amor do Primeiro Criador. Te abra a nós e solta seu temor. Sua vida e suas expressões se incrementarão além do que te tenha imaginado."Nunca esteve separada de nós, amada. Está dentro de nós e nós dentro de ti. Como esses brinquedos russos que encaixam um dentro do outro, nós todos somos parte do outro. Em outras épocas muitos dos outros Eus multidimensionais começaram a recordar, mas é agora, neste tempo e espaço que você, Graciela, começa o processo de unificar todas as experiências dos Eusprojetados pela Inanna. Todos os dados de vida de diferentes Eusvêm por volta de ti agora porque você procuraste a verdade e agora é o momento. A coragem e a paixão de todos aqueles que estão dentro de ti ativarão o que esteve latente dentro de seus códigos genéticos, irradiando assim um gozo contagioso a todo o planeta".

Graciela sentiu uma brisa suave q ue acariciou seu rosto enquanto as lágrimas corriam por sua face . Nunca tinha

estado tão feliz em toda a sua vida. Era como se toda a dor que levava dentro tivesse saído e nesse lugar o ocupasse algo novo. sentiu-se amada e o poder desse amor iniciou uma reação nuclear em todo seu sistema metabólico. Sentiu que suas células explodiam, que faziam borbulhas dentro dela. Nunca antes tinha experimentado algo

assim.

Olhou a seu redor e se deu conta de que o bosque estava repleto de seres, alguns eram os Eu s multidimensionais da Inanna, ou as vidas passadas da Graciela, as quais não eram de todo passadas, porque como ela o via claramente, estavam todos aqui, agora. E se fundiam com ela enquanto conservavam seus Eus separados.

Olhou Olnwynn, o maravilhoso guerreiro celta, até bonito, que sorria de orelha a orelha. Escutou-o dar seu grito de guerra e sentiu que sua coragem se fundia dentro dela. Chandhroma dançou frente a Graciela; os sinos de prata que rodeavam seus tornozelos delicados soavam com deleite. Os movimentos garbosos da Chandhroma inspiraram a Graciela a recordar o que seu próprio nome significava: graça. Sua mãe lhe tinha posto esse nome porque sempre havia dito que Graciela tinha vindo pela graça de Deus. Inclusive em meio de sua própria infelicidade pessoal, sua mãe tinha tratado de amá-la e lhe tinha dado presentes inestimáveis. Graciela chorou ao pensar em tudo isto. A vida podia doer tanto!

Atilar caminhou para a Graciela e entrou em seu ser. Estava ansioso de retornar à nave nodriza, mas sabia que este momento era mais importante. Ele tinha sido um professor da concentração e seu conhecimento da variação das freqüências de poder nos cristais tinha muitas outras aplicações potenciais. Graciela absorveu este entendimento e a sabedoria que Atilar tinha todo seu coração e estava decidido a encontráadquirido de sua queda. Ele ainda

amava a jovem sacerdotisa com -la em algum lugar da imensa extensão do tempo para ajudá - la como melhor pudesse .Apareceu Donzela do Céu. Sentia-se muito a gosto neste bosque posto que amava a Terra e o céu. converteu-se em uma com os céus para atrair suas bênções para a Terra, o campo e o bosque.

Benzeu a Graciela e lhe deu a sabedoria de sua vida como índia.

Foi uma união muito natural para as duas; o sangue da tribo da

Donzela absorvia os dados da vida da Donzela do Céu, seu amor pelos ainda corria pelas veias da Graciela. Ela sentiu que

céus e seu amor perdido, Pluma de Fogo; a tristeza da perda e a paixão pela vida.

Cada um dos Eu da Inanna se dissolveu na consciência da Graciela e cada um lhe trouxe dons. Merwyn lhe trouxe sua paciência e amor pelo conhecimento, Raquel sua pureza inocente e Tenzin suas visões místicas e artísticas. Graciela estava plena, seu corpo estava aceso; o fogo que queima mas que não consome. Inanna tocou meigamente o rosto da Graciela e desapareceu na neblina do bosque. Os outros também se desvaneceram. Algu ns não eram Eu multidimensionais da Inanna e estavam ali só para observar. Graciela nunca os tinha visto antes e não sabia quem eram. Para sua surpresa tinha estado ali uma linda mulher de cabelo vermelho ondulado que estava coberta de granadas. Tinha que lembrar-se de perguntar a Inanna quem era esta dama, mas não agora. Já se estava sentindo um pouco cansada e tinha muita fome. Era hora de ir a casa.

Os cães saltavam de retorno a casa; pensavam na sopa de frango e o pão com manteiga quente. Guiaram Graciela pelo atalho que conduzia à cabana. Que dia!, Pensou ela. Que dia tão surpreendente, mágico e maravilhoso! Perguntou-se se assim seria o gozo supremo.

XVIII .- PÓ CÓSMICO

Marduk estava sentado na sala de controle principal observando a tela da unidade exploradora das fontes de energia. A população da Terra produzia continuamente o necessário para que alimentassem ele e suas legiões: temor, culpa e ansiedade, as energia sutis das quais se alimentavam suas tropas. Estava esperando que lhe servissem champanha e caviar, de modo que quando

abriu-se a porta se surpreendeu muito ao ver a expressão no rosto de seu servente que chegou com as mãos vazias.

"Mestre, sobre a área de Montanha Perdida colocaram uma cúpula protetora de luz de alta freqüência. Não estamos seguros de sua fonte, mas pensamos que vem de uma nave nodriza etérea localizada além da órbita de Saturno".

Marduk sentiu sua adrenalina réptil agitando-se por todo o corpo. Como se atrevem? Esses malditos etéreos não bloqueariam tão facilmente sua missão de reconhecimento. Enviaria um par de suas naves de guerra para rebater a cúpula protetora. Duas ou três rajadas de radiação de suas armas de plasma destruiriam a

cúpula com facilidade. Deu as ordens e pediu seu champanha. Sentou-se de novo frente a suas unidades exploradoras e amaldiçoou aos etéreos, algo que simplesmente não se faz.

Era de noite em Montanha Perdida. Os céus estavam transparentes e Graciela sentia algo que as palavras não podiam expressar. Acendeu as velas em sua cabana, sentou -se junto à janela e olhou para a noite. Tudo se via tão diferente; era como se nunca antes tivesse visto as estrelas.

Graciela se perguntou como tinha começado Inanna a empreender sua viagem multidimensional. Inanna pôs em ação seu enfoque e chamou à primeira de suas excursões de carne e sangue, ou seja ao ser de túnica branca que lhes tinha mostrado uma coluna de luz aos buscadores no Himalaia. Ensinou a Graciela o círculo e lhe permitiu sentir o poder do amor que aquele ser tinha sentido pelos que estavam no círculo. Inanna se tinha entregue a eles e tinha chegado a amá-los profundamente. E, como nos convertemos no que amamos, ela se converteu em parte

deles. Formar estes seres tinha sido a experiência mais satisfatória que tinha conhecido até esse tempo.

Inanna explicou: "Todos os seres que estão nesse círculo foram a fonte do amor que gerou tanta paixão dentro de todos os meus Eus multidimensionais. E alguns dos que estão no círculo são as mesmas pessoas que meu Eu amaram e que se afetaram mutuamente no tempo e no espaço".

Graciela viu Inanna como o ser de túnica branca que havia sentido tanto amor que se atreveu a descender às densas freqüências da Terra em um corpo humano. Não sentiu temor quando viu que saíam ondas de energia das mãos que estavam dentro da túnica branca. Estas ondas se moveram com ternura para ela e a encheram de ser. Graciela se abriu.

No olho de sua mente, Graciela viu os brilhantes mudarem em todas as

medida que as ondas a banhavam, cada célula de seu corpo suas cores; a temperatura de seu corpo aumentava e à começava a vibrar a uma freqüência mais alta e a converter-se em luz. Graciela estava se convertendo em luz: não luz refletida, a não ser luz de sua própria fonte, de dentro.

Sentia que se estendia, expandia-se para o universo. Recordou a todos os Eus de Inanna, ao Olnwynn, Donzela do Céu, Tenzin e os outros. Todos vieram a ela e sorriram porque estavam nela e eram parte de seu processo. O que ela experimentava, eles o sentiam. Graciela sentiu uma unidade, não só com os Eus mas também também com a Inanna e mais à frente com a Terra, com os

cedros altos, com as estrelas e o universo. Transformou-se em um sentimento de gozo inefável quando soube,

simplesmente soube, que era uma com toda a vida, contudo, converteu-se no gozo

mesmo.

Graciela começou a rir. Uma risada tenra e afetuosa a rodeou e, como a risada é contagiosa, Inanna começou a rir com ela. As duas garotas riam, riam e riam.

As duas começaram a sentir algo novo. No mesmo momento sentiram que, como eram uma com tudo o que havia na criação, também eram uma com Marduk. Não só era ele parte delas mas também o amavam. De um modo incrível, Inanna sentiu amor por Marduk, até viu sua beleza. Esse amor proporcionou às duas a sabedoria para saber que Marduk não somente era a projeção inconsciente da loucura tirânica dos filhos de Anu, mas sim também era parte do Primeiro Criador.

Marduk era a porção de energia que permitia que sobre a Terra, na espécie humana, apresentasse uma comédia mágica, uma ilusão de limitação com o suficiente poder de criar uma forma de vida completamente nova, um novo código genético que levava possibilidades novas e potenciais afrescos para a criação.

A tenra risad a da Inanna e da Graciela ressoou por toda a Terra até o céu. A força de seu gozo se pulverizava simultaneamente assim que os outros que também procuravam a verdade estavam por toda a Terra e além dela. A consciência não tem barreiras, sentindo exatamente o mesmo no exato momento. Os Eus multidimensionais de Enki e Ninhursag, assim como os de outros membros da família de Anu, começaram a rir. Também outros ficaram afetados por este contágio da verdade, gente que eram de outras formas de vida e também terrícolas; todos riam em seu novo conhecimento.

O processo tinha começado. A verdade os tinham feito livres.

Marduk derramou seu champanha. Enfrentou-se a uma visão terrível: nas telas de suas unidades exploradoras se viu evidência repentina de uma diminuição enorme na produtividade. Em menos de um minuto da Terra o fornecimento de temor tinha diminuído de uma forma alarmante. Saltou de seu trono dourado e machucou o dedo do pé, bom, sua garra.

Tinha que haver um engano; o extenso fornecimento de recursos não pôde ter diminuído

tão rapidamente. Começou a gritar a seus serventes e a pressionar toda classe de botões eletrônicos de alarme. Estava enlouquecendo; seus olhos se incharam e seu rosto se desfigurou. Gesticulava como um louco e gritava a seus

clones. Mas Graciela e todos os outros estavam por cima dele, já não os podia controlar ou machucar porque tinham trocado seus códigos genéticos e se afastaram de sua freqüência. Eles já vibravam em meio de um espectro que ele nem sequer podia ver, muito menos tocar.

Atilar tinha retornado à nave nodriza e estava com o comandante e sua Dama das Granadas. Todos estavam emocionados pelo que estava acontecendo na Terra. A Dama tinha decidido projetar Eus multidimensionais em diferentes coordenadas de tempo/espaço para unir-se à alegria de sua amiga Inanna. Naturalmente o comandante se uniria a ela, pois era tão protetor de sua amada. Tinha começado uma nova tendência e muitos outros seguiriam este curso de ação

De volta à Montanha Perdida, Graciela olhou o relógio. Eram quase quatro da manhã e ainda estava escuro. As estrelas logo começavam a empalidecer. Ela se sentia cheia

de energia e lhe ocorreu que seria maravilhoso ir dar u m passeio. Jogou algumas roupas em sua mochila, chamou a seus cães e todos se dirigiram ao caminhão. Enquanto desciam pelo caminho de terra que dava começo à montanha, Graciela pensou quão agradável seria descer pela estrada aberta à meia- noite e sentir o vento sobre seu cabelo.

Sim, pensou Graciela, irei à qualquer cidade, e daí irei a outra levando comigo a Onda dentro de mim e oferecendo-a, simplesmente com o fato de estar aí, a todo aquele que a queira. Qual era o dito? "O que terá que fazer, é ser" Sim, isso! Em vozbaixa começou a cantarolar pedaços dessa velha canção gospel da Guerra Civil, Amazing Grace.

Os cães brigavam pela janela. Eles compartilhavam sua felicidade e sempre estavam preparados para qualquer aventura. Enquanto desciam pelo caminho de terra, a caminhonete de Graciela levantava pó; mas esta noite era pó cósmico.

XIX. - DEPOIS

Era hora de reunir-se com o Conselho da Federação Intergaláctica. Deviam assistir Inanna e Anu com os outros membros da família, Enki, Ninhursag, Ninurta, Ereshkigal e todos os outros com exceção de Marduk.

Inanna estava muito emocionada porque tinha tantas coisas para informar. Por fim seus Eus multidimensionais estavam progredindo muito bem e a verdadeira mudança estava começando, graças à Onda e a tantos outros fatores. Não podia esquecer de agradecer aos etéreos por proteger a Graciela. Inanna se sentia regozijada com essa felicidade que chega com a realização, e também com essa nova sensação de unidade que ela e Graciela tinham descoberto. A vida era boa; Inanna se via

mais bonita que nunca. sentia-se plena e sua suave pele azul resplandecia.

Inclusive Enlil tinha felicitado a Inanna e Anu a tinha beijado carinhosamente. Ele sempre tinha amado a sua Inanna. Antu também estava lá; não queria perder toda a emoção do momento. Também estava a possibilidade de conhecer novos amigos e convidá- los a suas festas. Esta era uma grande celebração.

Anu e Enlil estavam preparados para discutir as possibilidades de transladar aos líderes exilados outra vez às Pleyades. Ainda havia muito trabalho por fazer mas tinham chegado muito longe e Enlil já estava planejando a log ística da operação. O punho de ferro da tirania estava começando a afrouxar em todas as galáxias. Era hora de que começasse uma nova idade dourada; tinha chegado seu final ao Kali Trampa, a idade da escuridão. O Primeiro Criador estava evoluindo como sempre.

Inanna estava de pé olhando os outros no salão intergaláctico. Sentia-se muito feliz e não estava pensando em nada particular, quando sentiu uma presença atrás dela. Por seu corpo passouuma sensação calorosa e sentiu que alguém respirava muito perto dela.

Lentamente deu a volta em resposta a esta energia sutil que começava a atrair toda sua atenção. Aí estava ele, o homem maravilhoso que tinha desejado conhecer desde fazia tanto tempo. Inanna o olhou nos olhos; eles dançavam com sabedoria e humor e eramreminiscência, mas não socomo diamantes na noite. Sentiu uma profunda ube por que. O silêncio tomou conta dela .

Ele estendeu sua mão para ela e sorrindo disse: "Permita me apresentar."

***